

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

AMANDA RIBEIRO DA SILVA

ENTRE VERSOS E VIOLAS: história e memória do projeto cordel nas escolas (1990-2007)



**TERESINA
2016**

AMANDA RIBEIRO DA SILVA

ENTRE VERSOS E VIOLAS: história e memória do projeto cordel nas escolas (1990-2007)

Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, como exigência para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria do Amparo Borges Ferro.

TERESINA
2016

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação
Serviço de Processamento Técnico

S586e Silva, Amanda Ribeiro da
Entre versos e violas [manuscrito]: história e memória do
projeto cordel nas escolas (1990-2007) / Amanda Ribeiro da
Silva. – 2016.
124 f. : il.

Cópia de computador (printout).
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade
Federal do Piauí, 2016.
Orientação: Prof^a. Dr^a. Maria do Amparo Borges Ferro.

1. Educação – História – Memória. 2. Literatura de
Cordel. 3. Cultura Popular. I. Título.

CDD: 370.981 22

AMANDA RIBEIRO DA SILVA

**ENTRE VERSOS E VIOLAS: HISTÓRIA E MEMÓRIA DO PROJETO
CORDEL NAS ESCOLAS (1990-2007)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), na linha de pesquisa: Educação, movimentos sociais e políticas públicas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro

Teresina-PI, 23 de fevereiro de 2016

BANCA EXAMINADORA

MB Ferro
Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro
(Orientadora – UFPI/CCE/PPGE)

Francis Musa Boakari
Prof. Dr. Francis Musa Boakari
(Examinador interno – UFPI/CCE/PPGE)

Stela Maria Viana Lima Brito
Profa. Dra. Stela Maria Viana Lima Brito
(Examinadora externa – UESPI)

BM Mendes
Profa. Dra. Bárbara Maria Macedo Mendes
(Examinadora interna suplente – UFPI/CCE/PPGE)

Odaléia Alves da Costa
Profa. Dra. Odaléia Alves da Costa
(Examinadora externa suplente – IFMA)

DEDICATÓRIA

A todos os cordelistas e cantadores do Piauí que mesmo diante das dificuldades lutam para manter viva a tradição da literatura de cordel. E aos meus pais, Edna e José, por representarem para mim um porto mais que seguro.

AGRADECIMENTOS

Independente do som de qualquer música, todos são representados pelas sete notas musicais:

DÓ- a primeira delas me faz lembrar de Deus, a causa primária de todas as coisas, ao qual agradeço pela bondade infinita, por restaurar minha fé todos os dias, mas principalmente por soprar aos meus ouvidos quanto eu sou capaz de realizar meus sonhos.

RÉ- leva os meus pensamentos a minha família, principalmente aos meus pais, Edna e José, por quem sou eternamente grata pelos ensinamentos de vida, coragem e determinação. Que mesmo na correria diária não esquecem um só de dia de pedir bênção ao céu pelos seus filhos. A minha tia Onésia, amiga e conselheira, pelo amor e respeito dedicados a mim. Ao Rafael, pelos auxílios sempre pontuais e nossa união durante essa caminhada. Ao meu noivo Emerson, pelo amor, paciência e por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditei. Esse título é nosso!

MI- esta terceira nota é tocada com muita sapiência pela minha orientadora, Maria do Amparo Borges Ferro, que, com sua paciência guiou-me no árduo caminho da pesquisa. À banca examinadora da qualificação, Prof^ª. Dr^ª Conceição Carvalho, pelas contribuições valiosas ao meu trabalho, ao Prof. Dr. e amigo Ednardo do Monti, por tamanho carinho na análise dos meus escritos e pelos indispensáveis conselhos sobre história da educação. A banca de defesa, Prof. Dr. Francis Boakari, pelas inúmeras indagações que me fizeram pensar o trabalho de maneira mais coerente. À Prof^ª. Dr^ª Stela Viana, pela atenção e contribuições sobre o universo da cantoria e do cordel.

FÁ- é dedicada as minhas amigas inspiradoras, Edilene e Vilma, pelo auxílio desde a graduação e por me impulsionarem a voos altos. A Solange a qual chamo carinhosamente de Sol, pelos ensinamentos sobre companheirismo e lealdade. A minha prima Adélia, pelo apoio sempre que necessário.

SOL- ao NHEME, Núcleo de História e Memória da Educação pelas quintas-feiras recheadas de conhecimento e diversão. Em especial a Marta e a Cristiane pela amizade duradoura e pela ajuda de sempre.

LÁ- as minhas “VOZES DO CORDEL”, Zózimo Tavares, Ismael, Leticia, José Neto, Pedro Costa, Luís Costa, Pedro Mendes Ribeiro, por emprestarem suas memórias ao meu trabalho de dissertação. Agradeço também por trazerem brilho aos meus olhos ao ler sobre suas fascinantes histórias.

SI- Aos meus alunos do estágio docência do Curso de pedagogia, com os quais passeamos pelos cenários históricos de nossas aulas e por me receberem em seus corações de maneira tão carinhosa. A minha amiga Sheyla, por escutar minhas angústias, pela atenção e pela amizade verdadeira. A Marina, por conseguir arrancar sorrisos quando o desânimo insistia em tirar o brilho do meu dia.

DÓ- e voltando ao ciclo, à 23ª TURMA de mestrado, a mais TOP do programa de pós-graduação em educação, pela força, carinho e união durante esses dois anos. Em especial, a Jelma, Kely, Kricia, Anne, Luzirene, Déborah, Lucivando e Luís Eduardo, foi com vocês que vivi os momentos mais especiais deste mestrado. E por fim, à CAPES por tornar possível essa pesquisa.

E assim, ENTRE VERSOS E VIOLAS encontrei inspiração para colocar em palavras um dos sentimentos mais sublimes do ser humano: A GRATIDÃO!

RESUMO

Neste estudo de natureza historiográfica investiga-se a história e a memória do Projeto Cordel nas Escolas (1990-2007). O objetivo geral é analisar a contribuição do Projeto Cordel nas Escolas para o desenvolvimento da cultura cordelista no espaço escolar. E como objetivos específicos; 1) Identificar os motivos que levaram à idealização do Projeto Cordel nas Escolas; 2) Conhecer as expectativas geradas em torno do Projeto pelos cordelistas colaboradores; 3) Descrever o Projeto Cordel nas Escolas, desenvolvido na rede pública de ensino na cidade de Teresina; 4) Caracterizar a cultura cordelista no espaço escolar; 5) Traçar o perfil do aluno/autor dos cordéis. A preocupação principal está ancorada na seguinte questão: Qual a contribuição do Projeto Cordel nas Escolas para o desenvolvimento da cultura cordelista no espaço escolar? O aporte teórico da pesquisa está baseado em autores da Nova História Cultural como: Burke (1992 e 1989) e Chartier (1990) em Memória com: Félix (1998); Halbwachs (1990), Bosi (1994); na História Oral: Alberti (2004), Delgado (2010), Freitas (2002) e Meihy (1998); na literatura Ferro (2010) e Queiroz (2008) e na Literatura de Cordel: Costa (2010), Galvão (2006), Luyten (2007), Megale (2003) entre outros. Quanto à metodologia, os depoimentos serão o ponto central das análises, uma vez que utilizou-se a história oral como método, mais especificamente a história oral temática que se interessa apenas por eventos específicos da vida do entrevistado. As fontes utilizadas na pesquisa foram hemerográficas: jornais disponíveis no Arquivo Público de Teresina e orais: entrevistas com alunos e cordelistas que participaram do projeto cordel nas escolas e um vendedor de cordéis. Os resultados da pesquisa demonstram que o Projeto Cordel nas Escolas foi um importante aliado na revitalização da literatura oral além da possibilidade de ser incorporado na sala de aula como facilitador do processo de ensino/aprendizagem. Os motivos da idealização do Projeto consistiram em aproximar a cultura cordelista do espaço escolar e manter viva a tradição cultural da literatura de cordel. Por fim, constatou-se que a representação coletiva se faz presente no discurso dos alunos/autores dos folhetos.

Palavras-chave: Educação. História. Memória. Literatura de cordel.

ABSTRACT

In this study of historiographical nature we investigate the history and memory of the cordel project in schools (1990-2007). The overall objective is to analyze the contribution of Cordel in Schools project for the development of cordelista culture at school. And the following objectives; 1) Identifying the reasons that led to the idealization of Cordel Project in Schools; 2) Knowing the cordelists contributors' expectations about the project; 3) Describing the cordel project in schools, developed in the public school system in the city of Teresina; 4) Distinguishing the cordelist culture at school; 5) Drawing the profile of the student/author of cordéis. Our main concern is rooted on the following question: What is the contribution of Cordel Project in Schools to the development of cordelist culture at school? The theoretical contribution of the research is based on the authors of the New Cultural History such as: Burke (1989); Le Goff (2001) and Chartier (1992 and 1989) in Memory with: Felix (1998); Halbwachs (1990), Bosi (1994); in Oral History: Alberti (2004), Delgado (2010), Freitas (2002) and Meihy (1998) in Iron literature (2010) and Queiroz (2008) and Cordel Literature: Costa (2010), Galvão (2006), Luyten (2007), Megale (2003) among others. As for the methodology, the testimonials will be the central point of the analysis, since we use oral history as a method, more specifically the oral history that, unlike the oral history of life, cares only for specific events. The sources used in the research were hemerographics: newspapers available in Teresina Public Archives and oral ones: interviews with students and cordelists who participated in the cordel project in schools and a cordel salesman. The survey results show that the cordel project in schools was an important ally in the revitalization of the oral literature besides the opportunity to be incorporated in the classroom as a facilitator of the teaching/learning process. The reasons for the project idealization consisted in bringing the cordelist culture closer to the school environment and in keeping the cultural tradition of cordel literature alive. Finally, we found that the collective representation is present in the discourse of students/authors of the brochures.

Key-words: Education. History. Cordel Literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Lua de Mel de Matuto de J. Borges	35
Figura 2: O príncipe João Sem Mêdo (sic) e A princesa da Ilha dos Diamantes.....	37
Figura 3: Carta do Satanás a Roberto Carlos.....	38
Figura 4: Capa do folheto: História Completa de Antônio Silvino.....	39
Figura 5: Cordel, um meio de comunicação que tende ao desaparecimento.....	44
Figura 6: O vendedor José Neto na sua banca Estrela da Poesia	45
Figura 7: Cartaz de divulgação da Banca Estrela da Poesia	47
Figura 8: Dicionário é condenado por Cordelistas.....	48
Figura 9: Inauguração da Casa do Cantador.....	52
Figura 10: 42º Festival de Violeiros do Piauí – Teresina, 2015.....	53
Figura 11: O professor Pedro Mendes Ribeiro falando aos alunos do Escolão do Itararé	55
Figura 12: Capa do livro I Coletânea de Cordéis Produzidos por Crianças	58
Figura 13: Cordéis utilizados nas oficinas do Projeto Cordel nas Escolas.....	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: O desenvolvimento do cordel no Brasil.	33
Quadro 2: Vida e obra dos cordelista que participaram do Projeto Cordel nas Escolas	41
Quadro 3: Relação das escolas que fizeram parte da I Coletânea de Cordéis Produzidos por Crianças	59
Quadro 4: Prêmios recebidos pelo Projeto Cordel nas Escolas	60
Quadro 5: Participantes da pesquisa	65

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO: o que dizem as leis	18
2.1	As diferentes acepções dos termos cultura e folclore	18
2.2	Cultura Popular: um conceito a ser discutido	21
2.3	Cultura e educação escolar: um olhar sobre a LDB e os PCNs.....	22
3	O VERSO NA HISTÓRIA	28
3.1	Cordel: origem e características da poesia popular	28
3.2	As fases da literatura de cordel no Brasil.....	32
3.3	Ilustrando cordéis: xilogravuras e cantadores	35
3.4	Antecedentes históricos e as fases do Projeto Cordel nas Escolas	42
3.5	O Festival de Violeiros do Norte e Nordeste.....	49
3.6	Projeto Cordel nas Escolas: Pedro Costa	56
4	AS VOZES DO CORDEL: “cante lá, que eu canto cá”	64
4.1	De lá pra cá: “o liame vivo das gerações”	65
4.2	O verso que vou narrar tem uma história	69
4.3	Cordel na escola?.....	70
4.4	De cantar e escrever: a importância do cordel na escola	73
5	ENTRE DIDÁTICAS, CAUSOS E SÁTIRAS: a tipologia do cordel na escola	76
5.1	Cordéis didáticos	76
5.2	Cordéis folclóricos regionais	82
5.3	Cordéis satíricos	85
5.4	Cordel de amor à terra.....	88
5.5	Cordel de conto regional: a história de um santo	89
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
	REFERÊNCIAS	94
	APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido	102
	APÊNDICE B - Roteiro da entrevista (cordelista idealizador)	105

APÊNDICE C - Roteiro da entrevista (cordelistas colaborador)	107
APÊNDICE D - Roteiro da entrevista (alunos).....	109
APÊNDICE E - Roteiro da entrevista (Pedro Mendes Ribeiro)	111
ANEXO A - Projeto cordel nas escolas.....	114
ANEXO B Plano de curso	119
ANEXO C- Literatura de Cordel	120
ANEXO C- Banca de estrela da poesia	122

1 INTRODUÇÃO

Narrar é um ato inventivo, seja para contar o acontecido ou apalavrar o imaginado. E toda a sua invenção reside no detalhe: evidenciar uma palavra, iluminar uma pausa, desdobrar um gesto, incorporar a participação dos ouvintes, buscar um tom de voz, encaixar um comentário, introduzir uma personagem, arquear as sobrancelhas... Desenrolar o enredo e enredar as palavras são as duas páginas da mesma folha. O ouvinte não se envolve apenas com o rumo dos acontecimentos, mas também com o rumor das palavras.

Francisco Marques

A discussão sobre o tema cultura e educação assumiu na contemporaneidade uma relevância antes pouco visível para alguns setores da sociedade. Fazer pesquisa sobre cultura, popular ou não, vem crescendo rapidamente nas academias. Trabalhar com esse binômio é desafiador devido às suas infinitas possibilidades de atuação. No século XVIII alguns estudiosos começaram a trilhar esse caminho, devido à necessidade de dar um sentido a essa cultura que por muito tempo foi excluída dos livros e da própria escola.

Considerando que a história tradicional não permite uma visão de baixo dos acontecimentos e apresenta apenas uma das múltiplas visões que situavam os fatos históricos, na nova história, os esquecidos ou excluídos das narrativas ganham seu espaço para atuar. Essa perspectiva historiográfica valoriza qualquer atividade humana, uma vez que “tem por objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1990, p.16-17).

Assim, a pesquisa em história da educação vem se renovando a cada dia e é nesse sentido que, “todo trabalho do historiador é uma representação do passado. Mas, é além disso, uma seleção do que é considerado importante” (FERRO, 2010, p. 40).

Nessa perspectiva, ao ler sobre história da educação nos vem o seguinte questionamento: para que estudá-la? Para responder à interrogação, Nóvoa (2011) nos apresenta quatro argumentos. O primeiro consiste em cultivar um saudável ceticismo, ou seja, desenvolver uma consciência crítica a partir do objeto que será investigado, sem se deixar atrair por qualquer teoria ou fenômeno da moda. Segundo, compreender a lógica das identidades múltiplas, uma vez que conceitos e ideias mudam, dependendo da identidade local e cultural de que o indivíduo faz parte. Além disso, o papel do historiador educador é perceber que a partir delas é que se definem memórias e tradições às quais pertencemos. Pensar as pessoas como produtoras de história é o terceiro argumento do estudioso acima, pois não só

descrevemos o passado, mas nos inserimos nele a partir de nossas experiências e projetos de vida. E por fim entender que não existe mudança sem história.

Então, a nova história cultural tem contribuído de forma significativa para o alargamento das fontes na história da educação, essa influência passa a nos proporcionar novos olhares, que permitem compreender o desenvolvimento dos fenômenos educativos. Nesse processo, a apropriação de novos objetos trouxe à tona os folhetos de cordel distribuídos e ensinados na escola.

O interesse pelo tema pesquisado deu-se ainda no curso de Pedagogia da UFPI, quando desenvolvemos estudos no âmbito do Projeto de Iniciação Científica, intitulado “**Educação e Memória:** manifestações culturais no Piauí-Brasil”, e do Trabalho de Conclusão de Curso com a monografia “**A educação na literatura de cordel:** a contribuição dos cordelistas piauienses na literatura escolar” em 2013, onde fizemos uma investigação sobre as manifestações culturais, tanto no espaço escolar como no não-escolar. Utilizamos como instrumento de coleta de dados um questionário que incluía perguntas sobre aspectos culturais dos municípios piauienses entre esses: lendas, artesanato, literatura, mitos, credices, linguagem, festividades e comidas típicas. Deste modo, pudemos perceber a grande relevância da literatura de cordel nas epístolas enviadas pelos municípios piauienses e a presença marcante de Pedro Costa na literatura popular piauiense à qual posteriormente direcionamos o projeto de conclusão de curso, enfatizando a composição de cordéis com temáticas voltadas para a escola. No decorrer desse período de investigação, tivemos contato com as coletâneas de cordéis produzidas por alunos da rede pública de Teresina, o que nos fez pensar num estudo mais aprofundado sobre o “Projeto Cordel nas Escolas”, idealizado pelo poeta Pedro Costa, com a publicação da “I Coletânea de Cordéis Produzidos por Crianças”, no ano de 2007, em parceria com a prefeitura municipal de Teresina. Por esse motivo, nosso recorte temporal se estende de 1990 a 2007 e deve-se à nossa inquietação quanto à idealização do projeto e os motivos que levaram os poetas piauienses a aproximarem-se da escola com a cultura do cordel, bem como a concretização do referido projeto, a partir da publicação do primeiro livro com cordéis produzidos por crianças da rede pública de ensino no município de Teresina.

Assim, este trabalho pretende estudar a história e a memória do projeto cordel nas escolas, desenvolvido na rede pública de ensino na cidade de Teresina. Partimos da seguinte questão: Qual a contribuição do projeto Cordel nas Escolas para o desenvolvimento da cultura cordelista no espaço escolar? O trabalho tem como objetivo geral analisar as contribuições do projeto cordel nas escolas. Para isso, elencamos os seguintes objetivos específicos: 1)

Compreender a relação entre cultura popular e educação escolar; 2) Identificar os motivos que levaram à idealização o Projeto Cordel nas Escolas; 3) Descrever o projeto cordel nas escolas; 4) Caracterizar a cultura cordelista no espaço escolar; 5) Traçar o perfil do aluno/autor dos cordéis.

Quanto à metodologia, escolhemos trabalhar com a história oral, onde os depoimentos foram o ponto central das análises, uma vez que esta “tem como suporte as lembranças, evidenciando uma memória coletiva. Esta última pode ser entendida como uma somatória de experiências individuais, passíveis de serem utilizadas como fontes históricas.” (FREITAS, 2002, p.52). Dentro desse método adotamos a história oral temática que diferente da história oral de vida parte do “esclarecimento ou opinião do entrevistador sobre algum evento específico” (MEIHY, 1998, p.51). Além disso, interessar-se pela fala do outro, é ter uma escuta sensível, pois escutar vai além do ouvir, é reparar na sutileza dos versos e gestos pronunciados por alguém que fala. É desvelar respostas, expectativas e memórias, é analisar testemunhos tentando manter a integridade dos depoimentos, é ao mesmo tempo manter-se perto e longe dessa fonte imprevisível, para não cair nas amarras de uma avaliação genérica.

Assim, partindo do pressuposto de que “a lembrança é a sobrevivência do passado”, segundo Bosi (1994, p.53), e que um dos nossos objetivos é escrever a história e a memória de um projeto na escola, recorreremos a Halbwachs (1990), ao explicar que a memória individual está sempre ancorada em uma memória coletiva, pois esta se constitui na interação entre membros de um grupo e/ou instituição, fazendo o indivíduo reconhecer sua identidade a partir dessas “comunidades afetivas”. Diante disso, concordamos com Félix (1998, p.45) quando afirma que:

Estudar memória, entretanto, é falar não apenas de vida e de perpetuação da vida através da história; é falar, também de seu reverso, do esquecimento, dos silêncios, dos não-ditos, e, ainda, de uma forma intermediária que é a permanência de *memórias subterrâneas* entre o esquecimento e a memória social. E, no campo das memórias subterrâneas, é falar também nas memórias dos excluídos, daqueles que a fronteira do poder lançou à marginalidade da história, a um outro tipo de esquecimento ao retirar-lhes o espaço oficial ou regular da manifestação do direito à fala e ao reconhecimento da presença social.

E pensando no reverso e no silêncio dos nossos interlocutores, recorreremos as suas memórias subterrâneas, com a finalidade de reconstituir uma parte de suas histórias vividas individual ou coletivamente.

Anterior a esse posicionamento, Halbwachs (1990, p.72) afirma que “à medida em que os acontecimentos se distanciam, temos o hábito de lembrá-los sob forma de conjuntos”, e assim, com o intuito de rememorar a história do Projeto Cordel nas Escolas, tivemos inicialmente como colaboradores dois alunos e dois cordelistas, que atuaram no projeto realizado na rede pública municipal de ensino de Teresina, entre os anos de 1990 a 2007, são eles: Pedro Nonato da Costa¹, Zózimo Tavares Mendes², Ismael Silva³ e Leticia Roniela C. Silva⁴. No desenrolar da investigação, sentimos a necessidade de entrevistar o senhor José Neto, vendedor de cordel em Teresina desde a década de 1980.

Nessa perspectiva, Alberti (2004, p.78) comenta que:

[...] convém lembrar que as entrevistas, como toda fonte histórica, são pistas para se conhecer o passado. No caso da história oral (como em muitos outros), as pistas são relatos do passado, surgidos a *posteriore*, portanto. O passado existiu independente dessas pistas, mas hoje só pode existir por causa delas e de outras.

Assim, com a intenção de deixar ainda mais consistentes as pistas que nos levassem ao passado, como é colocado na citação acima, encontramos o sexto participante da pesquisa, o professor e poeta popular Pedro Mendes Ribeiro⁵, que contribuiu com as discussões sobre literatura de cordel e o repente no Piauí, principalmente no que diz respeito à década de 1970.

Ao longo do processo de investigação, documentos foram surgindo e sendo incorporados ao nosso acervo de fontes, uma vez que “os depoimentos resultam em fontes históricas que são por excelência qualitativas, mas todo pesquisador deve-se valer de todas as fontes disponíveis, a fim de obter um quadro, o mais enriquecedor possível, do período ou tema de análise” (FREITAS, 2002, p. 83). Partindo desse pressuposto, os jornais e revistas que circulavam no Piauí entre as décadas de 1970 e 1990 disponíveis no Arquivo Público de Teresina – Casa Anísio Brito, foram fundamentais para que pudéssemos compreender os antecedentes históricos do Projeto Cordel nas Escolas, iniciado ainda no I Festival de Violeiros do Piauí, em 1971.

Além disso, essas fontes foram confrontadas e analisadas a partir de categorias que facilitaram a organização e as discussões em torno da temática em questão. Para uma melhor

¹ Presidente da Fundação Nordestina do Cordel e idealizador da segunda fase do Projeto Cordel nas Escolas.

² Jornalista, professor e poeta responsável por ministrar oficinas de cordel durante o projeto.

³ Aluno/autor que participou do Projeto Cordel nas Escolas.

⁴ Aluna/autora que participou do Projeto Cordel nas Escolas.

⁵ Presidente da Casa do Cantador e idealizador do Festival de Violeiros do Piauí.

apreciação dos dados obtidos nas entrevistas, elegemos como metodologia algumas ferramentas da análise de conteúdo, pois segundo Guerra (2006, p. 69) “a análise de conteúdo pretende descrever as situações, mas também interpretar o sentido do que foi dito”. Visto que:

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que, inseridos a vida humana, implica durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidade, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão, a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro (DELGADO, 2010, p. 33).

Quanto à organização, o texto foi estruturado em quatro capítulos. O primeiro deles é intitulado de “Cultura popular e educação: o que dizem as leis”, onde fazemos uma discussão sobre a relação da cultura popular e a educação a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

No segundo momento, buscamos fazer um panorama histórico da literatura de cordel, iniciando pela sua nomenclatura e características. Além de nos aprofundar sobre as iniciativas que levaram o cordel para a escola dos anos de 1970 a 1990.

Já no terceiro capítulo reconstruímos a história e a memória do Projeto Cordel nas Escolas a partir das “Vozes do Cordel”, recorrendo à memória daqueles que participaram desse projeto como alunos e cordelistas.

A categorização e análise dos cordéis doados para a escola faz parte do quarto e último capítulo “Entre Didáticas, Causos e Sátiras: a tipologia do cordel na escola”.

2 CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO: o que dizem as leis

Unânicos os pesquisadores
 Quando dizem com postura
 Afirnar que não se faz
 Educação sem cultura
 Em especialmente local
 História e literatura

[...]

Mil novecentos e oitenta e oito
 Tocante a Constituição
 No artigo duzentos e dez
 Segundo a legislação
 Fixa o conteúdo mínimo
 Assegura a formação

[...]

A Lei de Diretriz básica
 De Educação Nacional
 Ou seja, LDB
 Na forma Constitucional
 Afirma que a escola tem
 Uma missão cultural

Pedro Costa

Nesse capítulo nos debruçamos na difícil tarefa de discutir as diferentes acepções do termo cultura e folclore baseado nos estudos de autores como: Salvador (1971), Florestan Fernandes (1978), Chartier (1990), Laraia (2011) entre outros que nos auxiliaram a compreender dois termos de complexa especificidade. Mais adiante fizemos uma análise sobre cultura e educação escolar por meio dos Parâmentos Curriculares Nacionais- PCNs e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, o que nos permitiu uma visão mais ampliada sobre direitos e deveres da escola, da comunidade e do próprio aluno no que diz respeito a sua aprendizagem cultural e formação identitária.

2.1 As diferentes acepções dos termos cultura e folclore

Estudar cultura nos faz entender a realidade social do povo brasileiro, pois o folclore promove a cultura de cada povo de forma particular, diferenciando-os de outras coletividades. Em consequência disso, o I Congresso Brasileiro de Folclore, no ano de 1951, aprovou que:

Constituem o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular, ou pela imitação, e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou a renovação do patrimônio científico e artístico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica (MEGALE, 2003, p.15).

Ainda segundo a mesma autora, nesse turbilhão de tradições culturais, o povo transforma músicas, danças, contos e coreografias. Por isso, acaba criando novas formas de traduzir a cultura popular. Essas mudanças não invalidam o modelo original desses variantes folclóricos. Cada aspecto popular dá vida à espontaneidade de um povo, podendo ser demonstrada por meio de expressões de linguagem, mitos, credences, literatura de cordel e festividades.

Além do conceito dado anteriormente, podemos citar outras considerações que também colaboram para noção daquilo que vem a ser cultura e folclore. De acordo com Laraia (2011), o termo *Kultur* era muito usado para indicar as características espirituais de uma comunidade. E a palavra *Civilization* fazia referência à efetivação material de um povo. Segundo este autor, as expressões foram abreviadas por Edward Tylor, colocando-a como *Culture*, que agora no seu sentido mais amplo representava o conhecimento, a crença, arte, leis, costumes ou hábitos de pessoas de uma dada sociedade.

A palavra cultura se apresenta em diferentes significados, por isso José Luiz dos Santos no seu livro “O que é cultura”, publicado em 1983, traz discussões sobre cultura e diversidade entre outros aspectos relacionados com a nossa sociedade.

Para esse autor, existem duas concepções básicas de cultura, a primeira delas diz respeito aos aspectos de certa realidade social, ou seja, cultura é a característica da existência social de um povo ou grupo e também de suas maneiras de “conceber e organizar a vida social ou a seus aspectos materiais” (p.24). O mesmo estudioso nos acrescenta:

Embora essa concepção de cultura possa ser usada de modo genérico, ela é mais usual quando se fala de povos e de realidades sociais bem diferentes das nossas, com os quais partilhamos de poucas características em comum [...]. Vamos à segunda. Neste caso quando falamos de cultura estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como as maneiras como eles existem na vida social (SANTOS, 1983, p. 24).

A citação acima retrata como a cultura tem sido discutida. Por um lado, se refere ao modo de viver de um determinado grupo, e por outro alude à questão do conhecimento. Isso nos leva a compreender a variedade de significados que traz o termo cultura.

Precedente a essa discussão, Salvador (1971) discorre sobre sua etimologia. Confirma que esse termo é proveniente do verbo “cólere”, que significa “amanhar, cuidar, resolver”, pois por algum tempo essa denominação teve relação com as técnicas agrícolas, e só mais tarde é que esse mesmo verbo foi ganhando outros significados como: habitar, venerar e cultivar.

Esse teórico também apresenta nos seus estudos a visão de cultura dos arqueólogos, antropólogos, sociólogos e psicólogos. Os arqueólogos estavam mais preocupados com a chamada cultura material, por isso a definem como “uma reunião de traços correlatos que ocorrem repetidamente” (SALVADOR, 1971, p.81). Já os antropólogos a veem como tudo que o homem adquire com a educação e com todas as suas relações sociais, compreendendo ainda aspectos como a língua, a lógica, a religião, as casas e até mesmo a escolha dos seus alimentos constituem uma cultura. Os sociólogos estudam-na mais nas sociedades, em uma vertente de patrimônios de ideias e ideais. E por último os psicólogos entendem por cultura a porção apreendida nas suas relações com o outro.

Como se vê, as opiniões sobre cultura são bastante heterogêneas, pois até mesmo conceituar depende das relações culturais e sociais que vive um indivíduo. A intenção não é fazer uma análise dessas questões, mas descrevê-las ao ponto de deixar o leitor a par das constantes e intermináveis denominações do termo aqui discutido.

Fernandes (1978) apresenta o folclore como o modo de se comportar, pensar e agir com a espontaneidade de um povo. Para Chartier (1990, p. 67) cultura é definida como “um padrão transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e atitudes perante a vida”.

Brandão (2008) afirma que folclore é parte do que alguns chamam “o poder dos fracos”, seus modos de expressar a vida, as lutas de classes populares, a defesa de formas próprias. Conforme o linguista e dicionarista Ferreira (2000), folclore seria um conjunto ou estudos envolvendo tradições, conhecimentos ou crenças oriundas de um povo, que podem ser expressas através de suas lendas, canções e costumes.

A descrição de outra estudiosa nos revela que “[...] o folclore pode ser definido como a ciência que estuda todas as manifestações culturais do saber popular.” (MEGALE 2003, p.11);

Para Gullar (2006, p. 21) “a cultura tanto pode ser instrumento de conservação como de transformação social”. Conforme Arantes (2007), a cultura seria pontos de vista que vão desde a negação de fatos, por ela identificados que tenha alguma forma de “saber”, pois

embora a sociedade tente impor um modo de vida aos indivíduos, muitas vezes os mesmos não o seguem, e conseqüentemente usam objetos e praticam o que chamamos de cultura popular em nosso cotidiano.

“Entende-se aqui por cultura os sistemas de significados, os valores, crenças, práticas e costumes; ética, estética, conhecimentos e técnicas, modos de viver e visões de mundo que orientam e dão sentido às existências individuais em coletividades humanas” (VIANNA, 2008, p.119).

A partir de tudo que foi pesquisado, podemos expressar o nosso próprio conceito de cultura, seria ela o modo de representação de uma comunidade, e costumes passados de geração para geração, através da pluralidade de saberes e suas manifestações populares.

Como se vê, as apreciações sobre cultura são variadas. Mas o que vem a ser cultura popular? No seguinte subtópico iremos discutir de forma breve o conceito de cultura popular tomando como base os estudos de Peter Burke.

2.2 Cultura Popular: um conceito a ser discutido

Do ponto de vista usual, a palavra popular, na maioria das vezes é relacionada ao povo, ao que advém do povo, da massa. Do ponto de vista do estudioso Peter Burke (1992), definir cultura é mais complexo que definir o termo popular, embora estudá-lo não seja uma tarefa tão fácil quanto nos parece ser. É nesse contexto que entramos na discussão sobre cultura popular sob a ótica da nova história cultural.

A nova história nos trouxe a possibilidade de pesquisar e respirar “outros ares,” permitindo estudar aquilo que é popular, do povo, do cotidiano de uma sociedade desconhecida. Desse modo, podemos dizer que com a descoberta da cultura popular no final do século XVIII “[...] a pesquisa sobre cultura popular cresceu como um riacho que se transforma num caudaloso rio [...]” (BURKE, 1989, p. 15). O termo “cultura” passou a ser olhado a partir de novas perspectivas, deixando de lado pré-conceitos de séculos que pareciam perenes.

Para alguns intelectuais, principalmente no final do século XVIII, o povo era interessante de uma certa forma exótica; no início do século XIX, em contraposição, havia um culto ao povo, no sentido de que os intelectuais se identificavam com eles e tentavam imitá-lo. (BURKE, 1989, p. 37).

O mérito que ganhou a cultura do povo também se deve à forma como os estudiosos da época viam sua manifestação, uma vez que esta se diferenciava da que estavam acostumados a vivenciar em seu cotidiano. Então:

Em 1500, desprezavam as pessoas comuns, mas partilhavam da sua cultura. Em 1800, seus descendentes tinham deixado de participar espontaneamente da cultura popular, mas estavam-na redescobrimdo como algo exótico e, portanto, interessante. Estavam até começando a admirar “o povo”, do qual brotara essa cultura estranha (BURKE, 1989, p.306).

Esse fragmento confirma o que foi discutido até aqui. Além de mostrar a (re) descoberta de tradições seculares, ainda sanciona a existência de mais de um tipo de cultura popular. Assim, é possível dizer que “vivemos em um mundo natural e humanamente cultural” (BRANDÃO, 2008, p.27), uma vez que tudo à nossa volta é uma cultura construída por nós, a comida, as gírias, as brincadeiras, as músicas, as festas, os bordados tudo isso segundo Brandão (2008) são objetos de cultura. Esses objetos são transformados de geração para geração sem perder sua originalidade, a sua essência.

No próximo tópico buscamos analisar como a Lei de Diretrizes e bases e os Parâmetros Curriculares Nacionais compreendem a relação entre cultura e educação.

2.3 Cultura e educação escolar: um olhar sobre a LDB e os PCNs

A partir dessa concepção teórica, trazemos algumas reflexões sobre os princípios e fins da educação nacional postos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9394/96. Porém, em 1982, ano muito anterior à lei, acontece a primeira iniciativa para a implantação no Piauí do Projeto Integração/cultura do MEC, onde a educação básica passa a fazer parte das prioridades das ações do Ministério da Educação e Cultura, unindo-se aos diferentes contextos culturais do país. Sobre a finalidade do projeto, o jornal O Dia informa que:

O projeto visa entre outros frutos, compatibilizar as ações educativas com as ações culturais, de tal forma que se crie uma profunda e dinâmica interação entre os diversos segmentos da Educação Básica e o contexto cultural em que está inserida; e estimular e apoiar a criação; produção e difusão de bens culturais e artísticos nas Unidades Escolares, assegurando a afetiva participação das comunidades. (O DIA, 1982, p.7).

Pode-se afirmar, assim, que antes da LDB vigente, já existiam discussões em torno da integração cultura e educação, possibilitando, portanto um diálogo entre o saber científico

e o saber popular. Vale lembrar que o período que compreende essas questões é o mesmo em que o Brasil vivencia o regime da ditadura militar, desse modo, o contexto inibe uma discussão mais ampla sobre o assunto, dificultando suas ações.

Após o regime militar, o Brasil dá início ao seu processo de redemocratização, e com isso a educação para a cidadania passa a ser pensada de forma mais aberta, considerando a importância da educação para a escola e para os brasileiros. Como resultado dessas discussões, é instituído um projeto de lei para a reelaboração da LDB, que foi aprovado mais tarde no ano de 1996. Esse momento também é caracterizado por muitas iniciativas na área da educação, um deles é a criação de novas possibilidades de ensino que atendam às particularidades brasileiras.

Assim, os Princípios e Fins da Educação Nacional são estabelecidos pela lei de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que destaca no Art. 1º que “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Como podemos perceber, a LDB reconhece a manifestação cultural como parte da formação do indivíduo, revela também que dentro da cultura o processo de ensino-aprendizagem é valorizado através da experiência dos alunos, ocasionando assim a democratização do saber presentes na multiplicidade de manifestações existentes em nosso país.

Nesse sentido, o dispositivo citado anteriormente é reafirmado e arrematado pelo art. 3º no inciso II da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, quando declara que o ensino deve ter por base a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber.” De posse desses conhecimentos, a escola passa a abrir suas portas para discussões sobre outros saberes advindos do meio popular, pois compreende que esses diálogos entre culturas torna-se um importante passo para lidar com as diferenças, estimulando debates sobre “uma nação com indivíduos capazes de conhecer a diversidade como elemento fundante e característica fundamental para a existência de uma sociedade disposta a fazer-se democrática, justa e igualitária. Isto tem, portanto, tudo a ver com a cultura popular, escola e educação” (SILVA, 2008, p.10).

No que diz respeito às disposições gerais da educação básica, as diretrizes da educação nacional trazem a seguinte redação:

Art. 26 Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte

diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013) (BRASIL, 2013).

É importante compreender que o exercício da cidadania é baseado numa educação democrática, dando ao indivíduo conhecimentos específicos da sua realidade cultural, econômica e social, além de garantir uma aprendizagem mais participativa e crítica, possibilitando ao aluno o desenvolvimento da capacidade de atuar de forma independente e incorruptível, fazendo o princípio da equidade ser garantido a todos.

Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que a arte disponibiliza de forma proeminente um campo diversificado do trabalho artístico presente no ambiente sociocultural em que estamos inseridos. Dessa forma, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação prevê no §2º do Art. 26 que: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (Redação dada pela Lei nº 12.287, de 2010). Desse modo, a legislação garante que expressões regionais sejam incluídas no ensino formal, efetivando a preservação e compreensão da cultura popular vivenciada de forma ativa pelos estudantes da educação básica.

Esse princípio já era regulamentado pela Constituição Federal de 1988 no Art. 210: “Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.” Dessa maneira, Brandão (2008, p.9) afirma que “a cultura popular é um estoque inesgotável de conhecimentos, sabedorias e tecnologias, maneiras de fazer, pensar e ver nossas relações sociais [...]”. Então, com o intuito de orientar, garantir e organizar o sistema educacional brasileiro tendo em vista uma formação escolar que valorize as particularidades culturais e regionais criam-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), pois:

Apesar de apresentar uma estrutura curricular completa, os Parâmetros Curriculares Nacionais são abertos e flexíveis, uma vez que, por sua natureza, exigem adaptações para a construção do currículo de uma Secretaria ou mesmo de uma escola. Também pela sua natureza, eles não se impõem como uma diretriz obrigatória: o que se pretende é que ocorram adaptações, por meio do diálogo, entre estes documentos e as práticas já existentes, desde as definições dos objetivos até as orientações didáticas para a manutenção de um todo coerente (BRASIL, 1997, p.29).

Portanto, podemos afirmar que a escola tem a liberdade de buscar alternativas educacionais que colaborem para a efetivação e qualidade do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que sejam coerentes a experiência de vida dos indivíduos que fazem parte da comunidade escolar. Assim sendo, o aluno deve desfrutar das manifestações culturais locais, regionais e universais, já que a educação formal tem possibilidade de criar condições necessárias para o exercício pleno da cidadania. Nesse sentido, mais uma vez os PCNs recomendam que:

A escola, na perspectiva de construção de cidadania, precisa assumir a valorização da cultura de sua própria comunidade e, ao mesmo tempo, buscar ultrapassar seus limites, propiciando às crianças pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade (BRASIL, 1997, p.34).

Nessa perspectiva, é possível dizer que através do folclore a criança se prepara para a vida, aprende a agir como ser “social”, aprende também a respeitar regras, a cooperar, a valorizar sua cultura e a importância dela para a sociedade. Aprende pelo jogo, pela recreação e se identifica como parte importante do mundo segundo Fernandes (1978).

Ainda fazendo uma análise sobre os Parâmetros Curriculares, constata-se que a questão cultural é trabalhada dentro dos temas transversais, ou seja, são temas que perpassam todas as disciplinas do currículo escolar. Trata-se, então de uma discussão sobre as relações humanas em suas várias dimensões políticas, sociais, éticas e culturais. Desse modo, os PCNs adotaram alguns critérios para escolha dos temas transversais: urgência social, abrangência nacional, a possibilidade de ensino e aprendizagem e por fim a compreensão da realidade e participação social. Entretanto, cabe mencionar que:

Por ser um parâmetro nacional, a eleição dos temas buscou contemplar questões que, em maior ou menor medida e mesmo de formas diversas, fossem pertinentes a todo o país. Isso não exclui a possibilidade e a necessidade de que as redes estaduais e municipais, e mesmo as escolas, acrescentem outros temas relevantes a sua realidade (BRASIL, 1998, p.26).

Compreendemos assim que é nesse ponto que a escola pode e deve atuar, pois nesse espaço são passados valores culturais perenes e importantes àqueles que dela fazem parte. Essa proposta da transversalidade traz a abertura para que a comunidade escolar vivencie experiências que se originam das manifestações culturais, possibilitando a participação social

dos alunos, podendo ser levantadas questões relevantes sobre seu cotidiano e a valorização do conhecimento das suas próprias raízes.

Outra questão fundamental sobre os temas transversais é sua inclusão nos conteúdos passados na sala de aula, e para isso os parâmetros apontam para o desenvolvimento de capacidades que objetivem a construção da cidadania no nosso país. São elas:

Valorizar as diversas culturas presentes na constituição do Brasil como nação, reconhecendo sua contribuição no processo de constituição da identidade brasileira; reconhecer as qualidades da própria cultura, valorando-as criticamente, enriquecendo a vivência de cidadania (BRASIL, 1997, p.43).

Nesse contexto, conhecer os diferentes grupos sociais, histórias e as singularidades de cada povo, desfaz fronteiras entre educação e cultura. Desta forma, ao final do processo de ensino-aprendizagem, os discentes desenvolverão seu potencial criativo através de novas formas de cultura, e conseqüentemente serão educados para a diversidade que compõe o povo brasileiro. Portanto, a escola deve lançar mão de um repertório de projetos que contemplem a pluralidade cultural, identificando o que é ou não relevante para a realidade desses alunos, pois o ser humano é por excelência um ser sociocultural em permanente transformação.

Isso nos leva a crer que essas orientações dão autonomia aos professores e à equipe pedagógica, que devem se organizar para garantir o acesso às diversidades culturais essenciais para a formação do indivíduo capaz de atuar de forma responsável na sociedade em que vive. Dessa forma, é importante levar discussões que afastem os estudantes do preconceito e estimular o respeito aos grupos culturais que se diferenciam do seu. Com isso, a escola cria um espaço de formação e informação de questões sociais importantes para temas antes excluídos pelo ensino formal. Para o exercício dessa função os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam que:

Esses repertórios, construídos nas relações familiares e comunitárias trazem elementos culturais diferenciados: a cultura tradicional que o migrante nordestino traz para as cidades do Sudeste, a cultura do caboclo na região amazônica, dos imigrantes, dos afrodescendentes, etc. A valorização do patrimônio cultural do Brasil implica o reconhecimento da diversidade de padrões culturais que caracterizam a convivência social na escola (BRASIL, 1997, p.67).

Nesse aspecto, as expressões culturais dizem muito do grupo de onde vieram. De modo que essas manifestações não podem ser trabalhadas em sala de aula como fato isolado,

devem ser didaticamente inseridas num contexto mais amplo abrindo portas para que os alunos possam instituir suas próprias criações culturais. A partir destas considerações foi criado o “Projeto Cordel nas Escolas.” Antes, porém, de apresentar sua história e memória, iremos reconstituir a trajetória da literatura de cordel no Brasil e os antecedentes históricos ao projeto iniciado ainda no I Festival de Violeiros no Piauí especificamente no ano de 1971.

3 O VERSO NA HISTÓRIA

A origem dessa cultura
 França, Espanha, Portugal
 Chamado de folha solta
 Com história genial.
 No Brasil foi que ganhou
 Esse formato atual

Também folheto de feira
 Vendido exposto em cordão.
 Daí tornou-se Cordel
 Passou por transformação
 No Brasil feito em sextilha
 Que se tornou tradição.

Pedro Costa

Baseamo-nos, numa pesquisa minuciosa sobre a história do cordel tanto no Brasil como no Piauí para a construção deste capítulo. Apresentamos detalhes e ricas informações que vão desde origem e características da poesia popular até o Festival de Violeiros do Norte e Nordeste, um importante marco na revitalização do cordel e repente no Piauí.

Além disso, é perceptível durante a leitura a seguir que os intérpretes do cordel e do repente trazem em seu cerne a voz poética, voz essa que os definem “[...] os detentores da palavra pública; e, sobretudo, a natureza do prazer que eles têm a vocação de proporcionar: o prazer do ouvido; pelo menos, de que o ouvido é o órgão. O que fazem é o espetáculo” (ZUMTHOR, 1993, p.57).

3.1 Cordel: origem e características da poesia popular

“Livreto”, “livrinho”, “folheto”, “poesia popular”, “história de matuto”, “obra” e por fim *Literatura de Cordel*. Muitos artistas tentam interpretá-lo: emboladores⁶, repentistas⁷, cantadores, violeiros, conforme afirma Galvão (2006).

E dessa forma a literatura de cordel vem conquistando seu espaço e preservando o seu nome e significado através daqueles que não deixam essa cultura adormecer. Assim, apresentado como símbolo da cultura do povo brasileiro, como um dos melhores

⁶ Intérpretes da embolada. Estilo poético- musical, onde os versos do improviso acompanham o som do pandeiro e são sempre apresentados por uma dupla fixa.

⁷ Também designados de cantadores, criam versos improvisados ao som da viola.

representantes da cultura popular nordestina – por se mostrar muito mais forte nessa região –, o cordel segundo Luyten (2007, p. 08) “é considerado um dos elementos de maior comunicabilidade dos meios populares.”, porque esse tipo de manifestação é a criação viva de um povo.

Para que possamos compreender melhor sua história torna-se necessário atentarmos, primeiramente, à sua nomenclatura, trazendo à baila as possíveis origens do nome CORDEL. Um dos estudiosos do assunto, Moura (1996) acrescenta-nos ao dizer que Sebillot⁸, no ano de 1881, criou essa denominação pelo fato de evidenciar um estereótipo da linguagem popular da linguagem oficial, porém não apresenta detalhes sobre essa alcunha. . E Megale (2003) afirma que assim foi batizado por conta da forma como os versos do cordel eram apresentados em portas de lojas em cordas presos por prendedores de roupa.

Galvão (2006) defende que esse termo foi criado pelo fato dos folhetos brasileiros serem semelhantes aos encontrados em Portugal, que eram vendidos presos em barbantes. Meyer (*apud* GALVÃO 2006) diz que na Espanha era denominado de Pliegos Suetos (folhas soltas), e em Portugal literatura de cordel ou folhas volantes, na França é chamado de Literatura de Colportagem (*LaColporter*), ou até mesmo de Literatura de Mascate, vendidos por ambulantes em vilas e em cidades europeias em dias de feira.

Outros estudiosos, entre eles Vasquez (2008), discute que o termo cordel foi criado por Raymond Cantel⁹, segundo o dicionário brasileiro de literatura de cordel.

Ribeiro (2015) explica que outro fato contribuiu para que os folhetos fossem pendurados em cordas, antes estes eram postos no chão das calçadas e eram levados pela ventania, além de ficarem sujos, e isso não agradava os seus consumidores. Daí surgiu a ideia de colocá-los em cordões, uma vez que também facilitava a visão dos seus compradores.

É importante ressaltar, quanto a sua origem, que há um ponto a ser discutido, como afirma Galvão (2006), os pesquisadores e estudiosos ainda não chegaram a um consenso quanto ao surgimento dessa manifestação popular.

Assim, podemos destacar os seguintes autores com seus respectivos posicionamentos no que tange ao tema em questão: segundo Luyten (2007) ele nasceu em Portugal e Espanha, a seguir Pedro Costa (2010) assegura que o cordel se originou na França, Espanha e Portugal, mas não menciona em que período exatamente ocorreu esse fato.

Essa linguagem folclórica, segundo Cascudo (1978, p. 28), se deu principalmente a partir da formação do povo brasileiro, uma vez que:

⁸ Teórico Francês, folclorista, pintor e escritor.

⁹ Pesquisador Francês que desenvolveu estudos sobre a literatura popular brasileira.

A literatura oral brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual. Indígenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas e cantadores profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao redor dos homens que sabiam falar e entoar.

Decerto, é possível dizer que a maior influência tenha vindo de terras portuguesas, por terem sido eles os colonizadores do Brasil; não obstante é claro, a imigração dos outros povos (como os franceses, espanhóis e africanos) também deixaram a sua herança no enriquecimento da cultura popular brasileira.

A literatura portuguesa foi trazida pelos colonizadores nos séculos XVI e XVII, como afirma Silvio Romero (1977). Os cordéis portugueses podiam ser encontrados no Brasil nas principais cidades do império “nas portas de alguns teatros, nas estações de estradas de ferro e noutros pontos” (SÍLVIO ROMERO 1977 *apud* GALVÃO 2006, p.29).

Contudo, a literatura de cordel só conseguiu firmar-se no Brasil nos fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, quando as publicações puderam ser feitas por aqui, e a circulação desses livretos aumentou. Mas com a chegada dos meios de comunicação em 1930, acreditava-se que o cordel desapareceria com toda essa modernidade. No trecho de um desabafo retirado de um artigo da revista “De Repente” Manoel Chudu relata o possível desaparecimento do cordel em repente:

Quando o rádio começou a entrar no sertão, não faltou quem falasse: vem aí muita música de fora, é o fim dos violeiros. Não foi! Ao contrário do que se esperava, o rádio serviu para espalhar ainda mais a arte, atingir gente em povoado onde nunca uma viola havia gemido. Violeiro hoje em dia é artista popular respeitado (MANOEL CHUDU *apud* TAVARES, 1996, p.7).

Sobretudo é inevitável dizer que o cordel resistiu ao rádio, à televisão e a várias gerações. Além de ser um dos melhores inventários do folclore brasileiro, ainda consegue se destacar como diria Megale (2003), “o jornal do nordestino”, onde as histórias eram passadas de cantador para cantador fazendo a difusão de notícias em narrativas e versos de um lugar para o outro.

Assim, devido às migrações de muitos nordestinos para outros estados do nosso país, a cultura da região Nordeste se espalhou no Brasil preservando a cultura popular que hoje se tornou a maior do mundo, segundo Luyten (2005), no que se refere ao grandioso número de poetas e obras publicadas, dando oportunidade às manifestações da recreação popular, colocando seus sentimentos e reivindicações em palavras e linguagens originadas do povo do

interior. Sobre isso Galvão (2006, p. 31) afirma que o Nordeste, “... teria sido a região brasileira em que mais os valores trazidos pelos colonizadores teriam sido aceitos.” Portanto, a Almeida (1976, p.2) já afirmava que:

[...] a poesia tradicional do nordeste apareceu com a temática do boi: Ora, isso jamais podia ter vindo de Portugal, porque é um reflexo da nossa economia, diga-se melhor, da economia sertaneja do nordeste, com as festas de vaquejada, a queda de rabo, as corridas tresloucadas por dentro do mato fechado.

O mesmo autor ainda assevera que na poética cordelista está a naturalização da nossa literatura. Pois a temática abordada por esses encantadores do verso são puramente brasileiras como o cangaceiro, o jogo do bicho, as lendas populares, a cachaça, as lutas políticas, o padre Ciço, os desafios poéticos, as histórias de amor, as ações heroicas dentre outros temas.

Colaborando para essa discussão, Batista (1977) garante que o Nordeste é o palco da literatura de cordel, a partir das condições étnicas, ou seja, da mistura do português com o africano (ocorrida devido à colonização brasileira). Desse modo, a composição ou assimilação de influências culturais fez com que houvesse uma forma de comunicação literária, difundindo a poesia popular através de cantorias em grupo e de forma escrita.

Sendo assim, a literatura popular divide-se em poesia, contos, lendas, provérbios, histórias que são passadas de geração para geração como forma de exemplificar e educar uma determinada população. E em prosa, apresenta uma maior tendência a resistir ao tempo pelo fato de subdividir-se entre fixa e móvel. A primeira é formada por poemas e versos decorados e passados adiante com finalidades emotivas e de ensinamentos, e a segunda representada pelos repentes, que tendem mais para o lado do improvisado e rapidez na criação dos versos.

O tamanho dos folhetos de cordéis é outro fator que chama a atenção, pois, a classificação dessa literatura se dá a partir do número de páginas que possui cada livreto. De acordo com Luyten (2005), o seu tamanho varia de 11 a 16 cm, os que tinham 8 páginas eram chamados de folhetos; os de 16 eram denominados de romances e os de 32 ou mais páginas eram classificados como histórias.

Quanto a sua apresentação, manifesta-se de duas formas: o “abecê” e o “desafio ou peleja” segundo Luyten (2005). O “abecê” tem como característica tratar um assunto por inteiro e cada sílaba começa com uma letra do alfabeto. O “desafio ou peleja”, é uma apresentação onde acontece a “luta” poética entre os cantadores, além da “deixa” que seria a “obrigação de um poeta continuar a rima final do verso do outro” (LUYTEN, 2005, p.52).

Assim, para um melhor entendimento sobre essa forma de apresentação, segue abaixo a descrição da “Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho”: (Trecho retirado do livro **Antologia da Literatura de Cordel** de Sebastião Nunes Batista, 1977, p.79).

[...] CEGO- Zé Preto, não me aborreça
 Com o teu cantar ruim
 O homem que canta bem
 Não trabalha em verso assim
 Tirando as falta que tem
 Botando em cima de mim

PRETINHO- Cala-te, cego ruim
 Cego aqui não faz figura
 Cego quando abre a boca
 É mentira pura
 O cego quanto mais mente
 Inda mais sustenta a jura.
 [...]

Existe também a forma de “versejar”, em que ocorre a ordenação dos versos. As duas mais utilizadas são: sextilhas (estrofes de seis versos com sete sílabas cada uma) e a “martelo agalopado” (estrofes de dez versos com dez sílabas cada uma).

3.2 As fases da literatura de cordel no Brasil

De acordo com o poeta Manuel Matuzalém Sousa (*apud* COSTA, 2010), o movimento cordelista percorreu seis fases no seu desenvolvimento no Brasil. Conforme pode ser observado no quadro abaixo.

Quadro 1: O desenvolvimento do cordel no Brasil.

FASES	CARACTERÍSTICAS
1 ^a	A poesia popular deixa de ser cantada em quadras, passa a ser recitada e difundida em sextilhas e outros modelos com exceção às pelejas ¹⁰ , a partir de 1880. Esse momento também é marcado pela imprensa escrita do Nordeste.
2 ^a	A I Guerra Mundial (1914-1918) foi o cenário. Nessa fase ocorre a transformação do folheto em livreto, aumento do número de páginas e a presença de ilustrações em suas capas. Neste momento ocorre também o fortalecimento da religiosidade popular e o cangaço.
3 ^a	A temática mais divulgada e o principal assunto era a morte de Getúlio Vargas. Nesse período percebe-se também a propagação do cordel, pelas migrações de nordestinos para as cidades do centro-sul do país.
4 ^a	Anos 60 e 70 ocorre a popularização dos meios de comunicação no Brasil (rádio e TV), devido a isso o cordel quase desapareceu. Houve também no período militar a queima de cordéis de cunho político ou qualquer cordel que viesse a criticar as práticas políticas do governo.
5 ^a	O cordel volta a ganhar forças no início dos anos 80 e surgem editoras especializadas em literatura de cordel como a <i>Editores Luzeiro</i> , de São Paulo, que detinha os direitos autorais dos principais poetas dessa literatura.
6 ^a	Iniciada em 1985 e perdura até os dias de hoje. Interessa-se por temas atuais.

Fonte: Quadro organizado pela autora com base em Matuzalém Souza *apud* Costa (2010, p.52-53)

Da mesma forma o poeta Matuzalém trouxe as fases do cordel ao Brasil, outros autores também apresentam as suas contribuições quanto ao desenvolvimento da literatura oral no país, embora não a denominem de fases.

Vasquez (2008) argumenta que essa poesia popular atingiu seu ápice nas décadas de 1930 e 1950 quando os seus poetas foram obrigados a migrar para os grandes centros urbanos do Brasil. Nesse mesmo intervalo, “o jornal do povo” trazia notícias locais e do mundo, e muita gente só soube da morte do Lampião alguns dias depois de ter ocorrido o fato. E o mesmo autor garante que naquela época o cordel sobre a morte de Getúlio Vargas foi o “*best-seller*” do momento.

¹⁰ Desafio poético entre dois cantadores. Ganha aquele que passar maior tempo versejando.

Outro fato interessante aconteceu no fim dos anos 70, e o autor referido acima assinalou de “fenômeno meio curioso”: “[...] a popularidade do cordel na comunidade acadêmica, que o tomou como tema de numerosas teses e estudos universitários, contribuindo dessa forma para uma retomada da produção, embora numa escala bem menor que a fase áurea.” (VASQUEZ, 2008, p.16). Mais um fato comentado por esse autor, se refere à valorização do cordel pelos brasileiros:

Américo Pellegrini Filho, professor da escola de comunicações e artes da Universidade de São Paulo, informa que o cordel passou a ser valorizado por brasileiros depois de um artigo de Orígenes Lessa na revista *Anhemi*, publicado em dezembro de 1955 e talvez principalmente depois de outro artigo, do estudioso Francês Raymond Cantel, publicado no *Le Monde*, de 21 de junho de 1969. A partir da década de 1970, o assunto virou coqueluche para estudiosos brasileiros [...] (VASQUEZ, 2008, p.17).

Além da valorização dessa manifestação popular através dos artigos produzidos por Orígenes Lessa e Raymond Cantel, podemos citar também algumas instituições que reconheceram a literatura de cordel e o seu valor cultural, dentre elas estão: a Biblioteca Nacional, que desde 1950, detém uma extensa coleção de folhetos raros (hoje na sua divisão de música). A Fundação Casa Rui Barbosa, vinculada ao Ministério da Cultura (fundamental centro de referência para o estudo da literatura de cordel). O Museu do Folclore (Instituto Nacional do Folclore), no fim da década de 1970, implantou a Biblioteca Amadeu Amaral com mais de 15 mil títulos preciosos, alguns do século XIX.

Como podemos perceber, o cordel foi ganhando espaços no Brasil e principalmente em instituições renomadas que objetivaram a organização, o levantamento bibliográfico, a preservação de documentos, além da publicação destes para o conhecimento geral e estudos específicos da área. Do mesmo modo que essas organizações, alguns agrupamentos também surgiram ao longo do tempo:

[...] algumas agremiações foram surgindo com o objetivo de preservar e discutir obras de forma autônomas, fundadas pelos próprios cordelistas como Academia Brasileira de Cordel (Fortaleza, 1988), o Centro Cultural dos Cordelistas do Ceará (Fortaleza, 1990), e a Fundação Nordestina de Cordel (Teresina, 1996) (VASQUEZ, 2008, p.17).

A partir dessa variedade de instituições, podemos analisar quanto a literatura de cordel ganhou forças aliadas, sobretudo importância na comunidade acadêmica e fora dela.

Dessa forma, entre declínios e apogeus, o cordel ainda consegue reunir muitos leitores, pois antigamente as pessoas que não sabiam ler ficavam em volta daqueles que tinham esse privilégio, para ouvir os versos trazidos nos folhetos, que conquistavam o povo devido a sua linguagem simples e comum própria do nordestino, conforme discute Megale (2003).

3.3 Ilustrando cordéis: xilogravuras e cantadores

Outra característica bastante rica derivada da cultura e de artesanato nordestino são as Xilogravuras, (*xylon*- madeira/ *graphein*/ escrever) que é a técnica de talhar a madeira, fazendo a figura se apresentar em alto relevo. Na figura a seguir, podemos ver uma das obras de J. Borges, um dos maiores e mais conhecidos xilogravuristas do Brasil, ganhou essa fama quando começou ele mesmo a produzir suas próprias ilustrações para folhetos de cordel, como podemos observar na figura 1.

Figura 1: Lua de Mel de Matuto de J. Borges



Fonte: Disponível em: (<http://blog.teatrodope.com.br>) acesso em: 2 mar. 2013.

Ao observar a figura, notamos a serpente ao lado direito, enroscada na árvore podendo representar a personagem da história bíblica de Adão e Eva. O cenário da lua de mel pode ser comparado ao paraíso, onde os personagens comeram o fruto proibido, levando a humanidade a conhecer o pecado. De maneira semelhante, podemos fazer alusão também ao amor sob “O luar do sertão” música de Luiz Gonzaga.

Segundo o poeta Pedro Costa (2010), esse tipo de artesanato apareceu no século VI, na China, e no ano de 751 foi adotado pelos árabes. Já no Brasil ele aparece na década de 1880, na cidade do Rio de Janeiro, juntamente com as primeiras tipografias:

A arte da Xilogravura ploriferou quando os artistas começaram a usar madeiras umburanas, Caracas de cajá, ou pau pereira, cedro, imbuia, peroba, pita, pau-pombo, vinhático, pinho e outras madeiras da região. Com o aparecimento de varias oficinas tipográficas, criou-se um mercado de trabalho para esses artistas, que passam a trabalhar de impressores, compositores e cortadores de papel nas tipografias (COSTA, 2010, p.54-55).

Já conforme Liêdo de Souza (1981 *apud* Galvão 2006, p.50), “[...] a xilogravura começou a ser utilizada nos anos 40, mas sua generalização como técnica para a confecção das gravuras das capas dos folhetos ocorreu, principalmente, quando o público consumidor do cordel passou a ser, sobretudo, constituído por turistas e intelectuais”.

Assim, até chegar às xilogravuras, o cordel teve outros tipos de ilustrações, como os clichês tirados de cartões postais e fotografias de mocinhos e casais apaixonados, exemplificado na figura a seguir:

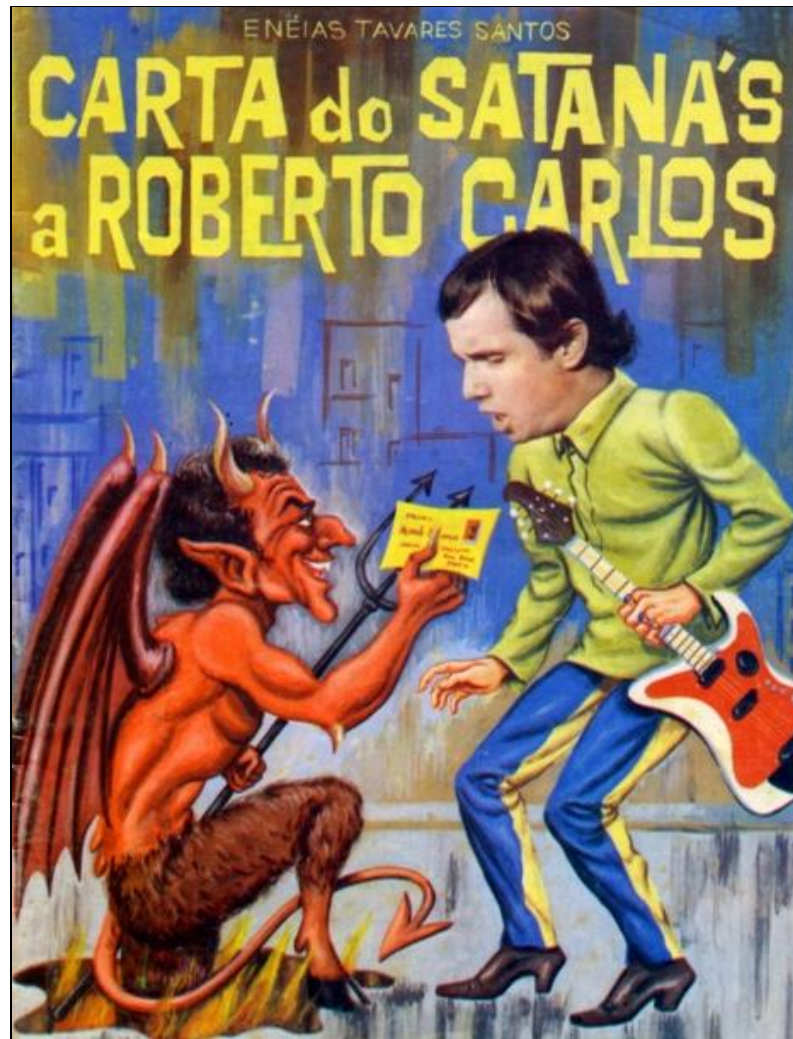
Figura 2: O príncipe João Sem Mêdo (sic) e A princesa da Ilha dos Diamantes



Fonte: Disponível em: (<http://cordelnarede.zip.net>). Acesso em: 20 fev. 2013.

A capa com fotos de casais apaixonados (principalmente os de Hollywood, os mais divulgados e conhecidos da época) eram os preferidos das editoras (antes das xilogravuras). Capas retiradas muitas vezes de cartões postais. Nessa época também estava no auge transformar romances e histórias clássicas em cordéis.

Figura 3: Carta do Satanás a Roberto Carlos



Fonte: disponível em: (<http://lounge.obviousmag.org>). Acesso em: 20 fev. 2013.

O cordel “Carta do Satanás a Roberto Carlos” (visto acima), foi inspirado na sua música “Quero que vá tudo pro inferno”, e ficou sendo um dos mais vendidos na época da sua publicação. Pois, segundo o estudioso Jeová Franklin, o primeiro folheto, de que se tem notícia da aparição da xilogravura foi “A história de Antônio Silvino, editado no ano de 1907, pelo poeta Francisco das Chagas Batista na Imprensa Industrial no Recife.” (JEOVÁ FRANKLIN apud VASQUEZ, 2008, p. 21). Podemos observar, na figura abaixo a presença forte do sertanejo e o cenário do sertão nordestino:

Figura 4: Capa do folheto: História Completa de Antônio Silvino



Fonte: (Livro “Antologia da Literatura de Cordel”, do autor Sebastião Nunes Batista, 1977, p.83).

Ainda é necessário mencionar as figuras que mais divulgaram o cordel pelo país, os cantadores. As histórias eram passadas de cantador para cantador e muitas vezes através de cartas ou “cantadores ambulantes” denominados assim por Galvão (2006), que faziam a difusão de suas histórias de um lugar para outro, transformando notícias em narrativas e versos, aproximando pessoas de outras pessoas e do mundo, porque foram eles os “portavozes de novidades” daquela época, quando as pessoas sabiam de muitas coisas pelo ouvir dizer.

Como já foi discutido, os poetas cordelistas foram as principais atrações dos sertões do Nordeste, portanto cabe aqui mencionar alguns destaques do cordel nacional: Leandro de Barros é considerado por Haurélio (2013), como o “Pai do Cordel Brasileiro”. Nasceu no sítio Melancia, município de Pombal (PB) e faleceu em Recife (PE) em 4 de março de 1918. Entre suas principais obras estão: “A batalha de Oliveiros com Ferrabrás”, “A Confissão de Antônio Silvino”, “Donzela Teodora” e “História de João da Cruz”. Outra figura emblemática é João Martins de Athayde, nasceu em Cachoeira de Cebolas, povoado de Ingá do Bacamarte (PB), em 23 de junho de 1880 e faleceu em 7 de agosto de 1959 na cidade de Limoeiro (PE). Escreveu os folhetos: “A morte de Lampião”, “História da Imperatriz Porcina”, “Proezas de João Grilo” dentre outros.

Outro representante da cultura popular nordestina foi Antônio Gonçalves da Silva, o famoso Patativa, que nasceu em 5 de março de 1909, na cidade de Assaré (CE) e faleceu no dia 8 de julho de 2002 em sua cidade natal. Seus poemas mais conhecidos são: A Triste Partida, Cante Lá que eu Canto Cá e O Poeta da Roça. Outro destaque foi Aderaldo Ferreira de Araújo, o Cego Aderaldo; nasceu no dia 24 de junho de 1878 na cidade do Crato (CE) e morreu em Fortaleza no dia 29 de junho de 1967 e sua obra mais famosa é A peleja de Cego Aderaldo e Zé Pretinho.

No Piauí, Costa (2010), sustenta que o primeiro poeta da literatura de cordel foi Firmino Teixeira do Amaral, nascido em 1886, na localidade Bezerro Morto, na antiga Amarração (atual município de Luís Correia), e faleceu em Parnaíba em 1926, deixando-nos 12 obras de cordel publicadas, e entre as mais conhecidas mundialmente está a “Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum”, “A festa dos bichos ou as aventuras de um porco embriagado” e “O casamento do bode com a raposa: história completa”.

Outros poetas cordelistas de grande destaque também no Piauí são: Zé da Prata (Altos), Pedro Gonçalves (Teresina), José Cunha Neto (Campo Maior), Chico do Romance cearense, que vive no Piauí há mais de 60 anos no município de Piripiri. Após essa visita histórica à literatura de cordel, é importante fazer referência aos cordelistas piauienses que participaram do Projeto Cordel nas Escolas. São eles: Vicente Evangelista, Jovenildo Araújo, Zózimo Tavares e Pedro Costa. O quadro a seguir traz algumas informações sobre vida e obra desses quatro cordelistas.

Quadro 2: Vida e obra dos cordelista que participaram do Projeto Cordel nas Escolas

CORDELISTA	VIDA	PRINCIPAIS OBRAS
Pedro Nonato da Costa	Nasceu no dia 03 de abril de 1962, no município de Alto Longá- PI. Também conhecido como “Dom Quixote do cordel”, é violeiro, repentista, compositor, autor, editor, presidente da Fundação Nacional do Cordel- FUNCOR e membro piauiense da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. É responsável pela revista DE REPENTE e idealizador da I Coletânea de Cordéis Produzidos por Crianças.	“As modalidades e a técnica do repente”, “Poemário de cordéis”, “Brasil Cruzado”; (mais de 400 títulos em cordel). Em cordel para a escola: “O que é cordel (e seus mestres)”, “A vida sobre rodas”, “Cartilha do diabético”, “Entre o peito e a mama”, “O cordel da matemática”, “A batalha do Jenipapo”, entre outros.
Zózimo Tavares	Nasceu em 4 de abril de 1962 em Novo Oriente, município do Ceará. Em 1967 mudou-se para o município de Água Branca, no Piauí, junto com a família. E aos 16 anos de idade veio para a capital Teresina. Formado em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí, e Letras pela Universidade Estadual do Piauí. Também é editor-chefe do jornal Diário do Povo, e membro da Academia Piauiense de Letras.	Em humor: “Falem Mal, mas Falem de Mim”, “Pra Seu Governo”, “O Pulo do Gato”, “Filosofia Barata”; Em cordel: “Vote Lá Que Eu Voto Cá”, “Céu da Terra – Roteiro Turístico do Piauí em Versos”, “Fique Lá Que Eu Fico Cá”, “O Voto É Inseticida Contra Praga de Ladrão” – Guia Eleitoral, “Zé da Prata – Poeta da Sátira”, “Sonetos de Cantadores”- organizado em parceria com o poeta Nonato Costa, da banda Os Nonatos.
Jovanildo de Araújo	É professor universitário e cordelista piauiense. Ministrou oficinas de cordel para crianças de escolas da rede municipal de Teresina desde o começo do “Projeto Cordel nas Escolas”.	Não foram encontradas.
Vicente Evangelista	Nasceu no município de Picos-PI em 22 de dezembro de 1937 e faleceu em 05 de agosto de 2008 em Teresina. Foi professor, poeta popular e repentista. Formado em Letras e Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. Foi também Tenente da Polícia Militar e um dos fundadores da Associação de Violeiros e Poetas Populares do Piauí.	“Mensagens poéticas”, também editou os cordéis “Abolição da escravatura”, “Sertão”. Foi incluído em uma das coleções “Biblioteca de Cordel” publicada pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves e na “Antologia de Cantadores e Poetas Populares do Piauí” (2006).

Fonte: Quadro organizado pela autora Silva (2015).

O cordelista, além de ser um dos emblemas da cultura nordestina, também cria histórias que descrevem aspectos da vida real, valores e princípios sociais. Além disso, ele é considerado e consagrado como:

[...] um jornalista que escreve versos, é um historiador que destaca o distanciamento acadêmico em obediência aos ditames do coração, é um poeta que recusa a torre de marfim para sujar os pés na poesia do chão, é um profeta que sucumbe aos próprios vaticínios. É, em suma um ente literário completo, em cujas veias corre tinta de impressão e em cuja face as rugas profundas parecem espelhar sulcos vigorosos das matrizes das xilogravuras (VASQUEZ, 2008, p.12-13).

Outra figura importante nesse aspecto cultural são os vendedores de cordel, que segundo Galvão (2006), têm um jeito especial de atrair a clientela, eles liam, declamavam os versos para que as pessoas pudessem ouvir e se interessar pelas histórias e depois comprá-las, mas não era só isso, a voz tinha que ser bonita e agradável. Cascudo (1978, p. 239) descreve o que sentia ao ouvir as narrações dos poetas populares:

A narração é viva, entusiástica, apaixonada. Não ouvi uma história desinteressante nos anos em que vivi no sertão. Só conta uma história quem está disposto a viver-lhe a vibração incontida, transmitindo-a ao ouvinte ou ao auditório. Não há um cânon para os processos de entonação, silabação, divisão de períodos, fases do enredo. Sente-se que a tradição impregnou a evocação que se processará segura e nobre como se repetisse a dicção misteriosa de outras contadeiras desaparecidas.

Portanto, a cultura do povo, o jeito particular, a maneira de se expressar é que enriquece o folclore de uma região como o Nordeste, abastada de fenômenos poéticos e festivais de tradições populares.

Desse modo, a história do cordel no Piauí se mistura com o Festival de Violeiros organizado pela Casa do Cantador desde a década de 1970. No próximo tópico descreveremos o panorama da literatura de cordel no Piauí em conjunto com os antecedentes históricos do Projeto Cordel nas Escolas.

3.4 Antecedentes históricos e as fases do Projeto Cordel nas Escolas

A contribuição do Piauí para a literatura de cordel se deu a partir de seus poetas populares, onde o som da viola passeava nas fazendas e litorais, em eventos religiosos, feiras e vaquejadas. Por esse motivo, Ribeiro (1997) conta que a literatura de cordel no Piauí se deu

no século XIX, com o poeta Hermínio Castelo Branco ao escrever “Ecos do Coração”, no ano de 1881. Em contrapartida, Costa (2010) sustenta que o primeiro poeta da literatura de cordel no Piauí foi Firmino Teixeira do Amaral, nascido em 1896, na localidade Bezerro Morto na antiga Amarração¹¹, e faleceu em Parnaíba em 1926. Como podemos observar, assim como no Brasil, as origens e o desenvolvimento do cordel no Piauí, entre os cordelistas não são um consenso. Galvão (2006, p.28) explica que:

[...] a questão das origens é sempre problemática no âmbito da historiografia contemporânea, revelando-se, quase sempre um falso problema e esforço inútil em busca de uma resolução, na medida em que a história é feita de rupturas e não somente de permanências que se deslocariam em uma trajetória linear e progressiva em direção (retrospectiva) a um suposto ponto de onde tudo se teria originado.

No universo das manifestações populares, Nunes (2003), afirma que a literatura popular piauiense é variada, devido às apresentações de violeiros em emissoras de rádio e cidades interioranas. O ser e o fazer dos cordelistas piauienses traziam no seu linguajar o amor ao povo e à terra, segundo Moura (2001, p.60):

Fica patente que os primeiros escritores do Piauí foram muito ligados ao povo e à terra, e sua literatura, numa forma singela mas esteticamente bem aceita, era para gente que pouco ou nada sabia ler, mas ouvia e gostava de ver ouvir- porque havia pouquíssimas escolas e muitos analfabetos.

Dessa maneira, buscamos indícios da literatura de cordel no Piauí de 1970 a 1990, uma vez que esse recorte temporal faz parte do estudo mais aprofundado sobre os antecedentes históricos do Projeto Cordel nas Escolas. Ao descrevê-lo, utilizamos as notícias que circulavam nos jornais dessa época com o intuito de analisar como a literatura de cordel foi por eles descrita. Iniciamos nossas buscas pelo Jornal O Dia, de 1973, quando traz a seguinte manchete: “Cordel, um meio de comunicação que tende ao desaparecimento”.

¹¹ Atual município de Luís Correia-PI

Figura 5: Cordel, um meio de comunicação que tende ao desaparecimento



Fonte: Jornal O DIA, 18,19 de novembro de 1973 p.5.

Nos anos 1960 até o início dos anos 1970, o cordel passou por uma grande crise no Brasil como já foi discutido anteriormente e conseqüentemente a circulação desses folhetos diminuía. Na metade da década de 1970, essa manifestação cultural tornou-se também objeto de estudo nas universidades dentro e fora do país. Esse momento também é marcado pela formação de novos leitores e pela mudança nos locais de venda desses livrinhos, como livrarias e centros artesanais. Nesse aspecto, vale a pena referir-nos novamente a Galvão (2006) quando discute o acesso aos folhetos, dizendo: atualmente são comprados basicamente por turistas e estudantes. Nesse sentido, essa informação é evidenciada na fala do Senhor Alberto J. de Araújo, vendedor no Mercado Central de Teresina, que considera as vendas do ano de 1973 fracas: “Antigamente, eu vendia muito romance, ficava rodeado de gente a ouvir eu a cantar, mas hoje são raros os que procuram ficar parados ouvindo as histórias que eu conto através dos livretos, como raros também são os que conhecem essas historinhas.” (O DIA, 1973, p.5).

Caso semelhante pode ter ocorrido em relação a um dos nossos entrevistados, o senhor José Ferreira Neto, também vendedor de cordel em Teresina:

Comecei a vender literatura de cordel na década de 80, mais ou menos uns 40 anos, mas as vendas “é fraca” e eu também não tenho condição. Toda vida eu trabalhei de roça, lutando com a vida só de roça. Agora em 2005 me

aposentei, aí deixei de trabalhar de roça e to vendendo aqui em Teresina. [...] Todo dia eu chego cedo aqui em Teresina no Shopping da Cidade, volto uma hora da tarde, duas horas ninguém me encontra mais aqui. Toda vida eu vendi só até uma hora da tarde nas feiras em Água Branca... Tá com uma faixa de sete a oito anos que eu to aqui em Teresina. Minha venda é fraca... Não tenho condição, não tenho leitura, sou analfabeto, mas sou conformado com minha vida, com minha situação (JOSÉ NETO, 2015).

Pode-se afirmar, assim, que nosso interlocutor teria na venda de cordéis o complemento de sua renda na roça. Conforme foi demonstrado, a dedicação exclusiva às vendas só foi possível após a aposentadoria, levando o comerciante a mudar-se para Teresina. Na figura abaixo, vemos o senhor José na sua banca de cordel localizada no segundo piso do Shopping da Cidade em Teresina- Piauí.

Figura 6: O vendedor José Neto na sua banca Estrela da Poesia



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora Amanda Ribeiro da Silva (2015)

Em relação à sua rotina como vendedor, podemos verificar novamente que os consumidores dessa arte não se concentram na capital. Por esse motivo a jornada de trabalho do Senhor José Neto é pequena comparada à dos outros comerciantes do Shopping da Cidade. Esse fato se confirma nas palavras do feirante:

Toda vida fui caprichoso, a minha opinião, meu jeito... Toda a vida eu cumpro essa obrigação de vender todo dia, que venda ou que não venda... Que as “venda” “é fraca” demais. Aqui mesmo em Teresina o povo não aprecia, não gosta, não existe aqui. Mas de uns tempos pra cá. Porque antes muito eu comprava... Vinha de Água Branca comprar aqui pra “mim” vender

lá, no mercado velho, mas num existe mais aqui. E o povo aqui em Teresina, num aprecia, num gosta. Só vendo pra gente do Maranhão, do Pará, dos interior do Piauí, mas eu vendo bem quando aparece gente. “Pra” aqui, “pra” Teresina é muito difícil eu vender! O povo num aprecia não (JOSÉ NETO, 2015).

A partir do depoimento, examinamos que os leitores e consumidores dos folhetos estão reunidos no interior do Estado do Piauí e em estados vizinhos. Porém, esse fato não é recorrente apenas na atualidade, segundo Galvão (2006, p.107), o público da poesia de cordel “[...] na época de seu apogeu, era constituído, predominantemente por homens, mulheres e crianças das camadas populares, analfabetos ou semi-alfabetizados”. José Neto (2015) também revela que os idosos são os maiores compradores da referida literatura. Talvez isso se deva ao fato desses leitores ainda manterem viva a tradição das leituras nos serões familiares e considerarem o cordel como “o jornal do nordestino”.

Ao ser questionado sobre os cordéis mais vendidos (Anexo C), ele relata:

A respeito da vida de seu Lunga, tem um bocado dele. Tem até cd de seu Lunga. Vendo também DVD e CD de violeiro. Vendo mesmo de violeiro e alguns de piada também. E literatura, é o Pavão Misterioso, do João Grilo, tem um bocado deles aí que o povo procura mais (JOSÉ NETO, 2015).

O trecho acima nos revela que os cordéis com maior número de venda são os clássicos, pois de acordo com Galvão (2006, p. 91), “os poemas parecem reforçar certos valores, ideias e modos de pensamento que já compõem o mundo dos leitores, levando-os a se sentir à vontade com a estrutura narrativa e o teor das histórias”.

Mesmo diante da mídia moderna e da publicidade, o senhor José Neto encontrou uma forma criativa e coerente de divulgar seu material como pode ser visto na figura a seguir.

Figura 7: Cartaz de divulgação da Banca Estrela da Poesia



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora Amanda Ribeiro da Silva (2015)

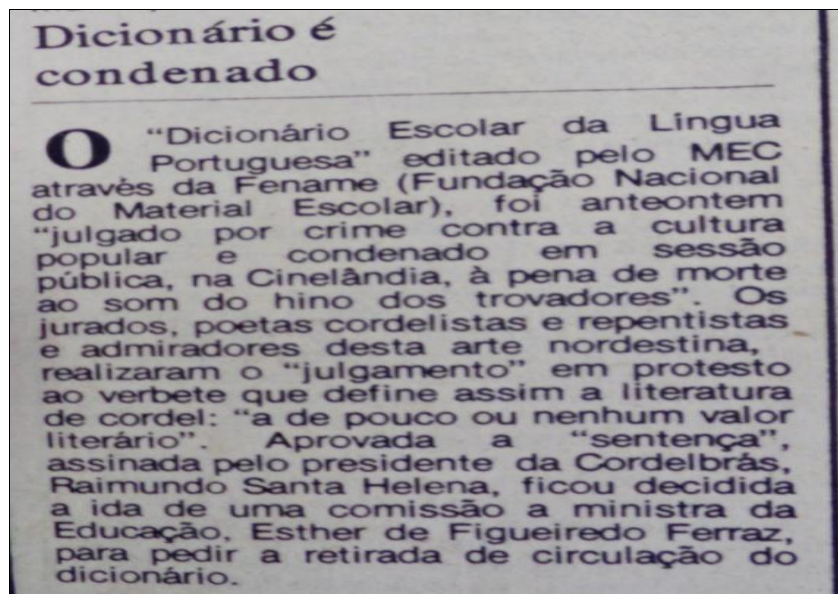
Outro fato interessante, é que encontramos na banca Estrela da Poesia muitos cordéis da Editora Luzeiro, famosa por publicar grandes clássicos da literatura popular há mais de 50 anos. Além disso, foi a partir de sua instalação que os folhetos passaram a ser feitos no Brasil. Dessa maneira, muitos poetas a reconhecem como a grande responsável pela permanência do cordel no nosso país.

Mesmo com vendas reduzidas, “nos últimos anos, muitos intelectuais, principalmente, têm-se engajado em movimentos que buscam revigorar a literatura de folhetos” segundo Galvão (2006, p. 34). Assim sendo, após as manchetes publicadas sobre a crise do cordel, o Jornal O Dia noticia: “O Cordel vai para as Escolas.” De acordo com o periódico, a literatura popular está influenciando cada vez mais a literatura erudita, assim ela pode chegar à sala de aula e ser inserida como bibliografia no currículo escolar, principalmente das universidades. Dois anos após essa notícia, a professora Maria de Lourdes Borges Ribeiro, na coluna do jornal dedicada ao vestibular, traz sugestões de “Como pode o folclore ser utilizado na escola?”, diante dessa possibilidade, a docente propõe aos diversos níveis de ensino como fazer uso da cultura regional. E destaca que:

No Brasil, é antiga a lição do aproveitamento do folclore no ensino. Já nas primeiras décadas de nossa vida, os jesuítas o aplicaram com extrema sabedoria na catequese, utilizando as danças e os cantos indígenas, e encenando seus autos. Anchieta, nosso primeiro mestre, nos legou esse exemplo, nos campos de Piratininga (O DIA, 24 DE OUT. 1975, p.7).

Então, percebemos que há uma tendência crescente na defesa do elo entre folclore, cultura e educação, e são muitas as iniciativas tomadas por parte dos professores e estudiosos a respeito do assunto, apontando o papel da cultura popular como fator contributivo para o desenvolvimento de uma educação associada à realidade dos alunos. Na mesma direção, os cordelistas, no ano de 1982, sentiram-se injustiçados pelo Ministério da Educação e Cultura devido ao dicionário de língua portuguesa se referir à literatura de cordel como “de pouco ou nenhum valor literário.” Diante disso, os cordelistas simulam um julgamento em protesto ao verbete e com a finalidade de chamar atenção das autoridades, pedindo a não circulação do dicionário. Como pode ser visto no recorte de jornal abaixo:

Figura 8: Dicionário é condenado por Cordelistas



Fonte: Jornal O Dia, 20 de agosto de 1982, p. 3.

Os cordéis impressos descrevem a cotidianidade, considerando o imaginário de cada um, possuem uma linguagem diferente da tradicional, portanto, seus intérpretes criam suas regras de expressão que são essenciais para a composição de suas obras. Assim sendo, esses dois modelos de literatura são constantemente confrontados. Consideram a literatura popular como ambulante, uma vez que o poeta fala a voz do povo. Diante disso, até a década de 1980 as pessoas não reconheciam seu valor literário. Em consonância com essa discussão, podemos associar que em agosto de 1983, novamente a literatura de cordel sofre com a crise no Piauí. Em contrapartida, esse tipo de leitura passa a interessar ao público jovem como afirma o vendedor de cordel Antonio Alves da Silva: “A literatura de cordel ainda encontra público consumidor e os folhetos não perderam a característica “rústica”, devido ao avanço das artes

gráficas, com o advento do off-set¹². Atualmente quem mais compra cordel é gente jovem, estudantes principalmente.” (O DIA, 21/22 AGOSTO 1983, p.9)

No mesmo ano, o poeta Vicente Evangelista, que mais tarde participou do Projeto Cordel nas Escolas, deu uma entrevista ao jornal impresso falando sobre a situação do cordel e dos seus representantes no Piauí: “[...] no Piauí não é possível viver somente dessa atividade, porque falta apoio e incentivo por parte dos órgãos ligados à cultura do Estado” (O DIA, 21/22 AGOSTO 1983, p.8). Enfim, não é difícil compreender, que os folhetos populares vivenciaram momentos de decadência e culminância no Piauí. Através dos jornais, constatamos a hierarquização das expressões culturais e sua articulação com a sociedade, educação e escola na busca de integração entre a produtividade, funcionalidade e a transversalidade na construção permanente de saberes e na valorização da produção artística regional.

A literatura popular piauiense é ancorada na tradição, e a mesma ultrapassa o tempo mantendo-se viva até hoje. E é nesse sentido que o ano de 1971 teve grande importância para a revitalização da literatura de cordel no Piauí, com I Festival de Violeiros do Norte e Nordeste, que iremos discutir no próximo tópico.

3.5 O Festival de Violeiros do Norte e Nordeste

Em 1970 no Piauí, o professor Pedro Mendes Ribeiro inicia uma pesquisa sobre a situação do cordel e do repente no seu estado e no restante do Brasil, e constata que essa manifestação popular apresentava-se enfraquecida desde os anos 60, principalmente pela transição da poesia popular rural para a popular urbana.

Aí me veio mais recentemente, na década vamos dizer assim, de 70 pra cá, quando em 1970 viajamos pelo nordeste inteiro fazendo uma pesquisa como se encontrava o repente no Brasil, já que tinha morrido no resto do mundo! A situação era caótica. Estava realmente falido. Então eu tive uma ideia de resgatar a literatura de cordel, tive a ideia não, tive a loucura de dizer em público que ia resgatar a literatura de cordel no Brasil e no mundo. Em 1971 na Praça da Bandeira, nós realizamos o I Festival de Violeiros do Norte e Nordeste, veja bem, o I Festival de Violeiro do Norte e Nordeste [...] (RIBEIRO, 2015).

¹² “Processo gráfico que retira a imagem da chapa de metal para impressão no papel”. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/offset/> acesso em:20/01/2016.

O festival atraiu muitos amantes da viola para Teresina, e essa notícia se espalhou pelo Brasil, fazendo outros festivais se realizarem pelo Nordeste e Sul do país. Esse movimento também revelou novos artistas e valores na arte popular. Com a difusão da festividade, foram atraídos estudiosos das universidades brasileiras e estrangeiras com a finalidade de investigar a cultura popular do Piauí. No início, o festival era realizado em caráter competitivo e mais tarde ganhou uma versão apenas participativa, fazendo com que sua finalidade fosse fortalecer a importância da literatura oral na capital e o encontro entre os poetas do Norte e Nordeste. No ano de 1972, o festival foi realizado em Fortaleza a convite de outros repentistas e de um Bispo da Igreja Católica do qual Ribeiro (2015) não cita nome. Em 1975 o nosso entrevistado é convidado pelo prefeito de Teresina da época, Raimundo Wall Ferraz, para incorporar o Festival de Violeiros às solenidades comemorativas ao aniversário de Teresina. Desde então, o festival é realizado todo mês de agosto na capital. Essa comemoração acontece até os dias atuais na Praça da Bandeira, no Teatro de Arena.

Na IX edição dessa atividade, o Piauí recebe para fazer a abertura das cantorias o poeta Patativa do Assaré, além de algumas autoridades políticas do Piauí. De acordo com a notícia veiculada no Jornal O Dia, de 1982, antes do início da festa ocorreria uma missa celebrada pelo Padre Matuzalém, que também é repentista. Toda a celebração religiosa foi feita em versos com a participação de um coral de violas. Mesmo com o festival, os violeiros não possuíam uma sede de apoio aos artistas populares. Portanto, Pedro Mendes Ribeiro pede a colaboração ao 25º Batalhão de Caçadores e ao Centro de Formação e Aperfeiçoamento (CFAP) para hospedar os repentistas de outras cidades que ficaram em Teresina durante três dias.

Em 1983, Teresina faz uma homenagem a Domingos Fonseca, falecido em 1958 em Fortaleza, que foi um grande nome do repente no Brasil. O poeta era natural de Miguel Alves do Piauí.

A estátua de Domingos Fonseca, em frente ao Teatro de Arena, na Praça da Bandeira será inaugurada às 19 horas do dia 19, após a abertura do X Festival pelo Governador Hugo Napoleão, com palavras do professor José de Arimatéia Tito Filho, presidente da Academia Piauiense de Letras (O DIA, 9 de agosto 1983, p.9).

Na ocasião, a exemplo do que aconteceu em festivais anteriores, alguns pesquisadores da arte popular estiveram presentes durante toda a apresentação dos violeiros. A solenidade contou com o apoio do Governo do Estado, da Prefeitura Municipal, Secretaria de Cultura e Banco do Estado do Piauí.

Desse modo, no dia 16 de agosto de 1985, é inaugurada a Casa do Cantador, que a partir de então passa a ser um núcleo de apoio a violeiros e poetas populares de todo o Nordeste. A casa conta também com uma biblioteca de cordel para os pesquisadores interessados na temática, além de prestar assistência à saúde, a internações hospitalares, passagens, remédios dentre outros benefícios. O local foi doado pelo empresário João Claudino Fernandes, do grupo “Armazém Paraíba”, em 1984 e o presidente da casa narra esse momento:

A árvore é frondosa, se a terra é boa. No baile das emoções, vivido no dia 19 de agosto do ano de 1984, por ocasião de um churrasco que se realizava em minha residência, ao ensejo do XI Festival de Violeiros do Norte e Nordeste, João Claudino fez despencar uma cascata de emoções ao anunciar o mote: João Claudino vai doar/ A casa do Cantador (RIBEIRO, 1995, p.17).

O mesmo professor a denominou de “Santuário da Poesia”, e diz que essa iniciativa poderia despertar a consciência cultural do Brasil para o verdadeiro repente. Na solenidade de inauguração, o então Arcebispo de Teresina, Dom Miguel Fenelon fez à bênção da nova casa e de todos os poetas populares. A associação funciona no bairro Vermelha, zona Sul de Teresina.

A Casa do Cantador também possui um acervo de fitas cassete e fitas de rolo com a apresentação dos violeiros em várias edições do festival. Pedro Mendes Ribeiro, presidente da Associação de Violeiros do Piauí, afirma que o cordel ressurgiu em Teresina na década de 1970, devido ao Festival de Violeiros. Este professor e repentista afirma que:

A cultura é a manifestação criativa do engenho humano no tempo e no espaço. Preservá-la é um dever de todos nós, povo e governo, de mãos dadas, no sentido de fortalecê-la na adaptação do progresso, sem deixar, contudo, que, em nome do modernismo ou da tecnologia se cometa o grave erro da marginalização artístico-cultural (RIBEIRO, 1995, p. 37).

Sendo a cultura a manifestação viva de um povo, o autor acima chama nossa atenção para sua preservação em conjunto com o governo e instituições culturais e escolares. Nesse sentido, criam-se maneiras de não deixar a cultura popular cair na marginalização e no esquecimento. Na figura a seguir podemos visualizar o momento da inauguração da Casa do Cantador.

Figura 9: Inauguração da Casa do Cantador



Fonte: Fonte: RIBEIRO, 1995, p.30.

Nos dias 21, 22 e 23 de agosto de 2015, aconteceu a 42ª edição do Festival de Violeiros no Piauí, que contou com o apoio do Armazém Paraíba, Prefeitura Municipal de Teresina e do Governo do Estado do Piauí. Além das cantorias, o público que visitou o festival também contou com a venda de cordéis, CD e DVDs dos violeiros locais e de outros estados que participavam dos desafios poéticos propostos pela programação.

A cantoria dos violeiros causa ao público o fascínio pela rapidez do improviso e pela criação poética, mas essa poesia não se dá no vazio, pois seus intérpretes trazem consigo uma função social como explica Sautchuk (2012, p. 121):

Para compreender o lugar e as funções sociais do cantador, é necessário considerar que sua arte, como qualquer outra arte, proporciona mais do que um “prazer estético”; ela cria e veicula representações e motiva formas pelas quais os sujeitos organizam sua experiência e sua relação com o mundo. Para entender o papel do cantador, é preciso pensar na função de sua poesia em seu contexto de realização.

Geralmente, os poetas cantam sobre seus sentimentos e impressões da vida social. Como ouvintes do festival, podemos perceber que as disputas ocorriam em torno de temas contemporâneos e clássicos, mas sempre voltados às condições da política, economia, cultura e educação brasileira. Os desafios dão início com o anúncio do mote (tema), assim, os

violeiros se apresentam falando do lugar de onde vieram e exaltam a cidade de Teresina, agradecendo pela recepção da capital e do povo, mas a função da cantoria não se resume apenas a homenagear e contar história:

Obviamente, a cantoria serve a muitas outras funções, sendo uma forma de sociabilidade e divertimento. Mas seu fazer poético é movido, em grande medida, pela atribuição de celebrar publicamente ideias e sentimentos e de dar vivacidade e concretude a valores coletivos. Assim, em função de suas habilidades poéticas, o cantador se coloca como figura diferenciada nas relações com seus ouvintes e é por meio dessas relações que ele se constitui como pessoa (SAUTCHUK, 2012, p. 124).

Assim sendo, a plateia mais reconhece do que descobre o discurso do violeiro, pois seus versos representam de forma coletiva os pensamentos e opiniões daqueles que a eles assistem.

Mais uma característica recorrente nessas apresentações é o poder do aplauso, é ele quem indica a aprovação ou reprovação do desempenho do cantador, e este necessita saber do reconhecimento do seu público, e dessa maneira é notável que a disputa seja instigada a ficar ainda mais provocativa.

Figura 10: 42º Festival de Violeiros do Piauí – Teresina, 2015



Fonte: Arquivo pessoal do jornalista e poeta Zózimo Tavares

Assim sendo, manter viva a tradição cultural é antes de qualquer coisa, estabelecer uma comunicação entre passado, presente e futuro. Pois como afirma Chartier (2002, p. 70) “a narrativa encontra-se articulada a uma comunidade, o poeta versa, e articula seu discurso com o discurso do contexto social e político ao qual está inserida sua “comunidade de leitores.” Assim com o intuito de fortalecer essa expressão popular, os cordelistas lançam mão de iniciativas que visam promover um diálogo entre a arte, a cultura e os saberes formais, uma vez que há uma necessidade de reviver a cultura cordelista dentro das escolas. Daí surge a construção das primeiras ideias de um projeto que incorpore a literatura oral à educação.

Mas um detalhe interessante sobre isso, é que era secretário de comunicação da prefeitura o Zózimo Tavares Mendes, muito meu amigo. A gente conversando e ele me perguntava da importância desse trabalho, da importância do cordel na literatura piauiense, aí nos tivemos fazendo alguns comentários e falamos mais disso pra ele naquela época, que o meu grande objetivo era levar o cordel para as escolas e ele disse: - Você então tem o meu apoio, vamos conversar com o prefeito. Aí conversamos com o prefeito (não me lembro agora quem era o secretário de educação), em 1990 né? Então colocamos o cordel... Demos o curso para professoras da prefeitura de Teresina sobre o cordel, fizemos várias oficinas mostrando como é que se faz estrofe [...] (RIBEIRO, 2015).

Daí surge a primeira fase do “Projeto Cordel nas Escolas”, que teve como público inicial o professor, que serviu de motivação para recuperar o prazer de ensinar e aprender com elementos constitutivos da literatura popular piauiense. Nesse contexto, é possível pensar a escola como um espaço de socialização dessas múltiplas linguagens da cultura brasileira.

Corroborando com o relato de Ribeiro, o Secretário de Comunicação da época, Zózimo Tavares, completa:

Eu era secretário de comunicação, e fui secretário de comunicação em três gestões, do professor Wall Ferraz, dois anos, do prefeito Francisco Gerardo, dois anos e pouco, e do prefeito Firmino Filho, então não me lembro direito como foi. E o professor Zé Reis foi secretário de educação e foi uma parceria que nós fizemos em articulação com a Casa do Cantador, através do professor Pedro Mendes Ribeiro. Então eu fiz a articulação, o professor Zé Reis que era secretário de educação encampou a ideia e o projeto foi implantado. Então minha parte foi só essa de fazer a articulação e organizar. E a secretaria de educação foi que executou em parceria com a casa do cantador (TAVARES, 2015).

Ribeiro (2015), afirma ainda que no início da década de 1990, o curso sobre cordel foi solicitado por outras instituições educativas como o SESC, que mais tarde criou o

programa “Redescobrimo o Cordel”. Daí em diante, os alunos começam a fazer parte dessa experiência, que tem como foco trazer uma vivência contextualizada no tempo e no espaço em que estão inseridos. Nessa conjuntura o aluno passa a ser produtor de sua própria cultura, reconhecendo um conjunto de conhecimentos acumulados ao longo da história e se identificando com ele. A figura 11 mostra o professor Pedro Mendes falando sobre a importância do cordel para os alunos do Escolão do Itararé.

Figura 11: O professor Pedro Mendes Ribeiro falando aos alunos do Escolão do Itararé



Fonte: Revista De Repente, nº 7, janeiro de 1997, p. 21.

Envolvendo os alunos da rede municipal de Teresina, estudantes de 20 escolas participam de palestras e oficinas sobre literatura de cordel com apresentações de repentistas e cordelistas locais. Diante disso, o poeta Raimundo Clementino (1997, p.18) verseja sobre o “Cordel e sua função social”:

Socialmente cordel
 Um bom papel realiza
 Distrai, informa, ensina,
 Educa, alfabetiza.
 Protesta, pede justiça,
 Apela, sensibiliza

[...]

Cordel a grande escola
 Do passado e do presente
 Cartilha de ABC
 Para um porção de gente
 E frequentando esta aula
 Aprendi fazer repente.

Na poesia acima, sobressai que o folheto era, principalmente, uma fonte de informação e educação, uma vez que o cordel tem o papel de auxiliar o desenvolvimento da leitura, além de divertir seus ouvintes. Mas essa influência vem de tempos ainda mais antigos. Os poemas funcionavam como importante forma de transmissão de valores nas cidades da Grécia:

[...] desde sua origem, nos cantos heroicos gregos, havia uma tendência a atribuir às composições transmitidas através de gerações por cantadores populares um caráter didático. E isso em coerência, afinal, com o conceito de formação ético-pedagógica da *Paideia*, que levava os versos de Homero a serem cantados nas escolas, com propósito educativo (TINHORÃO, 2001, p.60).

Assim, a arte da cantoria está comprometida com o processo formativo do seu público escolar, pois o violeiro, além de versejar sobre a realidade social local, ainda apresenta novos estilos de criação literária, onde o aluno pode utilizar de um repertório variado para transcrever suas próprias experiências e reflexões do contexto em que habita, como aconteceu com nossos participantes da pesquisa. Nessa mesma linha de raciocínio, é interessante observar como o desenvolvimento da literatura popular num espaço formal, faz dela uma literatura escolarizada, ou seja, ela passa a atender aos fins específicos da educação formal, de uma literatura destinada à socialização da leitura e o respeito pela cultura local.

Outro indício encontrado na pesquisa (a partir das entrevistas), indicam que o projeto cordel nas escolas passou por duas fases durante sua trajetória. A primeira foi iniciada por Pedro Mendes Ribeiro e a segunda, pelo poeta Pedro Costa. Dessa maneira, a segunda fase do projeto é o ponto central de nossas análises.

3.6 Projeto Cordel nas Escolas: Pedro Costa

O projeto “Cordel nas Escolas” (Anexo A) foi desenvolvido nas escolas públicas das redes estaduais e municipais na cidade de Teresina-Piauí. A Fundação Nordestina do Cordel-FUNCOR, com o apoio do Ministério da Cultura através do Programa Pontos de Cultura foi a idealizadora da segunda fase desse projeto. Nosso interlocutor, Costa (2015), expõe como se deu a retomada do cordel nas escolas:

[...] em 99 criei a Fundação Nordestina do Cordel. Com a criação da Fundação do Cordel, eu peguei essas ramificações culturais, essas ideias culturais e coloquei como projeto da Fundação, ações da Fundação. E o Cordel nas Escolas entrou. Quando o governo criou o primeiro edital

nacional para pontos de cultura, eu estava com o projeto pronto e fiz... Fui contemplado com o projeto.

Ainda segundo o nosso entrevistado, depois da aprovação do projeto, a Secretaria de Educação selecionava as escolas e posteriormente os gerentes das regionais convocavam os diretores. Após essa seleção, o projeto era apresentado para os componentes da gestão escolar, professores, secretários e principalmente para os pedagogos.

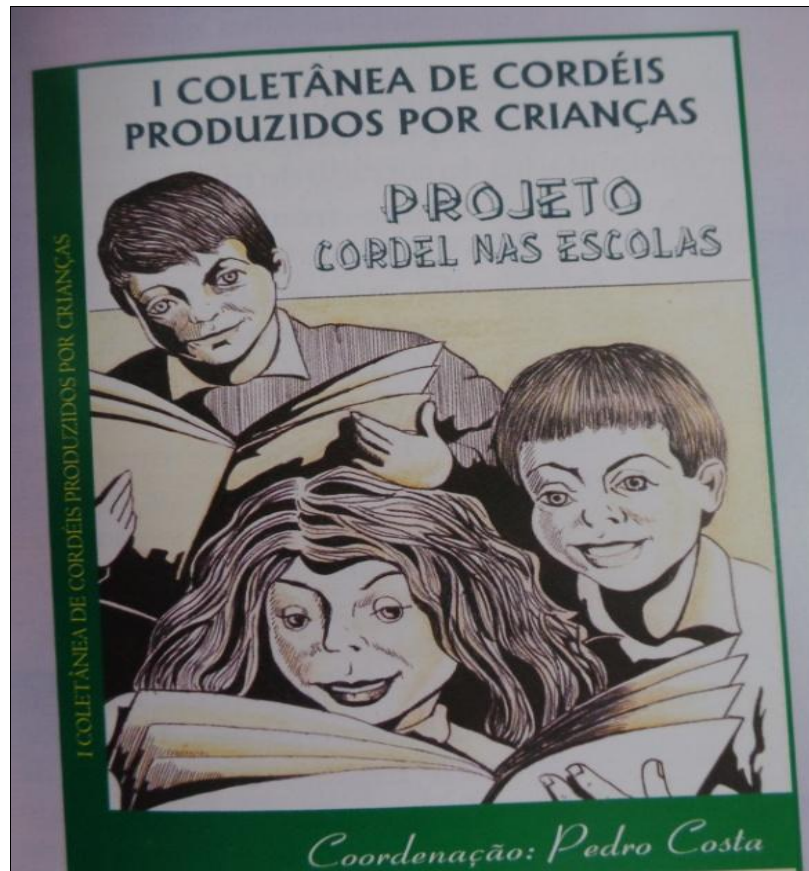
Nessa linha, o projeto tinha por finalidade sensibilizar os estudantes para a importância da literatura de cordel, como forma de preservar e divulgar essa manifestação popular, além de descobrir e estimular novos talentos, essa iniciativa ainda oferecia oportunidade de trabalho para violeiros, emboladores e cordelistas, através de apresentações artísticas. E o ponto de partida foi atender às escolas onde os alunos conheciam parcialmente ou nada sobre a literatura popular.

A iniciativa ganhou mais força quando recebeu do Ministério da Cultura o **PRÊMIO ESCOLA VIVA 2007**, destacando-se no quesito educação e cultura. O poeta Pedro Costa coloca em palavras o que esse projeto representou para ele como cordelista:

Nossa maior alegria é saber que estamos descobrindo poetas mirins nas salas de aula tirando do anonimato [...] talentos teresinenses. Muitos desses alunos não sabiam que tinham o dom de versejar, a provocação dos mestres da literatura popular fizeram com que eles se encontrassem com a poesia, com apenas duas horas de aula eles começavam a narrar histórias em versos de sete sílabas, rimando, metrificando e criando estórias fabulosas (COSTA, 2007, p.5).

Essa ação deu vida à I Coletânea de Cordéis Produzidos por Crianças (como pode ser vista na imagem abaixo), com diversos temas como: saúde, problemas sociais, violência, drogas, dengue, sentimentos, cultura e o próprio cordel.

Figura 12: Capa do livro I Coletânea de Cordéis Produzidos por Crianças



Fonte: Arquivo da pesquisadora Amanda Ribeiro da Silva (2015)

O projeto ministrou oficinas em 20 escolas municipais de Teresina em convênio com a Secretaria de Educação e Cultura (SEMEC). Dessa maneira, foram escolhidos os melhores textos em cordel para compor o livro de cordéis produzidos por crianças. Entre as escolas participantes estão:

Quadro 3: Relação das escolas que fizeram parte da I Coletânea de Cordéis Produzidos por Crianças

ESCOLA	BAIRRO	ZONA
Unidade Escolar Benjamin Batista	Centro	
Unidade Escolar Maria do Carmo Reverdosa da Cruz	Itararé	Sudeste
Fundação Bradesco	Renascença	Sudeste
Unidade Escolar Gabriel Ferreira	Vermelha	Sul
Unidade Escolar Professor José Amável	São Cristovão	Leste
Unidade Escolar Helvídio Nunes	Marquês	Norte
Unidade Escolar José Cândido Ferraz	Monte Castelo	Sul
Unidade Escolar Paulo Ferraz	Vermelha	Sul
Unidade Escolar Vaz da Costa	Buenos Aires	Norte
Unidade Escolar Professor Wall Ferraz	Água Mineral	Norte
Centro Educacional Eurípides de Aguiar	Marquês	Norte
Escola Técnica Estadual Dirceu Arcoverde	Morada do Sol	Leste
Unidade Escolar Moacir Madeira	Saci	Sul
João Mendes Olímpio de Melo-CAIC	Renascença II	Sudeste
Unidade Escolar Fontes Ibiapina	Renascença	Sudeste
Unidade Escolar João Emílio Falcão	Bela Vista II	Sul
Unidade Escolar Zacarias de Goes	Centro	
Escola Municipal São Sebastião	Loteamento Renascença III	Sudeste
Unidade Escolar Lorival Parente	Lorival Parente	Sul

Fonte: Quadro organizado pela autora Silva (2015).

Nos anos de 2007 e 2008, o Projeto Cordel nas Escolas ganha ainda mais destaque, devido ao reconhecimento do Ministério da Cultura, como pode ser visto no quadro abaixo:

Quadro 4: Prêmios recebidos pelo Projeto Cordel nas Escolas

PRÊMIO	INSTITUIÇÃO/ QUESITO	ANO
ESCOLA VIVA	Ministério da Cultura <i>Educação e Cultura</i>	2007
CULTURA VIVA	Ministério da Cultura <i>Valorização da cultura brasileira como meio de construção de identidade e cidadania.</i>	2007
MESTRE HUMBERTO MARACANÃ	Ministério da Cultura <i>Iniciativa exemplar que envolve manifestações da cultura popular brasileira.</i>	2008
ASAS DA CULTURA	Ministério da Cultura <i>Acesso das comunidades mais excluídas ao usufruto de bens culturais</i>	2008
PONTOS DE VALOR	Ministério da Cultura <i>Práticas inovadoras em ações com foco na formação e promoção de valores de vida.</i>	2008
LUDICIDADE PONTINHOS DE CULTURA	Ministério da Cultura <i>Iniciativas que promovam estudo e ação de temas como: O Direito de Brincar, A Educação infantil no Brasil, Direitos e Deveres de Crianças e Adolescentes, Consciência Ambiental, Formação artística e Cultural das Crianças e Adolescentes Brasileiros.</i>	2008

Fonte: Quadro organizado pela autora a partir de dados extraídos do texto digital avulso do Projeto Cordel nas Escolas

O projeto elencou como objetivo geral divulgar e estimular a cultura do cordel nas escolas. E para atendê-lo, foram organizados sete objetivos específicos¹³:

Ministrar Oficinas de Cordel, como forma de descobrir novos talentos; Apresentar Duplas de Violeiros, Emboladores e Declamadores para sensibilização do público; Propiciar trabalho e renda para Violeiros, Cordelistas e Emboladores; Reconhecer a importância da literatura de cordel como patrimônio histórico e cultural do povo piauiense, nordestino e brasileiro; Utilizar a poesia de cordel como recurso pedagógico para debater temas relacionados à educação escolar como cidadania, solidariedade, preconceito, discriminação racial, consciência ambiental, espiritualidade, ética, educação

¹³ Descritos a partir do projeto original (texto digital avulso) cedido à pesquisadora pela Fundação Nordestina do Cordel (FUNCOR).

sexual, combate às drogas, violência, educação de trânsito, condição social da população e amor ao próximo; Estimular a leitura, produção de folhetos de cordel entre, alunos e demais integrantes da comunidade escolar; Transformar a literatura de cordel em um veículo de comunicação de massa.

De modo geral, o projeto acontecia nas escolas da seguinte maneira: eram distribuídos folhetos de cordéis e ministradas oficinas, onde os alunos recebiam informações a respeito do cordel tais como, a sua importância, origem, formato, estrutura, estilos, xilogravuras e poetas. Além disso, havia apresentações de repentistas, cordelistas e emboladores. As oficinas foram ministradas pelos professores Vicente Evangelista, da rede estadual de ensino, e Zózimo Tavares jornalista, escritor, poeta e professor do Departamento de Letras da Universidade Federal do Piauí entre os anos de 2003 e 2005. Durante o projeto também foram distribuídos folhetos para alunos, professores e exemplares para as bibliotecas das escolas foram doados. Nas oficinas, os cordelistas utilizavam como materiais didáticos folhetos locais e nacionais como podem ser vistos nas figuras¹⁴ a seguir.

¹⁴ Arquivo pessoal do poeta e jornalista Zózimo Tavares.

Figura 13: Cordéis utilizados nas oficinas do Projeto Cordel nas Escolas



Fonte: arquivo pessoal do jornalista Zózimo Tavares

A utilização desses livrinhos nas oficinas, proporcionou aos discentes importantes referências sobre esse gênero poético, principalmente de suas características particulares, como por exemplo, a linguagem simples, sonoridade ritmada e de fácil decoração. Assim, o cordel se comporta como forma de manutenção da cultura local e nacional, contribuindo dessa maneira, para que os mais jovens valorizem, identifiquem e reconheçam a tradição popular através do Projeto Cordel nas Escolas.

4 AS VOZES DO CORDEL: “cante lá, que eu canto cá¹⁵”

[...] desconfio que é quando a história termina, na fala do contador, que algo dentro de cada um de nós se inicia e ganha força e poder.

Marisa Silva

Utilizando a memória de alunos e cordelistas, que vivenciaram o Projeto Cordel nas Escolas, compreendemos que a lembrança de suas infâncias se mantém vivas a partir de uma memória coletiva.

Nesse contexto, podemos dizer que a memória é algo que retrata fragmentos, vestígios do que vivemos ou presenciamos um dia, seja numa história contada ou vivida. É ela que também nos faz atravessar anos que estavam adormecidos e que nem sabíamos que ainda habitavam ali, assim: “o passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens e lembranças” (BOSI, 1994, p. 53).

Anterior à discussão feita por Bosi, o teórico Halbwachs (1990, p.34) já afirmava que:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruídas sobre um fundamento comum.

No mesmo sentido ressaltado pelos autores, podemos afirmar que nosso grupo de interlocutores confirmam mutuamente as lembranças uns dos outros. Aliás, essas em conjunto se completam e se cruzam ligadas às memórias do grupo.

No quadro adiante, podemos observar informações atuais sobre os participantes da pesquisa:

¹⁵ Título de um dos cordéis de Patativa do Assaré que narra a comparação entre as coisas do sertão e as coisas da cidade.

Quadro 5: Participantes da pesquisa

NOMES	INFORMAÇÕES ATUAIS
Pedro Costa	Poeta popular e cordelista. Presidente da Fundação Nordestina de Cordel e colaborador da revista De Repente.
Pedro Mendes Ribeiro	Professor aposentado da Universidade Federal do Piauí, Idealizador do Festival de Violeiros do Norte e Nordeste e Presidente da Casa do Cantador.
Zózimo Tavares	Professor, poeta cordelista e editor-chefe do jornal Diário do Povo, de Teresina- PI.
Lêticcia Roniella C. Silva	Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí.
Ismael Silva	Bacharel em Direito pela Faculdade Camilo Filho.
José Ferreira Neto	Aposentado e vendedor de cordel no Shopping da Cidade Teresina Piauí.

Fonte: Quadro organizado pela autora Amanda Ribeiro da Silva (2015)

A partir das discussões feitas ao longo da investigação, organizamos as memórias de nossos participantes em quatro categorias de análise são elas: De lá pra cá: “O liame vivo das gerações”, O verso que vou narrar tem uma história, Cordel na escola? E por fim De cantar e escrever: a importância do cordel na escola.

4.1 De lá pra cá: “o liame vivo das gerações¹⁶”

Na bagagem das lembranças, nossos protagonistas recuam ao passado com a finalidade de nos trazer suas impressões sobre o objeto aqui analisado, uma vez que “[...] a memória é um dos suportes essenciais para o encontrar-se dos sujeitos coletivos, isto é, para a definição dos laços de identidade” (FÉLIX, 1998, p. 35).

Deste modo, as recordações dos interlocutores sobre o primeiro contato com o cordel, remetem ao espaço familiar. Pois, como afirma Galvão (2006), no Nordeste, o costume de contar histórias nos serões familiares, nas fazendas ou engenhos sempre foi muito vivo.

Assim, perguntamos aos nossos interlocutores como eles tiveram contato com o cordel. Vejamos o que respondeu o jornalista e poeta Tavares:

O cordel pra mim ele vem de berço, não é? Meu pai é um cantador, repentista, poeta popular e cordelista. Então, desde criança que me relaciono

¹⁶ Expressão utilizada pelo teórico Halbwachs em seu livro “Memória Coletiva”.

com o cordel. Lá em casa foi um espaço de cantorias e de encontro de violeiros que passavam de viagem... Os cantadores são nômades, são pessoas que andam de um lado pra outro. E minha casa era um espaço de encontro deles. Então me entendi no meio deles, acompanhando as cantorias, os encontros, as histórias que eles contavam, os versos que recitavam, as criações deles, então foi aí que eu me entendi (TAVARES, 2015).

Podemos observar na fala do jornalista Tavares que seu primeiro contato com o cordel foi no meio familiar, nas vivências do grupo social ao qual pertencia. Percebemos assim que as primeiras experiências vivenciadas por ele produziram influências no decorrer de sua vida pessoal e profissional. É interessante também perceber a partir desse fragmento de memórias, que o sujeito recorda o espaço de sua casa, local de encontro dos cantadores, as cantorias, as histórias, os versos. Neste sentido, Halbwachs (1990), explica que a memória está ligada aos espaços e aos grupos, “então todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo” (p. 133).

Vejam os a seguir o que dizem nossos próximos interlocutores sobre o primeiro contato com o cordel:

Quando eu comecei, por exemplo, a ter mais entendimento. Dos 10... Dos 9 aos 10 anos, quando eu comecei a entender o que era literatura de cordel. Porque, que eu disse que é desde que eu me entendo por gente, porque meu pai trabalha com literatura de cordel, tenho tios também, a família por parte do meu pai é toda envolvida nesse meio. A partir daí eu passei a ter contato. A partir dos 10 anos, eu comecei a escrever, comecei a observar o que ele fazia... Me interessar (SILVA, 2015).

[...] meu pai gostava muito de cantoria, e era exatamente às 18 horas quando ele tava acendendo a fogueira e os violeiros afinando as violas pra começar a cantoria aí eu nascia, né? Então, eu já nasci sobre os aplausos do repente e sobre os acordes da viola, isso em 1931. (RIBEIRO, 2015)

Isso aqui nos interessa, pois, como lembra Chartier (1990), uma das finalidades da história cultural é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler.” (p.17).

Os depoimentos dos entrevistados revelam que a tradição do cordel foi passada de pai para filho, visto que o grupo familiar é permeado de gestos, expressões e costumes que são inconscientemente preservados e reproduzidos por seus descendentes, uma vez que o homem conta e canta aquilo que vivencia. Galvão (2006) afirma que os folhetos eram lidos

para um grupo de pessoas na casa dos vizinhos, parentes e até mesmo no meio da rua e nas calçadas. Esses contos eram lidos e ouvidos com muita atenção pelos espectadores. Nessas leituras, era percebida a forte presença do regionalismo, visto que os versos dos folhetos cantavam o amor à terra do sertanejo. A expressão literária partia da interpretação subjetiva declamada em voz alta pelos que sabiam as histórias de memória. Os folhetos poderiam ser de conselhos, de profecias, pelejas, acontecimentos da época e de bravuras. Dessa forma, essas leituras não aconteciam a qualquer hora do dia, a apresentação seguia um ritual como explica Cascudo (1978, p.235):

Toda a parte de prosa na literatura oral exige um ambiente protocolar para sua exibição em qualquer país do mundo. Noventa por cento das estórias, adivinhações, são narradas durante as primeiras horas da noite. Não apenas se explicará a escolha desse horário pelo final da tarefa diária como igualmente por ser indispensável à atmosfera de tranquilidade e de sossego espiritual para a evocação e atenção do auditório.

Esse conjunto de dados revela ainda que essas leituras eram feitas principalmente aos domingos e em “dia santo”. Galvão (2006) também comenta que durante o dia já eram anunciadas que naquela noite haveria leitura coletiva e cantoria dos folhetos. Esse fato animava aqueles que trabalhavam, porquanto parecia ser um tempo dedicado ao lazer após a labuta. Muitas vezes os trabalhadores na volta para casa, já vinham do campo cantando os poemas que haviam decorado durante os serões familiares. Quando a noite caía, sob a luz do candeeiro, era desfrutada a audição dos folhetos.

Outro fato curioso sobre o aspecto das cantorias, é que as histórias não precisavam ser inéditas, essas poderiam ser narradas por vários dias seguidos. O que importava era o desempenho do leitor, era o enredo do conto. Era comum também, a contratação de repentistas pelos fazendeiros. Segundo Galvão (2006), esses profissionais eram chamados para alegrar as festas de aniversários, festas religiosas e comemorações do calendário regional, levando em consideração algumas atividades pastoris ou agrícolas. Assim, para reafirmar o que foi pronunciado pelos nossos interlocutores, recorremos a Chartier (1990, p. 158) quando discute sobre a tradição da leitura camponesa: “os livros dos camponeses estão sempre em mau estado, pois são constantemente manuseados. Eles são transmitidos de herança.” Na mesma direção, podemos constatar que a leitura feita nas localidades rurais entre a família e a comunidade, faz parte de um repertório de representações comuns à poesia bucólica, onde a sociedade camponesa que vivia num regime patriarcal passava para o filho o

envolvimento com as tradições que deveriam permanecer vivas no ambiente em que habitavam, desempenhando dessa forma seu papel social diante dos leitores e ouvintes desses livretos. Percebemos que a caracterização do público leitor de cordéis dos anos 30 até os anos 70 era a população rural, mesmo sabendo que algumas pesquisas apontam a prática dessas atividades na área urbana.

Diferentemente do que aconteceu com outro entrevistado, que teve seu primeiro contato com a manifestação popular dentro do espaço formal de ensino:

Olha o primeiro contato com a literatura de cordel foi em sala de aula. Acredito que por vezes eu tenha até lido, porque sempre fui muito preocupado com literatura, sempre gostei de tá lendo também. Pode ser que eu tenha lido algo antes, mas não entendia aquilo como literatura de cordel, como uma nova faceta da literatura e acabei aprendendo isso por meio do Projeto Cordel nas Escolas. (ISMAEL SILVA, 2015).

Assim, fazendo uma reflexão sobre o exposto, a relação da escola com a cultura popular, nos leva a compreender a inclusão de expressões artísticas regionais nas instituições de ensino, pois o cordel veio ao conhecimento do nosso entrevistado a partir da iniciativa do Projeto Cordel nas Escolas. Nesse sentido, verificamos que essas iniciativas geram novos conhecimentos e significados ao aprendizado escolar, visto que é através das trocas culturais que reconhecemos e formamos nossa identidade. Portanto, é perceptível que a literatura popular possibilita uma ampla alternativa educacional:

Acreditamos que a descoberta dos contos populares pela escola pode infundir novo oxigênio e vida nos programas de ensino, desde a mais tenra idade da educação infantil aos ciclos finais do ensino fundamental. Recuperar nos currículos, para crianças e adolescentes, a beleza do narrar, do poetizar, do cantar, do jogar com as palavras é permitir respirar de novo, com novos ares, o terreno sobre o qual se pretende construir um conhecimento diferenciado. (SILVA, 2008, p. 129).

Incluir a literatura de cordel na escola é também propor uma visão que vai além dos textos escritos em rimas, é ver o aluno como autor do seu próprio aprendizado, admitir que ele seja capaz de discutir questões econômicas, sociais e culturais. Diante disso, “consideramos o folheto popular magnífico ponto de partida para uma abordagem vitoriosa no terreno da educação [...] por ser também uma verdadeira amostra de valores regionais”. (CAMPOS, 1977, p. 66)

4.2 O verso que vou narrar tem uma história

“Hora do recreio. A algazarra de meninos e meninas se transforma em silêncio, como um toque de mágica. Todos aglomeram-se diante de dois repentistas com as violas no peito, apuram os ouvidos e, em seguida, também como um toque mágico, o barulho explode outra vez” (TAVARES, 2007, p.3). Foi nessas cenas repetidas muitas vezes nas escolas municipais de Teresina que Ismael Silva escreveu o seu primeiro verso de cordel. Assim, ao solicitar as reminiscências sobre a temática por ele trabalhada, ele relembra:

A temática que eu trabalhei foi a questão social, né? Foi a questão da problemática social, é algo que tava muito em voga, que ainda está em voga, eu acho... Acredito que, pela questão de ter nascido numa família humilde, numa região carente, a gente acaba vivenciando isso no dia a dia. E foi até uma forma de eu expressar um pouco da minha, digamos entre aspas da minha abre aspas, revolta, fecha aspas. Na verdade não era bem revolta, na verdade é a questão de você estar realmente preocupado com o destino, com o futuro daquela comunidade em que você vive. E isso refletiu bastante dentro do próprio texto da minha literatura de cordel (ISMAEL SILVA, 2015).

Percebemos pela narrativa do nosso interlocutor, que a temática escolhida para produção do cordel está ligada às suas vivências, se referindo também ao grupo ao qual pertence. Nesse sentido, Halbwachs (1990) afirma que nenhum pensamento é puramente individual, pois o homem constitui seu pensamento a partir de suas relações sociais. Assim, mesmo sendo criação artística, o cordel se apoia nas vivências coletivas, ou seja, na própria experiência do aluno. O mesmo autor afirma ainda que o grupo em que o indivíduo faz parte determina o que é memorável, pois os seus participantes se adaptam com os acontecimentos públicos de relevância para o grupo.

Além disso, através no depoimento acima, podemos trabalhar o conceito de “representação coletiva” de Roger Chartier, uma vez que o discurso pronunciado pelo entrevistado não é neutro, mas parte da representação do mundo social em que vive, refletindo suas amarguras e aspirações que sobressaem no momento da criação literária. Entretanto, para entender o conceito de representação coletiva, precisamos recorrer à compreensão do conceito de “habitus” que também é discutido por Chartier em concordância aos estudos de Bourdieu.

De acordo com Bourdieu (2010), o “habitus” é construído a partir da identidade social, ou seja, é através das trajetórias e nos espaços como a família, trabalho, grupos de amigos que o indivíduo constrói suas referências identitárias, influenciadas tanto pelo capital econômico como pelo capital cultural.

Assim podemos dizer que cada pessoa traz em si as apreensões do mundo social que habita. Dessa forma, a noção do que vem a ser representação é definida por Chartier (1990, p.23) a partir da seguinte definição:

Há aí uma primeira boa razão para fazer dessa noção a pedra angular de uma abordagem a nível de história cultural. [...] em primeiro lugar, o trabalho de classificação e delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças uns -representantes (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.

É preciso entender assim que o pensamento do nosso interlocutor parte de um contexto social, e, portanto deve ser compreendido pelo “habitus”, ou seja, pela representação coletiva, que traz consigo significados da sua relação com a situação em que o escrito foi produzido, revelando dessa forma as características de determinado grupo social. Portanto, o seu texto apresenta marcas de suas experiências construídas coletivamente. E dessa maneira, apresenta o cordel como meio de expressão e denúncia. Deste modo, Ferro (2010, p. 44) explica que “através da linguagem articulada em discurso, o ser humano expressa seus sentimentos, ideias, expõe sua visão de mundo, enfim, pode tornar acessível a outros o que quer comunicar.”

4.3 Cordel na escola?

Na busca de indícios que pudessem confirmar a presença do cordel nas escolas, questionamos nossos interlocutores a respeito da chegada do Projeto nas instituições de ensino, e eles relembram que:

Quando chega o cordel nas escolas... Ele chega primeiro com um planejamento, projeto estudado junto com o meio técnico, a gente não fez uma intervenção escolar. Você não pode intervir, fazer intervenções nas aulas do professor. Então faz uma verdadeira programação técnica, junto com o corpo técnico da educação, após isso o projeto afinou. Tá aprovado, dado o aval, mas precisa ter toda a assistência técnica pra poder as ações acontecerem sem atropelar as outras. Porque a carga horária é muito grande nas escolas, então, você tem que trabalhar com “combinância” com eles. (COSTA, 2015).

Primeiro dia era uma apresentação inicialmente para os alunos, uma apresentação de violeiros, com apresentação também dos cordelistas que se faziam presentes e na sequência a gente era, os alunos selecionados, eram conduzidos a uma sala de aula, que nesse caso, nesse período foi um determinado espaço da escola, e nesse espaço começava-se a ensinar os primeiros passos para a literatura de cordel (ISMAEL SILVA, 2015).

Nesse aspecto, o que parece sobressair, é a prática do cordel desvinculada da ação escolar, porquanto, as oficinas tinham lugar e hora específica para acontecer, ou seja, mesmo que o cordel tenha sido inserido no espaço escolar, ele não foi incluído nas práticas da escola. Com isso verificamos que “o cordel nas escolas” não foi uma iniciativa da escola como instituição, ou seja, não foi algo que nasceu dentro da escola, mas algo que veio de fora, muito embora tenha sido financiado pela Prefeitura e pela Secretaria de Educação. No entanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem que a escola deve oferecer aos alunos o pleno exercício da cidadania e isso compreende o acesso de todos à totalidade dos recursos culturais. De modo geral, cabe ao campo educacional incorporar os saberes de origem popular ao conhecimento acadêmico, e é nesse âmbito, que professores e equipe pedagógica discutem e organizam maneiras de trazer situações de aprendizagem diferenciadas para a educação escolar.

De maneira semelhante, Tavares (2015), relata sobre início do Projeto e o primeiro contato com a escola através da Prefeitura de Teresina e da Secretaria de Educação. Ao ser indagado sobre as dificuldades do plano chegar à escola, ele pontua:

Eu acho que não teve tanto essa dificuldade, porque ia, já entrou assim com o suporte, né? Do Secretário de Educação, do Secretário de Comunicação, com o professor Pedro Ribeiro que era um professor universitário muito, muito reconhecido, um professor de sociologia, de filosofia da Universidade Federal do Piauí, com um respaldo muito grande pelo trabalho que ele já tinha na época como divulgador, não é? Da cultura popular. Então, não houve assim tanta resistência.

Nessa perspectiva, os cordelistas chegaram à escola com respaldo oficial (Secretário de Educação, Comunicação e professor universitário). Talvez, por isso, a instituição não tenha resistido à implantação do projeto. Assim, podemos perceber que o âmbito educacional prioriza a cultura uniforme, exercendo como papel fundamental a construção de uma cultura que deve ser comum a todos. E, dessa maneira, os costumes locais ficam apenas no aspecto informativo, considerado como algo externo à escola. Todavia, a dimensão cultural é inerente

aos processos pedagógicos, pois é ela que potencializa aprendizagens mais significativas, que dão ao aluno a chance de valorizar e respeitar as diversas formas de cultura presentes no seu cotidiano.

Assim, percebemos que “[...] cada um de nós, qualquer que seja o nosso grau de vocação de estudos escolares ou extra-escolares, é uma fonte única e original de saber e de sentido” (BRANDÃO, 2008, p.34). Desta maneira, essa escola que tanto discute uma educação para a diversidade cultural, deve deixar de lado o conhecimento das tradições culturais só para a “hora do recreio” ou para o mês de agosto. Mais do que conhecer, o aluno precisa aprender outras criativas maneiras de compreender o mundo.

Como já nos referimos anteriormente, esse projeto veio para revitalizar a literatura de cordel no Piauí, não só estimulando a criatividade do educando, mas também servindo de instrumento para o docente como metodologia diferenciada, fazendo com que redescubram a importância do conhecimento popular aliado à educação formal, levando em consideração a espontaneidade do falar, fazer e interpretar do povo brasileiro. Observamos também que, depois do desenvolvimento do “Cordel nas Escolas”, os alunos passam a ter acesso às produções da literatura popular:

Não vi cordel na biblioteca da minha escola. Não cheguei a ver. Antes do projeto não. Depois do projeto sim, porque o projeto acabava doando pras bibliotecas das escolas que acabavam recebendo o projeto. Se não me falha a memória, eram 500 folhetos que eles doavam, fora os livros e as revistas, porque a Fundação tem uma revista, que é a revista De Repente, que ela traz um foco principal, que é a literatura de cordel. (ISMAEL SILVA, 2015).

A partir dessa iniciativa, os livros doados à biblioteca escolar, transformam-se em instrumentos auxiliares tanto para o resgate da produção poética popular como para a discussão de diferentes assuntos pertinentes ao cotidiano dos estudantes. Sobre isso, Alves (2008) discute que:

Dessa forma, o texto de cordel pode ser usado como um meio, um recurso a mais para a interlocução do aluno com a sociedade. O cuidado que se deve ter é de apenas não tomar esse trabalho na escola como um mero pretexto para uma abordagem puramente gramatical ou mesmo literária, mas sim discuti-lo em toda a sua riqueza, que envolve não só as questões acima, mas também contextuais, o que serve de ponto de partida para a discussão dos problemas sociais, históricos, políticos e econômicos do nosso país (ALVES, 2008, p.106).

Sobre o exposto, examinamos que o cordel possibilita ao aluno refletir sobre o conteúdo dos versos, além de gerar debates sobre a nossa realidade social, política e econômica, ampliando assim sua visão de mundo. Dessa forma, a exploração de novos estilos literários permite ao educando fazer a relação entre a literatura clássica e a literatura popular sem que uma possa se sobrepor à outra. , uma vez que as duas disponibilizam um vasto e rico repertório de conhecimentos.

4.4 De cantar e escrever: a importância do cordel na escola

Sendo o cordel um folheto que narra o cotidiano e os causos do povo, então favorece o desenvolvimento de algumas habilidades como a interpretação, criatividade e oralidade. “Em outras palavras, não basta a natureza criar indivíduos altamente inteligentes, isto ela o faz com frequência, mas é necessário que coloque ao alcance desses indivíduos o material que lhes permita exercer a sua criatividade de uma maneira revolucionária”. (LARAIA, 2011, p. 46). Esse material está pautado na possibilidade dada pela cultura e também pela troca de saberes. Assim, ao ser questionado sobre a importância do cordel na escola nosso entrevistado pontua:

Quer queira ou não a influência da cultura é algo que dignifica o aluno, que dignifica a própria educação, porque você ter contato com aquilo que foi raiz, com aquilo que foi passado e que infelizmente muitas das vezes não é valorizado como se deveria, isso acaba refletindo numa sociedade um pouco... Que fica um pouco a par daquilo que realmente já deixa, foi ficando na história do nosso passado. E a literatura de cordel em si em algo que tipo, te permite falar qualquer tema, te permite falar de política, te permite falar de educação, te permite fazer com que o aluno aprenda um conteúdo em sala de aula de modo tão criativo, de um modo tão dinâmico, de um modo tão prazeroso. Porque quer queira ou não, rimar é algo impressionante, é algo que te fascina (ISMAEL SILVA, 2015).

Para o educando, trabalhar o cordel no ambiente escolar possibilita uma aprendizagem contextualizada e significativa, já que a literatura de cordel é algo próximo da sua própria cultura. Portanto, a escola não pode negar essa influência na aprendizagem do aluno, uma vez que estes fazem parte de uma coletividade infinita de tradições articuladas com seu contexto.

A dignidade da educação e do aluno, como é colocada pelo nosso interlocutor, parte do princípio da igualdade e da liberdade de poder conhecer e valorizar uma cultura que é nossa. Através das histórias narradas pelos cordéis, os indivíduos conhecem o seu passado, à

medida que os folhetos tratam de temas políticos, religiosos, histórias antigas e também do cotidiano, além disso, é a partir desses conhecimentos que construímos um sentimento de pertencimento ao mundo em que vivemos.

Outro aspecto significativo na fala do entrevistado está relacionado à liberdade poética que é dada pela poesia cordelista, o que permite a interação entre texto e leitor, pois nem a escrita e nem a leitura se dão no vazio, mas sim através da sociabilidade, daquilo que se deseja comunicar. Nesse sentido, ao valorizar o cordel como ferramenta didática, o professor aceita o desafio de trazer para sala de aula um conhecimento inovador para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem. E assim, a escola propõe ao aluno aprender a partir de elementos significativos que perpassam a sua relação com a cultura de sua comunidade.

De acordo com Medeiros e Alves (2014, p.55), a literatura cordelista “[...] se mantém atualizada pode e deve ser lida em sala de aula. O cordel pode ser explorado pela percepção temática e formal (linguagem, imagens), o que oportuniza ao professor se utilizar de várias estratégias de leituras, desde a oral até a dramática”.

Dessa forma, nossa outra interlocutora revela o que aprendeu através da literatura popular em verso:

Dentro da escola eu aprendi como conteúdo da escola, uma nova cultura, aprendi a escrever, a organizar as ideias, porque você precisa organizar as ideias pra escrever o cordel da melhor forma possível, usar a rima certa, a métrica, então isso foi importante... Um conteúdo gramatical. Um crescimento intelectual no sentido de é... Uma experiência nova e basicamente isso (SILVA, 2015).

Contudo, a utilização do cordel na aprendizagem dos alunos vai além da beleza da rima e da expressão popular, possibilitam novas estratégias para a construção do conhecimento, assim o educador desperta a motivação dos estudantes a aprender os conteúdos sistematizados pelo currículo. “Portanto, nossa discussão não busca a substituição de textos literários canônicos por textos da Literatura de Cordel, mas sim ampliar o leque de leitura dos alunos, a fim de lhes proporcionar um contato mais plural com as diversas formas de gêneros textuais e artísticos encontradas no Brasil” (ALVES, 2008, p.107).

É importante ressaltar novamente, que o papel educativo dos folhetos não iniciou na atualidade. Sobre isso, Cascudo (1978, p. 34) explica que a leitura dos romances não tinha a intenção de “[...] distrair, provocar sono às crianças, mas doutrinar, pondo ao alcance da mentalidade infantil e popular, por meio de apólogos, estorieta rápidas, o corpo de

ensinamentos religiosos e sociais que preside a organização do grupo.” Porém não é só isso que explica o valor educativo dos folhetos, de acordo com Galvão (2006, p. 186), muitos estudos feitos sobre a literatura do cordel no Brasil assinalam um número expressivo de pessoas que aprenderam a ler através do cordel. A mesma autora discute que a alfabetização por meio desses livretos se dava de maneira autodidata “através da memorização dos poemas, lidos ou recitados por outras pessoas, o “alfabetizando”, em um processo solitário de reconhecimento das palavras e versos, procedia ele mesmo, à aprendizagem inicial da escrita”.

5 ENTRE DIDÁTICAS, CAUSOS E SÁTIRAS: a tipologia do cordel na escola

Neste capítulo buscamos categorizar e analisar os cordéis doados para as escolas durante o projeto. Essas histórias contidas nos folhetos apresentam uma diversidade de temáticas, que vão desde lendas e santos até obras didáticas e satíricas.

De acordo com Diégues Júnior (1977 *apud* GALVÃO, 2006), é possível evidenciar dois tipos básicos de temas: os tradicionais e os circunstanciais. O primeiro refere-se a romances antigos, transmitidos de boca em boca até ganharem um lugar na memória dos poetas, logo após esse processo, os romances eram escritos para não cair no esquecimento. O segundo faz alusão aos acontecimentos contemporâneos tais como: política, enchentes, assassinatos e outros fatos de grande repercussão social.

Outra curiosidade bastante discutida entre estudiosos do assunto, segundo Batista (1977), é a notícia de que os primeiros versos populares circulavam em cópias manuscritas, e foi através delas que poetas como Inácio da Catingueira¹⁷, Francisco Romano¹⁸ entre outros conseguiram desbravar os sertões, levando causos e proclamas feitos à mão. Desta maneira, os cordelistas conseguem despertar o interesse das pessoas através de sua linguagem simples e conteúdos diversos, que representam de alguma forma o sentimento da sociedade.

Nesse sentido, “o conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões, julgamentos. Para todos nós é o primeiro leite intelectual” (CASCUDO, 1978, p. 243). Dessa forma, os cordéis a seguir foram classificados de acordo com o enredo descrito nos folhetos e sua funcionalidade. Para isso, selecionamos alguns recortes textuais, os quais julgamos importantes ferramentas para a compreensão de cada história.

5.1 Cordéis didáticos

Consideramos a primeira categoria como cordel didático devido às suas características estarem intimamente ligadas à transmissão do conhecimento, seja escolar, seja cotidiano, possibilitando a aprendizagem dos seus ouvintes. São eles: Cartilha da dengue, Cordel para criança, Educação de jovens e adultos: coesão textual, O que é cordel (e seus mestres), todos de autoria do poeta Pedro Costa. O primeiro cordel apresentado abaixo é um guia de informação e prevenção sobre a dengue.

¹⁷ Poeta paraibano e escravizado. Famoso por suas pejeas e improvisos.

¹⁸ Famoso por sua pejea com Inácio da Catingueira. Um dos líderes da escola dos cantadores do Teixeira.

Cartilha da dengue

Eu vou falar sobre a dengue
 Uma doença viral,
 Do mosquito Aedes Aegypti
 O bicho vetor do mal
 E sem você perceber
 Ele invade o seu quintal.

Há trezentos anos atrás
 A dengue não existia
 Na África, América do Norte,
 Na Ásia acontecia
 De maneira simultânea
 A primeira epidemia.

O primeiro caso de dengue
 No Brasil aconteceu
 1685
 No Recife apareceu
 Mas só no século vinte
 A doença se estendeu

A fêmea Aedes aegypti
 Se tiver infectada
 E picando uma pessoa
 Logo é contaminada
 Alterando o quadro clínico
 Deixando a vítima acamada.

[...]

Veja se na sua casa

Tem essa peste alojada
 Escuro de pintas brancas
 Tum uma agulha afiada
 Menor que um pernilongo
 E possui a boca alongada.

[...]

Diminuição na pressão
 Sanguínea que dever ser
 A tal de dengue hemorrágica
 Tudo pode acontecer
 Se não for tratada rápida
 A vítima pode morrer.

[...]

Tome cuidado com a dengue
 Ela não é brincadeira
 Começa com a febre alta
 Dor de cabeça, tonteira
 Manchas vermelhas na pele
 Suor frio, vômito e coceira.

Remédios com ácidos cítricos
 Não tome que não combina
 Como, AS e MELHORAL,
 DIPIRONA, NOVALGINA,
 VOLTARÉM e PROFENIID,
 DORFLEX e ASPIRINA.

[...]

(Pedro Costa)

É possível perceber que os poetas populares articulam as informações a fim de facilitar a compreensão do conteúdo ao público destinado. Conforme foi demonstrado, os leitores dos folhetos não se resumem apenas à população rural, como aconteceu inicialmente, mas a uma grande parcela da sociedade. Nesse sentido, as temáticas cordelistas são contemporâneas.

A cartilha da dengue pode ser utilizada na escola, e também por todos aqueles que desejam conhecer de forma rápida e acessível um pouco mais sobre a doença, o mosquito, modos de prevenção e tratamento.

De maneira semelhante, podemos analisar que assim como a dengue, o Zika vírus e a Chikungunya, nesse último ano, têm se tornado uma preocupação pública, principalmente

com os surtos da doença em grávidas e recém-nascidos. Diante disso, o cordel “Esse mosquitinho é a peste”, de autoria da cordelista e enfermeira Anne Karolynne, tem se espalhado pelas redes sociais de todo o país, nos fazendo compreender a agilidade e a função social que exerce o cordel na atualidade.

Por outro lado, com o jogo de palavras rimadas, as crianças são estimuladas a imaginar e criar suas próprias histórias e pensando nisso o “Cordel para Criança” surgiu.

Cordel para criança

Cordel é literatura
Dá pra gente ler
Crianças vamos brincar
De inteligência e saber
No final de cada verso
Você vai me responder.

Diga-me que bicho é esse
Caminha dando supapo
Come brasa, engole fogo
Canta feio e bate o papo
Solta espuma e mora loca
O nome dele é? – O SAPO.

Tem corpo colorido
Na beleza é campeão
O seu rabo forma um leque
Que causa admiração
Parece com avestruz
Que pássaro é esse?- PAVÃO.
Não tem pernas corre muito
Se arrasta e faz manobra

Do corpo faz rodilha
O homem vendo se dobra
Tem veneno e engole sapo
Que bicho é esse?- É A COBRA.

Ele carregou Jesus
Logo ao seu nascimento
Da Judéia para o Egito
Ele é manso e anda lento
Relincha e carrega carga
Que bicho é ele? – JUMENTO.

Vive em rios e lagoas
Nunca gostou de maré
A sua cabeça é seca
Muito cascudo ele é
Tem pressa e rabo comprido
Quem é ele?- O JACARÉ.

(Pedro Costa)

O cordel instiga a criança a pensar, pois o texto para crianças precisa ter sonoridade para que os pequenos consigam se envolver com os versos. Além disso, usá-lo como metodologia na sala de aula, auxilia a criança no desenvolvimento oral e escrito e também no desenvolvimento da atenção, como acontece com o poema acima, uma vez que se trata de um jogo de adivinhações. Em resumo, o uso das adivinhas estimula a agilidade mental e a observação.

Outro aspecto que merece ser destacado é a presença de animais que fazem parte do cotidiano dos alunos, ou seja, o universo do leitor faz parte do poema. Também é possível

observar no cordel um viés interdisciplinar, pois, a partir deste cordel, o professor pode trabalhar, por exemplo, Língua Portuguesa, História, Ciências (meio ambiente, os animais e seu habitat).

Galvão (2006) afirma que, inicialmente, as adivinhações aconteciam principalmente nos serões familiares das comunidades rurais, é como se fosse uma espécie de “competição” entre o público ouvinte, fazendo com que as noites, os domingos e dias santos fossem alegrados.

O cordel contribui no processo de ensino e aprendizagem em todos os níveis de ensino. Isso pode ser observado no cordel “Educação de jovens e adultos: coesão textual” descrito abaixo.

Educação de jovens e adultos: coesão textual

A educação é a base
De qualquer sociedade
Seja de jovens ou adultos
É uma necessidade
Todos com direito ao ensino
E ter continuidade.

[...]

Na linha gramatical
Precisa interpretação
Ligar uma palavra a outra
Para melhor compreensão
Quero dizer nos meus versos
O que é uma coesão

[...]

Não sou intelectual
Apenas um cantador
Que aprendi fazer versos
Exerço com muito amor
Sei brincar com as palavras
Como faz o professor.

Circuíto não se explica
Certo é dizer circuito
Fortuíto é outro erro
Correto é dizer fortuito,
Gratuíto nunca diga
Certo é dizer gratuito.

[...]

Para garantir meu troféu
Cumprir rigorosa meta,
Dentro da sala de aula
Numa linguagem correta
Peço que desculpem as falhas
Deste humilde poeta

(Pedro Costa)

A educação de jovens e adultos apresenta algumas particularidades em relação a outras modalidades da educação, pois são alunos que, por algum motivo, abandonaram ou nunca chegaram a frequentar a escola e agora retornam ou vão à escola com o objetivo de prosseguir ou começar os estudos. A escola precisa estar preparada para atender a essa clientela, lançando mão de metodologias que facilitem o aprendizado desses estudantes. Sabemos também que uma das urgências dessa modalidade é aprender a ler e a escrever. Assim, o cordel pode e deve se comportar como ferramenta didática para contribuir com o ensino e a aprendizagem da leitura e escrita, uma vez que essa poesia narra o cotidiano dos discentes e os remetem à reflexão de forma crítica sobre sua realidade, seu trabalho e sua condição de ser social. Pode-se afirmar ainda que essa literatura também trabalha a interdisciplinaridade, fazendo o saber se articular com outras disciplinas escolares.

Desse modo, para facilitar aos alunos do Projeto Cordel nas Escolas o conhecimento sobre o cordel e sua origem, seu idealizador escreveu os versos abaixo:

O que é cordel (e seus mestres)

[...]	Nascido no litoral.
No nordeste brasileiro Nasceram esses gigantes Mestres dos versos rimados Fantásticos interessantes Criadores de romances Gênios super importantes.	João Martins de Atayde Heleno e Pedro Firmino José Campelo de Melo, Zé Luiz, Zé Bernadino, José Pacheco da Rocha, Também Manoel Faustino.
A origem dessa cultura: França, Espanha, Portugal, Chamado de folha solta Com história genial No Brasil, foi que ganhou Esse formato atual.	[...] Tem Vicente Evangelista Cunha Neto é genuíno, O grande Zózimo Tavares E Raimundo Clementino, Na Bahia, Bule-Bule E Machado Nordestino.
Também folheto de feira Vendido exposto em cordão Daí tornou-se cordel Passou por transformação No Brasil, feito em sextilhas Que se tornou tradição.	[...] A revista De Repente Publicada em Teresina Registra todos os trabalhos De uma forma genuína, Colocando em evidência.
[...] Leandro Gomes de Barros Da cidade de Pombal E o poeta Firmino Teixeira do Amaral Ilustre piauiense	(Pedro Costa)

O poema sobre o próprio cordel permite ao leitor conhecer de forma rápida parte de sua história e principais personagens. O cordelista descreve desde o surgimento do folheto até sua forte presença na região Nordeste. Segundo Galvão (2006), muitos pesquisadores acreditam que a origem do cordel no Nordeste brasileiro se deu pelo fato de o leitor encontrar nessa região poesias orais, como pejeas e outros desafios poéticos ainda na sociedade colonial.

Quanto à forma, destaca a mais utilizada atualmente, a sextilha, que são versos de sete sílabas. Segundo a mesma autora mencionada acima, essa métrica é feita no momento da audição e criação dos versos. A rima é organizada do seguinte formato: ABCBDB, ou seja, o segundo deve rimar com o quarto e o sexto versos.

Além disso, o texto apresenta os grandes nomes do cordel nacional e local. Exemplo disso é Leandro Gomes de Barros, que já foi citado anteriormente ao longo do texto, Patativa de Assaré, entre outros. Autores regionais como Vicente Evangelista e Zózimo Tavares, que participaram do Projeto Cordel nas Escolas. Dessa maneira, a rima é encerrada fazendo menção à revista De Repente, que faz parte da Fundação Nordestina do Cordel (FUNCOR), criada com o objetivo de divulgar a cultura cordelista pelo país.

O cordel no ensino de ciências da educação básica

Literatura em cordel
Tem forma orientadora,
Pode ajudar o docente;
Professor e professora,
Partindo da afirmativa
Como socializadora.

[...]

Unânicos os pesquisadores
Quando dizem com postura
Afirmar que não se faz
Educação sem cultura
Em especialmente local
História e literatura.

[...]

Com educação e cultura

Tornam as aulas criativas
Introduzem as mudanças

Nas formas definitivas,
Em todas as disciplinas
Superam as expectativas.

[...]

A popular sempre mostra
O bem estar social
Os cultos, crenças e costumes,
O respeito e a moral
Cultura dos pés-no-chão
Um patrimônio cultural.
[...]

(Pedro Costa)

Cultura e educação se apresentam como os temas centrais do cordel acima. Nesse sentido, a literatura chama atenção para a importância de se aliar saberes de origem popular a saberes de origem acadêmica e traz o cordel como alternativa didática para auxiliar o docente em sua prática na sala de aula. Então, podemos constatar que essa relação mútua entre cultura popular e educação possibilita uma troca de saberes que ao mesmo tempo ensina, aprende e brinca com novas descobertas.

5.2 Cordéis folclóricos regionais

As lendas têm como característica marcante a transmissão oral, passada de uma pessoa para outra, inspirada em acontecimentos legítimos. Geralmente essas histórias apresentam heróis que podem ser homens, mulheres, animais e outros seres fantásticos. Esses contos são narrados por pescadores, pessoas mais velhas de uma comunidade, entre outros personagens da vida real. Dentro desse contexto, classificamos duas delas como cordéis folclóricos regionais: A lenda do “Cabeça de Cuia” e o “Casamento do Cabeça de Cuia com a Num Se Pode”. Pois:

A lenda é um elemento de fixação. Determina um valor local. Explica um hábito ou uma romaria religiosa. [...] Sem que o documento histórico garanta veracidade, o povo ressuscita o passado, indicando as passagens, mostrando, como referências indiscutíveis para a verificação racionalista, os lugares onde o fato ocorreu (CASCUDO, 1978, p. 52).

Assim, podemos dizer que as lendas estão ligadas a certo espaço geográfico. E descrevem características de um determinado local, aqui no caso, o Piauí. Elas apresentam caráter didático, humorístico, moral e outros. Cada narrador aumenta um ponto nessas histórias, porém elas nunca perdem o seu sentido original. O que pode ser observado nos trechos das lendas abaixo que ganharam suas versões em cordéis para a escola.

A lenda do Cabeça de Cuia

Há muitos anos atrás
Existiu no Piauí
Um pescador que pescava
No Parnaíba e Poty
A sombra da maldição
Estava perto de si.

[...]

Acontece que Crispim
Não aprendeu a trabalhar
Para sustentar a mãe
Ele tinha que pescar
Quando não pescava nada
Danava a esbravejar

[...]

Um certo dia Crispim
Voltou para casa zangado
Não tinha pescado nada
Crispim ficou irritado
Xingando os rios e os peixes
Tudo que via ao seu lado

A mãe disse filhinho
Não pense mais em mazela
Coma um pirão com uma ossada
Que tem na panela
Crispim pega um corredor
Bateu na cabeça dela.

A pancada foi tão grande
Levou a velha ao chão
A mãe antes de morrer
Jogou-lhe uma maldição
Serás transformado em monstro
Num ente sem coração.

[...]

Nas águas desses dois rios
Tu vais ficar a vagar
Serás um monstro assombroso
Até você devorar
As sete Marias virgens
Mas nunca irás encontrar.

[...]

Ele vaga pelas águas

Do Parnaíba e Poty
E no encontro dos rios
Tem uma estátua ali
Descrevendo esta lenda
Folclórica do Piauí.

(Pedro Costa)

O casamento do Cabeça de Cuia com a Num se Pode

Essa história aconteceu
Em uma época passada
Quando Teresina ainda
Não era tão habitada
O povo só acredita
Porque ela é bem contada.

Crispim, Cabeça-de-Cuia
Um sofrido pescador
Matou a mãe, virou monstro
Ficou fazendo terror
De rio abaixo e arriba
Sem conhecer o amor.

Foi no bairro Porenquanto
Numa noite em Teresina
Ela e o Cabeça-de-Cuia
Se encontraram numa esquina
Foi um encontro fatal
Pra os dois mudar de sina.

Ele que há muitos anos
Viveu atrás de donzela
Ela que muitos rapazes
Correram com medo dela
Os dois disseram, amor!
Vamos sair da banguela.

[...]

Porém o tempo passou.
 Teresina evoluiu
 Os esgotos aumentaram
 O rio então poluiu
 E o Cabeça-de-cuia
 Das águas podres saiu.

A Num-se- Pode que era
 Vista na escuridão
 Quando a luz de Teresina
 Era só lampião
 Também ela apareceu
 Numa noite de “APAGÃO.”

[...]

Disse o Cabeça-de-cuia
 - Esse é meu pensamento
 Pedir ao Padre Quevendo
 Pra fazer o casamento
 Só ele tem o enigma
 De acabar encantamento.

A festa só terminou
 quando o dia amanheceu
 Foram embora os convidados
 O sol também se acendeu
 E eu que estava presente
 Narrei o que aconteceu.
 [...]

(Pedro Costa)

A lenda do Cabeça-de-Cuia ganhou várias versões ao longo do tempo. Essa constatação se dá pelo fato da narrativa apontar outros locais ribeirinhos onde tenha se passado a história, porém a maioria assinala os rios Parnaíba e Poti, localizados na cidade de Teresina. Assim, podemos perceber que a lenda em questão traz elementos reais e representativos da capital do Piauí, ou seja, o espaço geográfico é indicado dentro da obra e em seguida aponta-se a pesca como o modo mais comum de sobrevivência na época em que se passa a narração. É importante perceber também que o cordel apresenta personagens fantásticos, construídos a partir de um fato cotidiano. Podemos encontrar ainda valores morais como a obediência e o respeito pela mãe, a punição ao quebrar uma regra, além da devoção pela Virgem Maria. Sem esquecer-se do poder da mãe de abençoar ou amaldiçoar seus filhos, costume comum nas famílias mais tradicionais e rurais.

O segundo cordel, “O casamento do Cabeça-de-Cuia com a Num-se-Pode,” novamente traz a localização do conto e elementos históricos da cidade como o uso do lampião para iluminar as ruas, dessa forma podemos nos situar no espaço e no tempo em que ocorreu o casamento desses dois seres míticos.

O poeta parece ainda se utilizar de elementos que apontam para a modernização da cidade com o passar do tempo como, por exemplo, a poluição dos rios que pode ser decorrente do aumento da população urbana. De modo geral, os folhetos analisados são marcados por elementos mítico-religiosos, que exigem uma linguagem mais próxima da linguagem oral, além de fortalecer valores éticos e oferecer ao leitor um cenário conhecido por eles, ainda dar a possibilidade de refletir sobre sua cultura e fascinantes histórias.

5.3 Cordéis satíricos

De acordo com pesquisas realizadas durante o estudo, é comum encontrar cordéis que tratem de assuntos polêmicos, principalmente no que diz respeito à política brasileira. Nos anos 1960 e 1970, conforme foi discutido anteriormente, os cordéis que ridicularizavam as práticas governamentais foram queimados em praça pública, pois o Brasil vivia um período de ditadura. O impedimento da circulação desses versos se deu também pela fácil compreensão das mensagens passadas aos seus leitores, principalmente daqueles que não tinham escolaridade. Dessa maneira, ficou evidente o poder do cordel em informar e formar opiniões.

Dentre os poetas que mais escreveram paródias e sátiras em cordel, se destaca Leandro Gomes de Barros. Suas poesias satíricas podem ser encontradas no livro *O Povo de Papel: a sátira política na literatura de cordel*. Os poemas mais famosos são: “Padre-Nosso do Imposto”, “O aumento do selo e a crise atual” e “Discussão de um Fiscal com uma Fateira.” Já nos cordéis para escola, classificamos dois folhetos: “A volta do Lampião ao inferno” e “A cidade onde é proibido o povo morrer,” como podem ser vistas abaixo:

A volta do Lampião ao inferno

[...]	Tomou dinheiro emprestado
Quando Lampião foi morto	Ao FMI
Primeiro ele foi ao céu	Ficou todo endividado.
Querendo falar com Cristo	
Não quis tirar o chapéu	O inferno passou anos
São Pedro fechou-lhe a porta	Sem poder recuperar
Foi o maior escarcéu.	E o dinheiro emprestado
	Também não pôde pagar
[...]	Pediu ajuda ao Brasil
	Pra dívida negociar.
Quando chegou ao inferno	
Foi a maior confusão	Pra Zélia Cardoso
Não lhes deixaram entrar	Ministra da economia
Lampião quebra o portão	Governo, Fernando Collor
Tocou fogo no inferno	Não houve burocracia
E foi vagar no sertão.	O acordo foi fechado
	Na maior hipocrisia.
Lampião com seu bando	
Deixou o inferno arrasado	[...]
Lúcifer pra construir	

Tomou posse do inferno
Sem precisar eleição
Escreveu para o Brasil
Dizendo a situação
E agora o reino dos diabos
Quem governa é Lampião.

[...]

Lampião se ofereceu
Para dar toda assistência
Quer ajudar o Brasil

Em caráter de emergência
Prender todos os bandidos
Combater a violência.

[...]

Quem dar papa pra bandido
É contra a sociedade
Bandido é um ser cristão
Predador da humanidade
Quem vive fazendo o mal
Não merece caridade.

(Pedro Costa)

Uma das maiores características da literatura de cordel, é que “o poeta não fala por si mesmo, mas por uma comunidade, uma população” (SILVA, 2008, p.162). Compreendemos assim que a poesia cordelista tem uma importância coletiva, onde a fala do poeta se mistura com o discurso da sua comunidade de leitores, como afirma Chartier (2002).

A leitura do cordel acima, nos possibilita ver a informação como forma de denúncia, ou seja, o poeta encontrou uma maneira de representar a realidade do seu país de forma humorística sem deixar de lado o conjunto de vozes à qual pertence. Portanto, de acordo com (SILVA, 2008, p.169):

[...] os escritos da literatura de cordel, podem ser traduzidos como plurais, eles estão inseridos numa rede de vozes, gestos, práticas e memórias articuladas ao contexto social, cultural e político. Uma rede de vozes que permite a articulação com o vivido, os poetas são tradutores de acontecimentos, cotidianos e ordinários, os versos embora individuais, fazem parte de uma coletividade, de uma intertextualidade.

Partindo desse pressuposto, através do discurso presente no cordel “A volta do Lampião ao inferno”, podemos extrair parte do contexto sociopolítico da época, por exemplo, o problema do Brasil com Fundo Monetário Internacional (FMI). O país foi levado a várias crises financeiras, e em meio a essa confusão, foram muitas as tentativas de negociação e novos empréstimos com a finalidade de sanar a dívida. Os personagens citados nos versos foram: a Ministra da Economia, Zélia Cardoso e Fernando Collor de Mello, então Presidente da República, que faziam parte do cenário político brasileiro nos primeiros anos da década de 1990. Esse período foi marcado por uma série de medidas impopulares tais como: congelamento de salários e confisco de depósitos bancários, o

que deixou a população bastante insatisfeita com a real situação da política e de economia brasileira. No trecho aqui descrito, o poeta critica abertamente os representantes políticos e suas tomadas de decisões. E posiciona-se claramente contra a violência, corrupção e a própria política. Além de levar o leitor a um lugar bastante familiar, ainda discute valores éticos numa tentativa de decodificar as notícias veiculadas nos meios de comunicação, transformando os fatos numa simples interpretação.

Outro recorte selecionado foi do cordel “Cidade onde é proibido o povo morrer”, que conta a história da cidade de Lajaron no interior da Espanha. No decorrer do texto, é razoável notar a contínua comparação entre o estilo de vida da cidade com e o do Brasil.

A cidade onde é proibido o povo morrer

[...]

A cidade de LAJARON
Lugar melhor para viver
No interior da Espanha,
Outra igual não pode ter,
O prefeito decretou;
Que é proibido morrer.

Os políticos da cidade,
Do povo tem todo aprovo
Não tem corrupção
Lá parece um mundo novo
Dão a César o que é de César
Dão ao povo o que é do povo.

[...]

Lá tem uma fonte sagrada
Que cura qualquer doença
Quem beber nela ou banhar
De Deus terá recompensa
De paz e felicidade
Independente da crença.

A família lá se ama
Não tem casal separado
Estupro, assalto e sequestro,
Sem terra e desempregado
Nem político trambiqueiro
E nem crime organizado.

[...]

O povo de LAJARON
Vive lá sem violência
Tudo em paz e união
Muito amor e paciência,
Tem velhinhos que já sonham
Com dois séculos de existência.

Os políticos lá são sérios
Nunca houve CPI
Respeitam seus eleitores
Outros iguais nunca vi
E homens públicos assim
Só existem mesmo ali.

[...]

[...]

(Pedro Costa)

De modo geral, o texto revela que o poeta descreve a cidade ideal, ou seja, sem violência, de políticos honestos, de moradores que gozam de boa saúde e de longa expectativa de vida, fazendo com que o leitor viaje por um mundo maravilhoso. O poema trata ainda da questão religiosa, da fé independente da crença das pessoas. O fato é que o verso trata de elementos e situações vivenciadas no cotidiano, como a política, a família e problemas sociais. Assim, é contada uma história baseada na realidade, embora tenha subsídios satíricos e hiperbólicos, a mensagem que o poema traz é a esperança por um país mais honesto, onde as pessoas possam acreditar no seu potencial.

Assim, nosso próximo tópico discute sobre mais uma categoria de cordéis para a escola, o “Cordel de amor à terra”.

5.4 Cordel de amor à terra

É comum entre os poetas fazer versos que exaltem sua terra, o que nos fez recordar a “Canção de Exílio” de Gonçalves Dias. Escrito em 1846, o poema traz elementos nacionais, como as palmeiras e o sabiá, além do amor à pátria, destaca as belezas naturais que só podem ser encontradas no nosso país. Ao fim do verso, Gonçalves Dias faz uma súplica a Deus para retornar a sua terra.

Nesse contexto, classificamos como Cordel de amor à terra a poesia do poeta Pedro Costa, “Teresina cidade-luz de encontro e encantos”, que trazem características similares a Canção de Exílio.

Teresina cidade luz de encontro e encantos

Sou poeta repentista
Da cultura nordestina,
Filho de Alto Longá,
Vim tangido pela sina
Aqui eu fui adotado
Passei amar Teresina.

A cada ano que passa
Se renova Teresina,
Querida Cidade Verde
Referência nordestina,
Do mais belo artesanato
E da melhor cajuína.

De uma gente inteligente
De alta desenvoltura
Na arte plástica e teatro,
Na dança e literatura
Uma fonte de talentos
Engrandecendo a cultura.

Teresina o seu calor
Vem enxugar nossos prantos
Seu verde traz esperança,
Os brilhos do sol são tantos
Tornou-se cidade luz
De encontros e encantos.

Teresina nos encanta
Com sua singeleza
O Parnaíba e Poty,
Vertentes da natureza
Nossos poetas não cansam
De cantar sua beleza.

[...]

Timon ama Teresina,

Piauí o Maranhão,
A ponte metálica faz
Esta forte ligação,
Dois estados sem fronteiras
Na mais perfeita união.

[...]

(Pedro Costa)

Na primeira estrofe, podemos observar que o cordelista se apresenta mostrando como iniciou seu amor pela cidade do coração. No decorrer do texto, aparecem características próprias da cidade, os rios Parnaíba e Poti, suas pontes, seu artesanato e a famosa cajuína (bebida extraída do caju). Todos esses aspectos nos fazem entender a valorização dos elementos que compõem a capital, além da exaltação à cultura local, o poeta narra e descreve Teresina, deixando transparecer o patriotismo romântico nos seus versos.

Ainda na esteira regional, passaremos a analisar a história do Motorista Gregório o Santo não canôizado do Piauí.

5.5 Cordel de conto regional: a história de um santo

Através da análise do livreto e das leituras feitas ao longo das investigações, verificamos que o cordel se caracteriza como conto, uma vez que apresenta particularidades desse gênero, tais como: um enredo simples, poucos personagens, tempo e espaço bem delimitados.

Outro ponto revelado pela análise foi a comoção da população de Teresina e Barras-PI com a morte do Motorista. Dessa maneira, Gregório foi ganhando fama de herói santo, e com o passar do tempo começaram a surgir comentários sobre milagres atribuídos a ele. Assim, o local onde aconteceu o assassinato, é reservado para os devotos que querem, agradecer e pedir graças ao Santo.

Como forma de devoção, os fiéis lhe oferecem água e acreditam que, quando essa evapora, seus pedidos serão atendidos. Alguns documentos mostram que sua santificação iniciou-se em 1927¹⁹ logo após a sua morte. Devido à romaria ao local, foi inaugurado um monumento para homenagear o Motorista, que fica localizado na Av. Marechal Castelo

¹⁹ CERCA de 100 mil pessoas visitaram cemitérios. **Diário do Povo do Piauí**. edição eletrônica. Teresina, 3 de nov.2014. Disponível em: <http://diariodopovo-pi.com.br/VerNoticia.aspx?id=22148>. Acesso em: 20/01/2016.

Branco em Teresina-PI. Assim, podemos concluir que a imagem de um santo foi criada pelo povo, embora ainda não tenha sido reconhecido como Santo pelo Vaticano.

Motorista Gregório, O santo brasileiro

Filho de Campina Grande
Homem simples nordestino
Trabalhava para a igreja
Servindo pai Deus divino
Sua vinda para Barras
Foi desígnio do destino.

Senhor Jaime de Carvalho
Um homem bem potestado
Comprou um automóvel FORD
O qual trouxe acompanhado
Gregório Ferreira dos Santos
Simples, humilde e honrado.
[...]

Gregório era um motorista
Vivia para trabalhar

Atento ao seu serviço

Nunca fez desabonar
Não faltava com respeito
Tinha um caráter exemplar.

[...]

Assim foi com Gregório
A triste fatalidade
Trafegava um certo dia
Pelo centro da cidade
Atropelou um garoto
Pra sua infelicidade

Esse menino era filho

De um algoz delegado
Bruto, cruel, sanguinário,
E sempre estava amparado
Pela farda que vestia
E o governo do Estado.

Mesmo andando com o Padre
Na maldita ocasião
Com juiz e um coronel
Gregório foi pra prisão
Não teve nenhum apoio
Do paróquio seu patrão.

[...]
Nas margens do rio Poty
Deixou Gregório a sofrer
Por lá passou três dias
Sem comer e sem beber
Torturado e acorrentado
Sem poder se defender.

[...]

Gregório não foi velado
Pelos seus familiares
De mártir tornou-se santo
Hoje de todos os lugares
Vem gente pagar promessa
Lhe botando nos altares.

[...]

(Pedro Costa)

De modo geral, ao fazer um levantamento dos cordéis aqui analisados, podemos averiguar que o poeta Pedro Costa, na maioria de suas publicações, traz explicações baseadas

nos aspectos históricos dos acontecimentos. Nesse sentido, é possível afirmar que suas produções, mesmo sendo de origem popular, fazem referência ao real, o que nos leva a entender que:

A história trata essencialmente do real, é um testemunho da sociedade, refere-se a uma trama complexa e efetiva de acontecimentos. A Literatura, para que nos interessa, considera os impossíveis da História, os possíveis até mesmo irrealizáveis, alude essencialmente ao virtual, ao potencial, a um repertório de possibilidades dadas pela história. (QUEIROZ, 2008, p.200).

O sentido dado a personagens que compõem a obra literária vem da vontade de realizar o irrealizável, como é colocado no fragmento de Queiroz descrito acima, por isso o autor, ao compor uma história, ele primeiro pensa no social e em suas relações, e dessa forma discute o indivíduo em uma dada realidade social, individualmente ou em grupo.

Além disso, podemos considerar que o poeta representa uma coletividade, traduz uma sensibilidade e elucida a vivência e a memória de uma sociedade, pois, segundo Cascudo (1978, p.52):

A tradição reúne elementos de estórias e de história popular, anedotas reais ou sucessos imaginários, críticas sociais, vestígios de lendas, amalgamados, confusos, díspares, na memória geral. Confundem com certas superstições. Parecem-me articular-se aos *rumores* clássicos, *o rumor antigo conta*, como dizia Camões, numa forma de comunicação de valores indistintos do saber coletivo.

Por esse motivo, a literatura de cordel se apresenta como uma escrita de valores coletivos que se articulam com sua comunidade de leitores e se adequam a qualquer temática, construindo novas linguagens, gestos e práticas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cordel, por narrar o cotidiano, traduzir sentimentos e registrar acontecimentos importantes de uma sociedade, se comporta como uma fonte historiográfica valiosa sob o olhar dos historiadores culturais. Através desta pesquisa, deixamos de ser guiadas apenas pelos documentos oficiais e fomos movidas pelas memórias dos nossos interlocutores que contribuíram para a preservação das lembranças do grupo.

Nesse contexto, ao descrever a história e a memória do Projeto Cordel nas Escolas, constatamos que o mesmo surge a partir do Festival de Violeiros, iniciativa importante para a manutenção da literatura oral no Piauí e estados vizinhos. Para reforçar o processo de revitalização da cultura cordelista, o Festival foi incorporado às solenidades de comemoração ao aniversário de Teresina, assim, desde o ano de 1971 sua realização acontece anualmente no mês de agosto.

A Casa do Cantador foi outro marco importante para o cordel e repente no Piauí, pois além de oferecer benefícios aos violeiros, como passagens, hospedagem e auxílio à saúde, ainda possui um acervo com fitas de rolo, fotos e livros, materiais importantes para pesquisadores e amantes dessa arte.

Então, com o fim de manter viva a tradição, o cordel foi levado para as escolas no início da década de 1990, tendo como público-alvo professores e alunos da rede pública, comandados pelo professor Pedro Mendes Ribeiro, que tinha por finalidade promover um diálogo entre arte, cultura e saberes formais.

E foi com o programa “Redescobrimo o Cordel”, que a iniciativa passou a atender aos fins específicos da educação formal, oportunizando a socialização da leitura, respeito e revitalização da cultura local. A partir dessas informações, podemos afirmar que o Projeto passou por duas fases: a fase do professor Pedro Mendes Ribeiro e a fase do poeta Pedro Costa. Dessa forma, a segunda fase foi o ponto central de nossas análises.

Assim sendo, com a criação da Fundação Nordestina do Cordel, no ano de 1999, o Projeto Cordel nas Escolas passou a incorporar uma das ações da FUNCOR. Através do edital nacional Pontos de Cultura, a iniciativa foi contemplada e reconhecida como importante veículo de divulgação da cultura popular no âmbito educacional.

Nessa segunda fase, o objetivo do projeto foi descobrir e estimular novos talentos do cordel e também dar oportunidade de trabalho a violeiros, repentistas e emboladores por meio de apresentações artísticas. O ponto de partida se deu em escolas onde os alunos conheciam parcialmente ou nada sobre a literatura popular.

Quanto às análises da memória dos nossos interlocutores, observamos que suas lembranças fazem parte de uma memória coletiva. E diante disso, verificamos que três dos nossos seis colaboradores remetem ao espaço familiar o primeiro contato com o cordel, deixando transparecer que esses fatos os influenciaram no decorrer de sua vida pessoal e profissional.

Diante disso, os dados confirmam a ideia dos autores quando discorrem sobre cultura do cordel, seus rituais e suas tradições, principalmente quando asseguram que essa arte de versejar é passada de pai para filho.

Conforme discutimos, incluir o cordel na educação possibilita ao aluno a ir além de simples versos, pois ele se coloca como um autor capaz de discutir sobre qualquer assunto, seja de suas vivências, seja de política seja da economia. E foi pensando nisso que nossos alunos/autores elegeram temáticas que versam sobre seu cotidiano, referindo-se também ao grupo ao qual pertencem.

Nesse sentido, entendemos que no momento da criação poética, o discente organiza o seu mundo através de uma representação coletiva, fazendo do cordel um escrito com sinais de suas experiências construídas em grupo.

Em relação às memórias sobre a presença efetiva do cordel nas escolas, os colaboradores lembram que essa prática tinha hora e local específicos para acontecer, ou seja, era desvinculada das ações da escola. De modo geral, a realização do Projeto só se tornou possível pelo respaldo que traziam seus organizadores, deixando a escola sem escolha para implantar ou não o Projeto na instituição.

Vimos também que com a doação de cordéis para as escolas, os alunos passaram a ter acesso à literatura oral e aprenderam a valorizar a literatura local. Pois esta permite uma interação entre o texto e o leitor, dando sentido àquilo que se deseja comunicar.

Enfim, observe as oficinas de cordéis realizadas durante o Projeto, deram ao aluno a liberdade de escrever e construir conhecimento e se articular com a comunidade em que está inserido.

Observamos também a grande importância do cordel nas escolas, tanto como elemento de ludicidade como de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Horácio de. **Literatura Popular em Verso**: antologia. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa 1976.

ALVES, Roberta Monteiro. Literatura de Cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. **Revista Fórum Identidades**, ano 2, v. 4, 2008, p. 103-109.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular?** São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 2007.

BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da Literatura de Cordel**. Natal: Manimbu, 1977.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Campanha das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOUGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 71-79.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____. **A Escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Universidade Paulista, 1992. p. 7- 38.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** : introdução aos parâmetros curriculares nacionais .Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

_____. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 12.796, de 2013.. Brasília: MEC, 2013..

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CAMPOS, Renato Carneiro. **Ideologia dos poetas populares do nordeste**. 2. ed. Recife: FUNARTE, 1977.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. Brasília: INL, 1978.

CATENACCI, Vivian. Cultura popular: entre a tradição e a transformação. **Revista São Paulo em perspectiva**, v.15, n.2, 2001, p. 28-35. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8574.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2014.

CLEMENTINO, Raimundo. Cordel e sua função social. In: **De Repente**, ano III, n.7, p.18, jan.1997.

COSTA, Pedro. **As modalidades e a técnica do repente**. Teresina. FUNCOR, 2010.

_____. **I Coletâneas de Cordéis Produzidos por Crianças**. Teresina. FUNCOR, 2007.

_____. **Poemário de Cordéis**. Teresina: EDUFPI, 2010.

_____. **O Cordel no Ensino de Ciências da Educação Básica**. Teresina: [s.n.], 2009.

_____. **O que é Cordel e seus mestres**. 4. ed. Teresina, [s. n.], 2009.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. São Paulo: HUCITEC, 1978.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Cazuza e o sonho da escola ideal**. São Luís: EDUFMA, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda . **Mini Aurélio século XXI**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. 2.ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2002.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel**: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa Qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. Portugal: Principia, 2006.

GULLAR, F. **Cultura posta em questão**: vanguarda e subdesenvolvimento. São Paulo, SP. José Olympio, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel**: do sertão à sala de aula. São Paulo: Paulus, 2013.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LOPES, E. M. S. T; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território plural**: a pesquisa em história da educação. São Paulo: Ática, 2010.

LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MARQUES, Francisco. Aventura Partilhada. IN: SILVA, René Marc da Costa. **Cultura popular e educação**: salto para o futuro. Brasília: Ministério da Educação, 2008. p. 171- 177.

MEDEIROS, Hadoock Ezequiel Araújo de; ALVES, José Hélder Pinheiro. PALMAS, GRITOS, ASSOVIOS: a leitura de cordel na sala de aula. IN: **Leia Escola**. Campina Grande, v. 14, n. 2, 2014.

MEGALE, Nilza Botelho. **Folclore Brasileiro**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1998.

MOURA, Paulo. Os clamores dos cordelistas. **De repente**, ano 2, n. 6, p.9-16, jun./1996.

MOURA, Francisco Miguel de. **Literatura do Piauí**. Teresina: Academia Piauiense de Letras- convênio com o Banco do Nordeste, 2001.

NÓVOA, António. Por que a História da Educação? In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria H. (Orgs.) **Histórias e memórias da educação no Brasil**, séculos XVI-XVIII. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 3-9 .

NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida. Revisitando a cultura popular no Piauí: marcas do passado nas manifestações do presente. In: SANTANA, R.N. Monteiro de (Org.). **Apontamentos para a História Cultural do Piauí**. Teresina: FUNDAPI, 2003. p.87-94.

QUEIROZ, Teresinha. História e Literatura. In: ADAD, Shara Jane Holanda da Costa; BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa; RANGEL, Maria do Socorro (Orgs). **Entre Línguas: movimento e mistura de saberes**. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 200- 214.

RIBEIRO, Pedro Mendes. **Casa do Cantador**. Teresina: HALLEY S.A, 1995.

_____. Contribuição do Piauí na Literatura de Cordel. **Revista da Academia Piauiense de Letras**, Teresina, n. 5, 1997.

ROMERO, Sílvio. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977.

SALVADOR, A. D. **Cultura e educação brasileiras**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 1971.

SANTOS, José Luiz. **O que é Cultura**. 9. ed. São Paulo: Editora Brasiliense. 1973.

SAUTCHUK, João Miguel. **A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino**. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

SILVA , Maria do Rosário da. Literatura de cordel: a escritura do ordinário. In: ADAD, Shara Jane Holanda da Costa; BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa; RANGEL, Maria do

Socorro (Orgs). **Entre Línguas:** movimento e mistura de saberes. Fortaleza: edições UFC, 2008. p. 160- 170.

SILVA, Marisa. O que vamos aprender hoje? In: _____. **Cultura popular e educação:** salto para o futuro. Brasília: Ministério da Educação, 2008. p.39-45.

SILVA, René Marc da Costa. **Cultura popular e educação:** salto para o futuro. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego (Orgs.). **A entrevista na educação:** a prática reflexiva. 3.ed. Brasília: Liber Livro, 2010.

TAVARES, Zózimo. A nova poesia popular. **De repente**, Teresina, ano 2, n. 6., p.5-8, jun.1996.

_____. Prefácio. In: COSTA, Pedro. **I Coletâneas de Cordéis Produzidos por Crianças.** Teresina: FUNCOR, 2007. p. 3- 4.

TINHORÃO, José Ramos. **Cultura popular:** temas e questões. São Paulo: 34, 2001.

TREVI, Carlos. Cordel, criação popular. In: BRASIL. Instituto Cultural Banco Real. **O Universo do Cordel.** Recife, PE: Instituto Cultural, 2008. p. 7.

VASQUEZ, Pedro Afonso. O universo do cordel. In: BRASIL. Instituto Cultural Banco Real. **O Universo do Cordel.** Recife, PE: Instituto Cultural, 2008. p. 11-27.

VIANNA, Letía. Patrimônio imaterial: novas leis para preservar... O quê? In: SILVA, René Marc da Costa. **Cultura popular e educação:** salto para o futuro. Brasília: Ministério da Educação, 2008. p. 119- 123.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz:** a “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ENTREVISTAS

COSTA, Pedro Nonato da. **Entrevista concedida a Amanda Ribeiro da Silva.** Teresina – PI, 2015.

ISMAEL SILVA. **Entrevista concedida a Amanda Ribeiro da Silva.** Teresina – PI, 2015.

FERREIRA NETO, José. **Entrevista concedida a Amanda Ribeiro da Silva.** Teresina – PI, 2015.

TAVARES, Zózimo. **Entrevista concedida a Amanda Ribeiro da Silva.** Teresina – PI, 2015.

RIBEIRO, Pedro Mendes. **Entrevista concedida a Amanda Ribeiro da Silva.** Teresina – PI, 2015.

SILVA, Leticia Roniella C. **Entrevista concedida a Amanda Ribeiro da Silva.** Teresina – PI, 2015.

JORNAIS

CANTADOR consegue maior divulgação. **O Dia**, Teresina, ano 32, s/n, p.8, 21,22 ago. 1983.

COMO pode o folclore ser utilizado na escola? **O Dia**, Teresina, ano 24, n. 4329, p.7, 24 out. 1975.

CORDEL, um meio de comunicação que tende ao desaparecimento. **O Dia**, Teresina, s/ano, n. 3769, p.5, 18,19 de nov. 1973.

DICIONÁRIO é condenado. **O Dia**, Teresina, ano XXXI, n. 8114, p. 3, 20 de ago. 1982.

FESTIVAL de violeiros vai ser iniciado no dia 19. **O Dia**, Teresina, ano 32, n. 5602, p.9, 9 ago. 1983.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd/ UFPI
 CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí vem ampliando as atividades de pesquisa com o intuito de contribuir com a melhoria da educação e das práticas pedagógicas. Neste sentido, gostaríamos de convidar-lhe para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa sobre O Projeto Cordel nas Escolas realizado nas redes pública municipal e estadual de Teresina.

Este trabalho de pesquisa será realizado pela mestranda Amanda Ribeiro da Silva, sob a orientação da Professora Dra. Maria do Amparo Borges Ferro. Em caso de dúvida, você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: PROJETO CORDEL NAS ESCOLAS: desenvolvendo a cultura cordelista no espaço escolar (1990-2007)

Pesquisadora Responsável: Amanda Ribeiro da Silva

Professora Orientadora: Pr. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro

Endereço: Universidade Federal do Piauí – Centro de Ciências da Educação - Programa de Pós-graduação em Educação.

Telefone para contato: (86) 9900-8360/ 3212-6482 (pesquisadora)

DESCRIÇÃO DA PESQUISA

Este trabalho de pesquisa tem por objetivo analisar as contribuições do projeto cordel nas escolas para o desenvolvimento da cultura cordelista no espaço escolar. Para concretização do estudo adotaremos como procedimentos metodológicos de coleta de dados a entrevista, sendo que para a realização dos mesmos precisaremos de sua colaboração.

Com esta pesquisa esperamos contribuir para uma maior abertura da cultura popular dentro do âmbito educacional. Romper com velhos preconceitos e direcionar professores e alunos a um novo olhar sobre a literatura popular brasileira, já que por muito tempo tornou-se desinteressante para a escola. Além de trazer transformações para uma educação mais dinâmica e motivadora.

A sua colaboração será de grande importância para a realização desse trabalho de pesquisa, no entanto, a participação é voluntária e você terá toda a liberdade de desistir quando assim avaliar necessário. Como também poderá se recusar a responder a qualquer questionamento que possam causar-lhe algum constrangimento.

As informações obtidas, durante os vários procedimentos da pesquisa, serão mantidas apenas para os fins da investigação.

Eu, _____, RG nº _____, abaixo assinado, concordo em fazer parte do estudo: PROJETO CORDEL NAS ESCOLAS: desenvolvendo a cultura cordelista no espaço escolar (1990-2007), na condição de colaborador(a), fornecendo as informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa. Tive pleno conhecimento das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo citado. Discuti com a mestrandia Amanda Ribeiro da Silva a minha decisão em participar neste estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, bem como as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas.

Concordo, voluntariamente, em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a sua realização. A retirada do consentimento da participação no estudo não acarretará em penalidades ou prejuízos pessoais.

Teresina, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Observações complementares:

Em caso de dúvida, você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI, localizado no Campus Universitário Ministro Petrônio Portella- Bairro: Ininga. Pró Reitoria de Pesquisa- PROPESQ. CEP: 64.049-550 - Teresina - PI.

Telefone: 86 3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.br

APÊNDICE B - Roteiro da entrevista (cordelista idealizador)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd/ UFPI
 CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TÍTULO DO PROJETO

PROJETO CORDEL NAS ESCOLAS: desenvolvendo a cultura cordelista no espaço escolar
 (1990-2007)

ORIENTADORA: Prof^ª Dra. Maria do Amparo Borges Ferro

ENTREVISTADORA: Amanda Ribeiro da Silva

ROTEIRO DA ENTREVISTA (cordelista idealizador)

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

LOCAL: _____ DATA: ____/____/2015

TEMPO DE ENTREVISTA: INÍCIO: ____:____ TÉRMINO: ____:____

O CORDEL

1. Como o cordel entrou em sua vida? Quem mais influenciou você?
2. Quando e como você começou a fazer cordel? Ainda lembra qual o foi o primeiro deles e o motivo que lhe levou a fazê-lo?
3. O que lhe fez tomar a decisão de levar o cordel para a escola?

4. Como foi o início do projeto? As primeiras ideias? As dificuldades enfrentadas para chegar a sua realização? A escolha das escolas?
5. Quais critérios foram considerados para a escolha dos outros colaboradores do projeto?
6. Como era desenvolvido o projeto dentro da escola? Qual a reação dos alunos? O que mais lhes chamaram atenção?
7. Como foi a publicação da primeira coletânea de cordéis produzidos por crianças? A escolha dos textos para o livro? Houve algum evento comemorativo no dia do lançamento?
8. Quem é o poeta antes e depois desse projeto?
9. E hoje, como vê o projeto? O que este lhe trouxe?

APÊNDICE C - Roteiro da entrevista (cordelistas colaborador)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd/ UFPI
 CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TÍTULO DO PROJETO

PROJETO CORDEL NAS ESCOLAS: desenvolvendo a cultura cordelista no espaço escolar
 (1990-2007)

ORIENTADORA: Prof^ª Dra. Maria do Amparo Borges Ferro

ENTREVISTADORA: Amanda Ribeiro da Silva

ROTEIRO DA ENTREVISTA (cordelistas colaborador)

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

LOCAL: _____ DATA: ____/____/2015

TEMPO DE ENTREVISTA: INÍCIO: ____:____ TÉRMINO: ____:____

O CORDEL

2. Como o cordel entrou em sua vida? Quem mais influenciou você?
3. Quando e como você começou a fazer cordel? Ainda lembra qual o foi o primeiro deles e o motivo que lhe levou a fazê-lo?
4. Como você vê o cordel dentro da escola?
5. Como você recebeu o convite para participar como colaborador do Projeto Cordel nas Escolas?

6. Qual a expectativa inicial em relação ao projeto?
7. Como foi o início do projeto? As primeiras ideias? As dificuldades enfrentadas para chegar a sua realização?
8. Como era desenvolvido o projeto dentro da escola? Qual a reação dos alunos? O que mais lhe chamou atenção?
9. Como foi a publicação da primeira coletânea de cordéis produzidos por crianças? A escolha dos textos para o livro? Houve algum evento comemorativo no dia do lançamento?
10. Quem é o poeta antes e depois desse projeto?
11. E hoje, como vê o projeto? O que este lhe trouxe?

APÊNDICE D - Roteiro da entrevista (alunos)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd/ UFPI
 CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TÍTULO DO PROJETO

PROJETO CORDEL NAS ESCOLAS: desenvolvendo a cultura cordelista no espaço escolar
 (1990-2007)

ORIENTADORA: Prof^ª Dra. Maria do Amparo Borges Ferro

ENTREVISTADORA: Amanda Ribeiro da Silva

ROTEIRO DA ENTREVISTA (alunos)

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

LOCAL: _____ DATA: ____/____/2015

TEMPO DE ENTREVISTA: INÍCIO: ____:____ TÉRMINO: ____:____

O PROJETO

1. Quando e como foi a primeira vez que você teve contato com a literatura de cordel?
2. Na época que aconteceu o projeto na sua escola, você ainda recorda qual o ano escolar que fazia?
3. Como era desenvolvido o projeto dentro da escola?

4. Você foi autor de um dos cordéis ensinados pelos poetas. Ainda recorda a temática trabalhada por você? E porque a fez?
5. Qual a reação dos alunos em relação ao projeto?
6. Você se via como autor naquela época? E hoje ao olhar o mesmo texto o que mudou?
7. Esse projeto contribuiu de alguma forma na sua vida dentro e fora da escola?

APÊNDICE E - Roteiro da entrevista (Pedro Mendes Ribeiro)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd/ UFPI
 CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TÍTULO DO PROJETO

PROJETO CORDEL NAS ESCOLAS: desenvolvendo a cultura cordelista no espaço escolar
 (1990-2007)

ORIENTADORA: Prof^ª Dra. Maria do Amparo Borges Ferro

ENTREVISTADORA: Amanda Ribeiro da Silva

ROTEIRO DA ENTREVISTA (Pedro Mendes Ribeiro)

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

LOCAL: _____ DATA: ____/____/2015

TEMPO DE ENTREVISTA: INÍCIO: ____:____ TÉRMINO: ____:____

DADOS PESSOAIS

1. Fale um pouco sobre você, começando pelo seu nome, data de nascimento e lugar onde nasceu.

O CORDEL

2. Como o cordel entrou em sua vida? Quem mais influenciou você?
3. Quando e como você começou a fazer cordel? Ainda lembra qual o foi o primeiro deles e o motivo que lhe levou a fazê-lo?

4. O que o levou a organizar o I festival de violeiros no Piauí? Quando e como aconteceu?
5. Como surgiu a biblioteca do cordel na casa do cantador?
6. Em algum momento durante essa trajetória, você teve a intenção de levar o cordel pra escola?

ANEXOS

ANEXO A - Projeto cordel nas escolas

PROJETO CORDEL NAS ESCOLAS

O PROJETO CORDEL NAS ESCOLAS, já foi conveniado pelo Ministério da Cultura, através do Programa Ponto de Cultura, foi realizado durante dois anos nas escolas da rede Estadual e Municipal de Ensino em Teresina com enorme repercussão.

A FUNDAÇÃO tem vários projetos na área social, um deles é o projeto CORDEL NAS ESCOLAS, desenvolvido nas escolas públicas estaduais e municipais de Teresina, que visa sensibilizar estudantes para a literatura de cordel, como forma de preservar, educar e divulgar essa cultura junto ao público jovem, além de oferecer trabalho e renda para violeiros, emboladores e cordelistas, através da ministração de oficinas e apresentações artísticas como principal ação, o Ponto de Cultura propõe o desenvolvimento de Gestão Compartilhada e Transformadora. Desta forma, o projeto foi premiado entre os trinta melhores projetos do Brasil, concorrendo com mais de três mil e oitocentas experiências em todo país no ano de 2006.

Em 2007, o PROJETO CORDEL NAS ESCOLAS, ganhou o selo PRÊMIO CULTURA VIVA, e o PRÊMIO ESCOLA VIVA, idealizado pelo MINISTÉRIO DA CULTURA, com patrocínio PETROBRÁS e coordenação do CENPEC – CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA, que tem como seu objetivo, reconhecer, incentivar e dar visibilidade que valorize a cultura brasileira como meio de construção de identidade e cidadania.

Nesse mesmo ano, a FUNDAÇÃO NORDESTINA DO CORDEL, visitou 20 (vinte) escolas municipais, em convênio com SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA – SEMEC, proporcionando conhecimento e a interação da arte com a educação, que faz perceber que produzir e escrever no estilo de LITERATURA DE CORDEL, além de estimular a leitura e escrita, é uma forma de valorização da identidade dos alunos.

O Projeto possibilita o crescimento intelectual, a forma de ver o mundo e de pensar na sua identidade como piauiense nordestino e brasileiro. Através desses objetivos que no ano de 2008, a FUNDAÇÃO NORDESTINA DO CORDEL – FUNCOR lançou o livro PROJETO CORDEL NAS ESCOLAS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE TERESINA, com os (60) melhores trabalhos dos alunos que participaram das OFICINAS DE CORDEL. O livro possui textos produzidos por alunos da rede municipal de ensino, que participaram das oficinas do PROJETO CORDEL NAS ESCOLAS em 2007. Desenvolvido

através da parceria entre a SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA – SEMEC e FUNDAÇÃO NORDESTINA DO CORDEL – FUNCOR. O livro é resultado da produção dos alunos durante as oficinas de cordel, que nos faz perceber que produzir cordel está ao alcance de todos.

No ano de 2008 o PROJETO CORDEL NAS ESCOLAS, consagrou-se como um dos grandes PROJETOS CULTURAIS DO PAÍS, ganhando o PRÊMIO CULTURAS POPULARES – MESTRE HUMBERTO DE MARACANÃ, que visa premiar iniciativas exemplares que envolvam as manifestações das culturas populares brasileiras. Nesse mesmo ano o PROJETO CORDEL NAS ESCOLAS, foi consagrado com o PRÊMIO LUDICIDADE – PONTINHOS DE CULTURA. Nesse mesmo período a FUNDAÇÃO NORDESTINA DO CORDEL em parceria com a SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA – SEDUC fez um convênio para visitar 50 (cinquenta) unidades escolares de ensino, nas periferias de Teresina. O projeto teve todas suas metas alcançadas.

A FUNDAÇÃO NORDESTINA DO CORDEL trabalhou com três programas Arte, Educação e Cidadania e com essa metodologia trouxe dois PRÊMIO ASAS DA CUTURA que tem como objetivo ampliar o acesso das comunidades mais excluídas ao usufruto de bens culturais e aos meios de fruição, produção e difusão desses bens com vistas à ação cultural em diferentes meios e linguagens artísticas e lúdicas, contribuindo para a divulgação dos meios mais efetivos de promover o desenvolvimento autônomo de suas atividades e o avanço do processo cultural da Rede dos Pontos de Cultura e o PRÊMIO PONTOS DE VALOR cujo o objetivo da premiação é identificar e mapear os Pontos de Cultura que apresentem práticas inovadoras em ações com foco na formação e promoção de valores de vida, para a compreensão das formas pelas quais os valores são transmitidos em diferentes meios e linguagens artísticas, inclusive a digital, com incentivo de uma política pública, subsidiando com isso a elaboração do Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional (RDH).

No ano passado a FUNDAÇÃO NORDESTINA DO CORDEL - FUNCOR, ganha dois prêmios o MÍDIAS LIVRES, que são consideradas iniciativas de comunicação compartilhada e participativa aquelas que reúnem pelo menos dois membros em sua equipe editorial e que buscam interatividade com o público. Elas podem desenvolver-se em qualquer suporte típico das comunicações – texto escrito, som, imagens, vídeos e multimeios – e se utilizar tanto de suportes físicos quanto eletrônicos, tais como televisões e rádios comunitárias, blogs, sites, publicações impressas, agências de notícias, produtoras de audiovisual ou qualquer outro meio que claramente se preste a atividades de comunicação e tornando-se um dos únicos PROJETO CULTURAIS a ganhar mais uma vez o PRÊMIO

PONTINHOS DE CULTURA, que são iniciativas que promovam estudo e ação de temas como: O Direito de Brincar, A Educação infantil no Brasil, Direitos e Deveres de Crianças e Adolescentes, Consciência Ambiental, Formação artística e Cultural das Crianças e Adolescentes Brasileiros infância cultura e ancestralidade com a participação das crianças, adolescentes, portadores de necessidades educativo especiais, pais, educadores e representantes de Conselhos Tutelares e de Direitos da Criança e do Adolescente nas atividades da entidade premiada; Facilitar e promover encontros de formação, vivências, palestras, oficinas e trocas de experiências, principalmente, que sejam relacionadas a pesquisa, transmissão e preservação da Cultura da Infância; Promover estudo sobre o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, que fortaleça a política nacional de transmissão e preservação da Cultura da Infância e da Adolescência através de palestras para a comunidade, oficinas, cursos, seminários, brincadeiras, etc...

:::Justificativa :::

O projeto visa sensibilizar estudantes para a literatura de cordel, como forma de preservar, educar e divulgar essa cultura junto ao público jovem, além de oferecer trabalho e renda para violeiros, emboladores e cordelistas, através da ministração de oficinas e impressão de folhetos de Literatura de Cordel.

Levar a literatura de cordel até a escola significa oferecer um importante incentivo no meio de educação aos alunos dos ensinos, fundamental e médio. Através da poesia popular o aluno poderá conhecer aspectos da história do nordestino, pois o cordel retrata a cultura, o cotidiano, a realidade do povo e suas peculiaridades. A LITERATURA DE CORDEL pode versar sobre qualquer assunto e ser utilizado como instrumento pedagógico para debater temas relacionados à educação escolar como cidadania, solidariedade, preconceito, discriminação racial, consciência ambiental, espiritualidade, ética, educação sexual, combate às drogas, violência, condição social da população, amor ao próximo...

O PROJETO CORDEL NAS ESCOLAS tem como objetivo sensibilizar estimular e descobrir novos talentos na literatura de cordel entre os estudante como forma de preservar e dar continuidade a cultura popular do cordel, além de facilitar a leitura e a linguagem na sala de aula.

:::OBJETIVOS ESPECÍFICOS:::

- o Ministras Oficinas de Cordel, como forma de descobrir novos talentos.

- o Apresentar Duplas de Violeiros, Emboladores e Declamadores para sensibilização do público.
- o Propiciar trabalho e renda para Violeiros, Cordelistas e Emboladores.
- o Reconhecer a importância da literatura de cordel como patrimônio histórico e cultural do povo piauiense, nordestino e brasileiro.
- o Utilizar a poesia de cordel como recurso pedagógico para debater temas relacionados à educação escolar como cidadania, solidariedade, preconceito, discriminação racial, consciência ambiental, espiritualidade, ética, educação sexual, combate às drogas, violência, educação de trânsito, condição social da população e amor ao próximo...
- o Estimular a leitura, produção de folhetos de cordel entre, alunos e demais integrantes da comunidade escolar.
- o Transformar a literatura de cordel em um veículo de comunicação de massa.

Metas:

- o No ano de 2012, contemplar 50 (cinquenta) escolas Estaduais da periferia e comunidades adjacentes, na Capital Teresina, no primeiro e segundo semestre, dividido em 8 (oito) Etapas no ano de 2012
- o Publicação de 27.500.000 (vinte e sete mil e quinhentos) folhetos para distribuição gratuita aos alunos de cada escola visitada e doação de folhetos para as bibliotecas das referidas escolas.
- o Títulos de Cordéis a serem adquiridos para execução do PROJETO CORDL NAS ESCOLAS

1 - A CARTILHA DO TRÂNSITO

3 - CORDEL SEM A LETRA "E"

3 - CORDEL SEM A LETRAS "A"

4 - O CORDEL E O REPENTE POR CAMINOS DIFERENTES

5 - OS TRINTA ARTIGOS DO DIREITOS HUMANOS

6- A CARTILHA DA DENGUE

7 - DST - A CARTILHA DE PREVENÇÃO - AIDS

8 - A LENDA DO CABEÇA DE CUIA

9 - O CASAMENTO DE CUIA COM A NUM SE PODE

10 - APAGUE O CIGARRO ANTES QUE LE VENHA TE APAGAR

11 - DROGA CRACK - TIRE ESSA PEDRA DO SEU CAMINHO

12 - O QUE É CORDEL

13 - A BATALHA DO JENIPAPO

14 - UM CORDEL PRA TERESINA

15 - HISTÓRIA DO MUNDO HÁ CINCO MILHÕES DE ANOS

16 - A LENDA DO CABEÇA DE CUIA

17 - PRIMEIRA REUNIÃO DOS LÍDERES MUNDAÍS NO INFERNO

- o As Oficinas de Cordel acontecerão em 50 (cinquenta) unidades escolares nos turnos: Manhã, Tarde e Noite por semana com duração de três horas aulas, para cada escola.
- o As apresentações artísticas acontecerão em 50 (cinquenta) escolas da rede estadual, no pátio da escola no início de cada turno; apresentações artísticas com Violeiros ou Emboladores e Declamadores além distribuição de folhetos e Paletas sobre a Origem e os Mestres da LITERATURA DE CORDEL.
- o Quantidade e perfil do público alvo atingido; 25.000 (vinte e cinco mil) estudantes da rede pública estadual de ensino.

:::ESTRUTURA NECESSÁRIA:::

- o Sala com capacidade para 40 alunos;
- o Quadro Acrílico ou Negro.

:::Contra Partida:::

- o Filmagem
- o Tiragem de Fotos
- o Locomoção
- o Telefone
- o Refeição

ANEXO B Plano de curso

PLANO DE CURSO

1. OBJETIVOS

- Sensibilizar estudantes secundaristas para a Literatura de Cordel, como forma de resgatar, preservar e divulgar essa manifestação cultural junto ao público jovem;
- Estimular e descobrir novos talentos na Literatura de Cordel entre os estudantes;
- Oportunizar a que, através de histórias e improvisos, o aluno vivencie regras (rima, métrica, verso, estrofe e narrativa) do cordel e do repente.

2. EMENTA: O que é Literatura de Cordel. Origem e evolução. Autores. O processo de criação do texto em cordel.

3. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

UNIDADE I – O que é Cordel

- A importância
- Origem e evolução

UNIDADE II- Cordelistas e Cantadores

- Características;
- Clássicos do Cordel
- Autores

UNIDADE III – Como fazer versos

- Noções de versificação
- Versos populares
- Produção de textos em cordel

4. PROCEDIMENTOS

Aulas expositivas dialogadas. Estudo e discussão de textos. Discussão em grupo. Exercícios.

5. AVALIAÇÃO

O processo de avaliação levará em conta os textos produzidos em classe (ou extraclasse), bem como a participação do aluno nas atividades do curso.

6. BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, Gilmar de. *Poetas do Povo do Piauí*. São Paulo: Terceira Margem, 2001
 LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1983
 MARIA, Zé. *Curso Prático de Literatura de Cordel*. (apostilha). Fortaleza, 2004
 MAXADO, Franklin. *O que é literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980
 MEYER, Marlyse. *Autores de Cordel*. Col. Literatura Comentada. São Paulo: Abril, 1980
 RIBEIRO, Pedro. *Nos caminhos do repente*. Teresina: Halley, 1995
 SOBRINHO, Joaquim Mendes. *Como Fazer Versos*. Teresina: Rima, 2005
 Revista DE REPENTE -- várias edições

ANEXO C- Literatura de Cordel

Literatura de Cordel 8 Páginas

De 2,00 R\$ por apenas 1,00 R\$

1. A sociedade de São Pedro com o Satanás;
2. A briga da mãe do cão com lampião no inferno;
3. A mulher tem o sabor da Maçã e a Malícia e o veneno da serpente;
4. A mulher que quebrou as gaias do mundo com uma Mao de pilão;
5. ABC da saudade;
6. A briga de galo preto e o cangaceiro de Zé bento;
7. A moça que se amigou com o jumento;
8. A mulher do homem da burra cega;
9. A corrupção de hoje em dia;
10. A moça que casou dez vezes e continuou donzela;
11. As três moças que queria, casar;
12. A chegada de Frei Damiao no céu;
13. As aventuras de seu lunga no engenho do barão;
14. A nova eleição dos cornos;
15. A moça que virou porca;
16. A mlher da "Coisa Grande";
17. A pulga na camisola;
18. A velha Chica que Fez o velho cagar apalso;
19. As origens do Cordel;
20. A mulher da bunda grande sempre teve nota dez;
21. A moça que virou cachorra em Minas Gerais;
22. A carta misteriosa do Padre Cícero Romão;
23. A mulher que não tem dono todo mundo e dona dela;
24. A moça da curva grande e o negro do cipó branco;
25. As lagrimas de um jumento apaixonado;
26. A moça que so viva querendo afogar o ganso;
27. A filosofia do peido na linguagem popular;
28. A mulher que castrou o marido em Maceió;
29. ABC dos corno;
30. A chegada de Silvino na Vila Macaparana;
31. A brigada de nó cego com o Chico doido do Cao;
32. ABC do cachaceiro;
33. A mulher e como louça, lavou, enxugou, ta nova;
34. A moça que o bicho mordeu numa noite de São Joao;
35. A mulher que enganou o diabo;
36. A velha do tabaco cheiroso e o velho dos ovos grandes;

37. A moça que virou cabra no sertão do Ceará;
38. A briga de Zé formiga com Maria Tabacão;
39. A mulher que perdeu a bunda no estado da Bahia;
40. A mocidade de hoje no gozo da beira mar;
41. A vinda da Besta Fera;
42. A moça que fez promessa com santo Antonio;
43. A propaganda de um matuto com um balaio de macaxeira;
44. A crise e a carestia matando o povo de fome;
45. A filha que matou o pai por causa de uma pitomba;
46. A grande briga de um velho e uma velha em Mossoró;
47. A historia de um chifrudo metido a corno;
48. A vida de João corninho com Maria sem vergonha;
49. A morte de Raimundo Jacó e a missa do vaqueiro;
50. A mulher que botou chifre no diabo;
51. A moça que dançou com satanás no inferno;
52. A briga de Antonio Silvino com lampião no inferno;
53. A boa vida do rico e a triste vida do pobre;
54. Beijo de mulher bonita e carinho de mulher feia;
55. Briga por causa de chifre numa vila sertaneja;
56. A briga do genro com a sogra acaba pegando fogo;
57. Branca de neve e os sete anões;
58. Cavalo marinho;
59. Carlos e aldagiza, quando o amor e mais forte;
60. Chiquinha do bago mole e o negro Zé beçudo;
61. Do homem pra mulher tem muita historia pra contar;
62. Dois matutos conversando na fazenda de tomás;
63. Dois glosadores do copo no sertão de bodocó;
64. Dicionário do amor;
65. Dicionário das flores;
66. Dicionário amoroso dos jardins da mocidade;
67. Discussão de um casado com um solteiro;
68. Discussão de costa leite com Cícero Pedro de Assis;
69. Discussão de um poeta com uma mulher sem dono;
70. Discussão de Chico Beçudo com Zefa Fumaça;
71. Discussão de um Praieiro com um Sertanejo;
72. Encontro de um vendedor de fumo com a Velha que vendia tabaco;
73. Encostou a quebradeira;
74. Estamos no fim da era;
75. Eu admiro a beleza do corpo da mulher nua;

ANEXO C- Banca de estrela da poesia

BANCA ESTRELA DA POESIA

GANDE PROMOÇÃO EM LITERATURA DE CORDEL:

CORDEIS DE R\$ 8,00 À R\$ 4,00
CORDEIS DE R\$ 6,00 À R\$ 3,00
CORDEIS DE R\$ 5,00 À R\$ 2,50
CORDEIS DE R\$ 4,00 À R\$ 2,00
CORDEIS DE R\$ 2,00 À R\$ 1,00

A Batalha de Oliveira.
 A Briga de dois Matutos por causa de um jumento.
 A briga de são Pedro com Jesus por causa do inverno.
 A Chegada de Lampião no Céu.
 A Chegada de Lampião no Inferno.
 A Donzela Teodora.
 A Intriga do Cachorro com o Gato.
 A Louca do Jardim.
 A moça que se casou 14 vezes e continuou donzela.
 A moça que se casou 18 vezes e continuou donzela.
 A morte e o testamento de João Grilo.
 A Mulher que enganou o diabo.
 A Princesa da pedra Fina.
 A princesa do reino do mar sem fim.
 A segunda vinda de canção de fogo.
 A Vaca Misteriosa.
 Alonso e Marina.
 Amor de mãe.
 Antonio Cobra choca.
 Antonio Silvino e o Negrão Corrupto.
 Antonio Silvino.
 As astucias de Camões.
 AS perguntas do rei e as respostas de Camões.
 Cidão e Helena.
 Coco Verde e Melancia.
 Floriano e a Negra Feiticera.
 Helena a Virgem dos Sonhos.
 João Corajoso.
 João da Cruz.
 João de Calais.
 João Sem Medo.
 João Valente e a Montanha Maldita.
 Josafa e Marieta.
 José de Sousa Leão.
 Jovelina e Daniel.
 Juvenal e o Dragão.
 Lourival e Teresinha.
 O A B C dos namorados.
 O boi leitão.
 O Rei Misterioso

O cachorro dos Mortos.
 O Comprador de Barulho.
 O Contador de Mentira.
 O contador de mentiras.
 O debate de Camões com um sábio.
 O Encontro de Cancão de Fogo com Pedro Malazarte.
 O Encontro de João Grilo e o Chicó.
 O encontro de Zé Garcia com José de Sousa Leão.
 O Filho de Juvenal e o Dragão.
 O Filho do Pavão Misterioso.
 O Jogador na Igreja.
 O Negrão do Paraná.
 O Pavão Misterioso.
 O Testamento e a Vida de Cancão de Fogo.
 O Valentão do Mundo.
 O Vaqueiro Damião.
 Os três conselhos da sorte.
 Romeu e Julieta.
 Rosamunda e a morte do gigante.
 Rosinha e Sebastião.
 Rufino Rei do Baruro.
 Valdemar e Irene.
 Vicente e Josina.
 Vicente o rei dos ladrões.
 Zé Garcia.
 Zezinho e Mariquinha.
 O casamento do macaco com a onça.
 O encontro da cobra choca com o sertanejo valente.
 Dimas e Madalena.
 O homem do surrão misterioso.
 O gigante quebra osso.
 João valente e a montanha maldita.
 Jesus o mestre dos mestres.
 O ferreiro das 3 idades.
 Os olhos de minha mãe.
 Corisco o vingador de Lampião.
 Vida e morte de Lampião.
 O preguiçoso que fez um pacto com o cão.
 O prêmio da consciência.
 Percepção sob o mundo.
 Rufino e Aldagiza, aventura, amor e luta.
 Provérbios engraçados do cordel.
 Joãozinho na escola.
 Você fica ou namora.
 A guerra dos passarinhos.
 O carroceiro e o burro.
 Os quatro garimpeiros.
 Mistérios dos três anéis.
 A primeira vez

= 31 = 10 = 2014 =